



**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**  
**Instituto de Ciências Humanas e Sociais**  
**Programa de Pós Graduação em História**  
**Doutorado em História**  
**Relações de Poder e Cultura**  
**Relações de poder, linguagens e história intelectual**

**AS CONSTRUÇÕES DOS FEMININOS NOS DISCURSOS DE NISE DA  
SILVEIRA (1926-1967)**

Defesa de doutorado  
Doutoranda: Bruna Rodrigues dos Santos  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra.  
Luciana Mendes Gandelman  
Banca: Professor (a) integrante interno (a):  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fabiane Popinigis  
Professor (as) integrante externo (a):  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Alessandra de Andrade Rinaldi  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tânia Salgado Pimenta  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cristiana Facchinetti

Seropédica  
Outubro  
2021

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**  
**Instituto de Ciências Humanas e Sociais**  
**Programa de Pós Graduação em História**  
**Doutorado em História**  
**Relações de Poder e Cultura**  
**Relações de poder, linguagens e história intelectual**

**AS CONSTRUÇÕES DOS FEMININOS NOS DISCURSOS DE NISE DA  
SILVEIRA (1926-1967)**

**BRUNA RODRIGUES DOS SANTOS**

*Sob a orientação da Professora Doutora*

Luciana Mendes Gandelman

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em História, no Curso de Pós-Graduação em História da UFRRJ. Área de concentração: Estado e Relações de Poder. Língua de pesquisa: Relações de poder, linguagens e história intelectual.

Seropédica  
Outubro  
2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**TERMO Nº 43 / 2022 - PPHR (12.28.01.00.00.49)**

**Nº do Protocolo: 23083.003711/2022-82**

**Seropédica-RJ, 21 de janeiro de 2022.**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BRUNA RODRIGUES DOS SANTOS

TESE submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de DOUTORA, no Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA, Área de Concentração em RELAÇÕES DE PODER E CULTURA DISSERTAÇÃO.

APROVADA EM 28 de outubro de 2021

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Professora Doutora LUCIANA MENDES GANDELMAN - Orientadora - UFRRJ  
Professora Doutora TÂNIA SALGADO PIMENTA - FIOCRUZ  
Professora Doutora ALESSANDRA DE ANDRADE RINALDI - UFRRJ  
Professora Doutora FABIANE POPINIGIS - UFRRJ  
Professora Doutora CRISTIANA FACCHINETTI - FIOCRUZ

*(Assinado digitalmente em 24/01/2022 09:31 )*  
ALESSANDRA DE ANDRADE RINALDI  
COORDENADOR CURS/POS-GRADUACAO - TITULAR  
PPGCS (12.28.01.00.00.91)  
Matrícula: 1280272

*(Assinado digitalmente em 31/01/2022 09:52 )*  
FABIANE POPINIGIS  
COORDENADOR CURS/POS-GRADUACAO - TITULAR  
PPHR (12.28.01.00.00.49)  
Matrícula: 1579919

*(Assinado digitalmente em 21/01/2022 09:22 )*  
LUCIANA MENDES GANDELMAN  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DepthRI (12.28.01.00.00.86)  
Matrícula: 1718370

*(Assinado digitalmente em 24/01/2022 20:44 )*  
TÂNIA SALGADO PIMENTA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 034.149.997-81

*(Assinado digitalmente em 21/01/2022 13:16 )*  
CRISTIANA FACCHINETTI  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 869.812.187-04

Para verificar a autenticidade deste documento entre em  
<https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **43**, ano:  
**2022**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **21/01/2022** e o código de verificação: **6e3942ca2d**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico  
Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

237c

Santos, Bruna Rodrigues dos, 1990-

AS CONSTRUÇÕES DOS FEMININOS NOS DISCURSOS DE NISE  
DA SILVEIRA (1926-1967) / Bruna Rodrigues dos  
Santos. - Rio de Janeiro, 2022.

109f.

Orientador: Luciana Mendes Gandelman.

Tese (Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, PPHR, 2022.

1. Nise da Silveira. 2. Discurso. 3. Feminino. 4.

História da Psiquiatria. 5. Medicina . I. Mendes

Gandelman, Luciana , 1973-, orient. II Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro. PPHR III. Título.

## RESUMO

SANTOS, Bruna Rodrigues dos. As construções dos femininos nos discursos de Nise da Silveira (1926 – 1967)

O objetivo desta investigação é analisar as construções dos femininos nos discursos médicos de Nise da Silveira (1905 – 1999), entre finais dos anos vinte até a década de sessenta. Silveira formou-se em medicina na Faculdade da Bahia, em 1926, apresentando como trabalho de conclusão de curso, um ensaio sobre a criminalidade feminina. Com o intuito de abordar essa temática, Silveira transitou em sua tese por uma gama de discursos médicos, tais como: a antropologia criminal, a teoria da degenerescência, a higiene mental e a psicanálise. Nesse período, Silveira também fez uso de uma concepção organicista sobre a natureza patológica feminina. Em 1928, ao falar sobre o crime feminino em uma entrevista para uma revista, enfatizou sobre o problema social da condição feminina no Brasil.

Na década de trinta, no Rio de Janeiro, a médica escreveu um artigo sobre filosofia e sociedade, apropriando-se de uma ótica marxista, falando de temas relacionados ao proletariado e de uma revolução socialista. Neste período, a médica manteve uma postura antifascista. Em 1944, após voltar de uma prisão política, Silveira passou a atuar como psiquiatra, no Centro Psiquiatra Nacional de Engenho de Dentro. Do final dos anos quarenta até os anos sessenta, a médica construiu discursos relacionados a saúde mental, que envolviam a terapêutica ocupacional, a esquizofrenia, o inconsciente e a subjetividade, apropriando-se principalmente das teorias de Carl Gustav Jung.

No que diz respeito à loucura feminina, Silveira a partir das contribuições de Jung, construiu uma ideia de um instinto feminino estruturado no inconsciente da mulher. Ao relacionar as noções de feminino, natureza e psiquê, nos anos cinquenta Silveira compreendeu o feminino como algo naturalizado e pertinente à dicotomia masculino/feminino.

**PALAVRAS CHAVES:** Nise da Silveira; Discurso; Medicina; Feminino.

## ABSTRACT

SANTOS, Bruna Rodrigues dos. The constructions of the feminine in Nise da Silveira's speeches (1926 – 1967)

The objective of this investigation is to analyze the constructions of the feminine in the medical discourses of Nise da Silveira (1905 - 1999), between the late 1920s and the 1960s. Silveira graduated in medicine at the Faculty of Bahia, in 1926, set as the end of her course work, an essay on female criminality.

In order to address this issue, Silveira moved in her thesis through a range of medical discourses, such as: criminal anthropology, the theory of degeneracy, mental hygiene and psychoanalysis. During this period, Silveira also made use of an organicist conception of the female pathological nature. In 1928, when talking about female crime in an interview for a magazine, she emphasized the social problem of the female condition in Brazil.

In the thirties, in Rio de Janeiro, the doctor wrote an article on philosophy and society, adopting a Marxist perspective, talking about themes related to the proletariat and a socialist revolution. During this period, the doctor maintained an antifascist stance. In 1944, after returning from a political prison, Silveira started working as a psychiatrist at the National Psychiatric Center of Engenho de Dentro. From the late 1940s to the 1960s, the doctor constructed discourses related to mental health, which involved occupational therapy, schizophrenia, the unconscious and subjectivity, appropriating mainly the theories of Carl Gustav Jung. With regard to female madness, Silveira, based on Jung's contributions, built an idea of a female instinct structured in the woman's unconscious. By relating the notions of feminine, nature and psyche, in the fifties Silveira understood the feminine as something naturalized and relevant to the male/female dichotomy.

**KEYWORDS:** Nise da Silveira; Speech; Psychiatry; Medicine; Female.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta tese a minha mãe Carmen, uma mulher negra e pobre que trabalhou muito para que eu conseguisse ter acesso aos estudos. Dedico ainda, aos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff que possibilitaram através das políticas sociais à entrada de jovens descendentes de africanos e ameríndios nas universidades públicas do país. Dedico também, ao meu companheiro Victor Lohan Silva Gomes, pessoa que me deu suporte afetivo e financeiro para a finalização deste trabalho.

Essa tese também foi feita em memória de José Carlos Ferreira, homem negro que sempre apoiou o meu desejo de permanecer na universidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, a Exu e demais orixás, principalmente a Oxum e Ogum. Agradeço também aos meus ancestrais, pois sem eles a minha vida não teria sido possível. Agradeço a minha família pelo apoio incondicional, a minha mãe Carmen Félix dos Santos, a minha irmã Flávia Rodrigues dos Santos, a minha cunhada Ilda Felício e ao meu irmão Fábio Rodrigues dos Santos.

Agradeço ao meu companheiro Victor Lohan Silva Gomes por sua compreensão e dedicação, bem como a toda a sua família pelo apoio, em especial, à Kátia Virgínia e a Hilário Gomes. Agradeço ainda às amigas Carolina Hermeto e Yolanda Lopes, pois me auxiliaram em muitos momentos.

Agradeço aos amigos Gabriel Melgaço, Paulo Alexandre e ao professor Carlos Domingos, pelo incentivo.

Agradeço ao pesquisador Dylan Blau Edelstein, por toda a sua colaboração em relação à pesquisa. Agradeço ao professor Alain Pascoal Kaly, por suas gentis contribuições em meu desenvolvimento pessoal. Agradeço a minha querida orientadora Luciana Mendes Gandelman, por estar ao meu lado, ao longo de toda minha trajetória acadêmica. Agradeço ao PPHR e a UFRRJ pelo suporte que me possibilitou continuar na universidade.

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001*

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001.*

“É necessário se espantar, se indignar e se contagiar.Só assim é possível mudar a realidade”.

Nise da Silveira.

## **ABREVIATURAS**

CCM: Clube de Cultura Moderna  
CPN: Centro Psiquiátrico Nacional  
DP: Dulce Pandolfi  
HNA: Hospital Nacional dos Alienados  
IPUB: Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil  
LBHM: Liga Brasileira de Higiene Mental  
NS: Nise da Silveira  
MII: Museu de Imagens do Inconsciente  
MAM: Museu de Arte Moderna  
SNDM: Serviço Nacional de Doenças Mentais  
STOR: Sessão de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação  
TSN: Tribunal de Segurança Nacional  
UFB: União Feminina do Brasil

## SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1: Degenerescência, prevenção social e crime feminino no discurso de Nise da Silveira	16
1.1. Degenerescência, crime e loucura na tese de Nise da Silveira	16
1.2. O discurso de prevenção social em Nise da Silveira	24
1.3. O crime feminino na visão de Nise da Silveira	34
1.4 Nise da Silveira e a prostituição como um problema social	41
Capítulo 2: Ligações Subversivas: as redes de sociabilidades de Nise da Silveira no Rio de Janeiro	48
2.1. Ser um intelectual comunista: Nise da Silveira e a República do Curvelo	48
2.2. Nos percursos antifascistas: Nise da Silveira e o Clube de Cultura Moderna	54
2.3. Nise da Silveira nas malhas do Tribunal de Segurança Nacional: entre a UFB e a ANL	60
Capítulo 3: Repensando a loucura: o discurso de Nise da Silveira em contraposição à psiquiatria brasileira	67
3.1. Uma psiquiatria organicista e cartesiana	67
3.2. As atividades plásticas como instrumento de luta e o questionamento do status da esquizofrenia	76
3.3. A terapêutica ocupacional como projeto de expansão	85
3.4. Investigações psicológicas: loucura e feminino na compreensão de Nise da Silveira	92
Conclusão	99
Referências Bibliográficas	100
Escritos impressos de Nise da Silveira	109
Cronologia	111

## INTRODUÇÃO

Encontrei Nise da Silveira, no final de 2015, em uma agenda do PCB que serviria para o ano de 2016, onde apontavam pequenos trechos biográficos sobre as mulheres revolucionárias que atuaram no partido. No mesmo período, ao visitar uma livraria em Botafogo, deparei-me com a foto biografia publicada em 2014 por Luiz Carlos Mello, na época diretor do Museu de Imagens do Inconsciente. Esse memorável trabalho reuniu uma variedade de informações sobre Silveira, entre as quais: fotografias, trechos de cartas e trechos de entrevistas que possibilitarem o desenvolvimento da minha curiosidade sobre a médica psiquiatra<sup>1</sup>. Interessei-me, sobretudo, pelo o objetivo do autor de apontar os caminhos que Silveira, “uma psiquiatra rebelde”, percorreu na psiquiatria brasileira do século XX.

Nise da Silveira nasceu em Maceió no ano de 1905 e faleceu no Rio de Janeiro em 1999, aos 94 anos. A médica foi um sujeito com uma longa trajetória de vida, pois viveu quase um século. Silveira formou-se em medicina na Faculdade da Bahia, em 1926. Ela chegou à cidade do Rio de Janeiro em 1927, onde cultivou sociabilidades socialistas e antifascistas. Em 1933, foi aprovada no concurso para profilaxia mental do Hospital Nacional dos Alienados na Praia Vermelha<sup>2</sup>. Em 1936, ocorreu a sua prisão pela polícia de Getúlio Vargas, acusada de comunismo e subversão<sup>3</sup>. O retorno de Silveira ao serviço público ocorreu em 1944, na enfermaria do Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro (CPN). Dois anos depois, inaugurou em 1946, a STOR, Sessão de Terapêutica Ocupacional e de Reabilitação, espaço no qual desenvolveu seus longos anos de trabalho na condição de psiquiatra.

Construiu-se um discurso, acerca da atuação de Nise de Silveira na STOR como de uma psiquiatra rebelde. O trabalho do escritor Ferreira Gullar (1996) caminhou, nesse sentido<sup>4</sup>. Da mesma forma, sob a perspectiva da psicologia, Walter Melo também construiu a trajetória de Nise da Silveira na psiquiatria, atribuindo a médica em suas contraposições a psiquiatria, a imagem de um “anjo duro”, especialmente no âmbito da defesa da terapêutica

---

<sup>1</sup> MELLO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira. Caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2014.

<sup>2</sup> A ideia de profilaxia mental está ligada a questão da medicina preventiva e da higiene da sociedade brasileira. Ver: COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Campus: 1980.

<sup>3</sup> PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Relumé Dumará. Rio de Janeiro, 1995, p. 37.

<sup>4</sup> GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relumbe Damara, 1996.

ocupacional como método de tratamento mais humanizado para os transtornos mentais<sup>5</sup>.

A tese de Sandra Fernandes (2015) buscou traçar “a reconstituição do itinerário de resistência de Nise da Silveira, no contexto da saúde mental do Brasil,” apontando imagens da psiquiatra como uma “libertária”, que trazia como característica uma “rebeldia subalterna”<sup>6</sup>. O trabalho de Fernandes considerou as contribuições de Silveira como uma “cientista que inaugura um novo patamar na psiquiatria, psicologia, epistemologia dos estudos dos transtornos mentais, conformando um novo território que ligou a arte, a clínica, a loucura e a subjetividade”<sup>7</sup>.

Felipe Magaldi, procurou em sua tese (2018) investigar o que chamou de “O Mundo Nise”, realizando um recorte dos anos quarenta até os tempos atuais, o antropólogo buscou elaborar a genealogia de um saber intitulado “psiquiatra rebelde”. Segundo Magaldi, Silveira construiu um projeto médico científico pela compreensão de unicidade das coisas que ligava as noções de natureza e cultura em uma constante oposição ao cartesianismo mecanista presente na psiquiatria moderna<sup>8</sup>.

Concordamos com as demais análises de que Nise da Silveira, em seu trabalho na STOR, assumiu uma postura de rebeldia em relação aos tratamentos violentos e desumanos oferecidos pela psiquiatria da época aos internos do hospital. Dessa forma, entendemos sim que a posição de Silveira era de uma intensa crítica a psiquiatria brasileira e que a mesma optou por construir um *projeto médico científico* pautado em uma concepção teórica monista, conforme Magaldi, “típica da cosmologia romântica”, que prezava por construir um saber que relacionava corpo e espírito, natureza e cultura<sup>9</sup>. Assim, os percursos de Silveira na STOR, foram sendo construídos a partir das relações de afeto, nas artes como recurso terapêutico, em outras formas de abordar a loucura que não passavam necessariamente pela comunicação verbal, mas a partir de outras linguagens<sup>10</sup>.

A respeito de questões relativas à psiquiatria e a saúde mental, existem como vimos,

---

<sup>5</sup> MELO, Walter. “Apaixonados pelo Infinito: Nise da Silveira, Contemporânea de Spinoza”. In: *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(2), São João del-Rei, agosto/dezembro 2010.

<sup>6</sup> FERNANDES, Sandra Michelle Bessa de Andrade. *Nise da Silveira e a saúde mental no Brasil: um itinerário de resistência*. RN: Natal, 2015. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p. 14.

<sup>7</sup> FERNANDES, Sandra. *Idem*, p.14.

<sup>8</sup> MAGALDI, Felipe Sales. *A Unidade das Coisas Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, Brasil*. Rio de Janeiro: 2018. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ.

<sup>9</sup> MAGALDI, Felipe Sales. “A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico. de Nise da Silveira”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan-mar. 2018, p. 80.

<sup>10</sup> MAGALDI, Felipe Sales. *A Unidade das Coisas Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, Brasil*. Rio de Janeiro: 2018. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ.

uma variedade de trabalhos, de biografias e trajetórias. Optamos, portanto, por um caminho de análise um pouco diferente que teve como objetivo analisar as ordens discursivas médicas que Silveira esteve envolvida e principalmente a compreensão que essa construiu a respeito do feminino entre finais dos anos vinte até a década de sessenta.

Elegemos um recorte temporal iniciado nos anos vinte, período no qual a psiquiatria havia acabado de se consolidar com especialidade médica em 1916, ainda ocorrendo uma imbricação com outros saberes, como por exemplo, com a medicina legal. Neste período, a medicina estava caminhando como um braço da República Brasileira pensando em questões relativas ao sanitarismo, as epidemias do país, a organização das cidades e o combate aos vícios sociais. Privilegiamos, portanto, uma temporalidade pouco trabalhada nas biografias e trajetórias que vai do período da publicação da tese até o final da década de 1960, período no qual Nise da Silveira atuava no CPN. Para isso, utilizei a tese médica da mesma e textos publicados em sua maioria em periódicos médicos.

Esse período, nos chamou atenção devido à complexidade de relações discursivas em que a médica esteve inserida, já que boa parte dos discursos de Silveira publicados nos periódicos médicos foram produzidos nessa época. Além disso, havia um esforço por parte de Silveira, comum aos intelectuais dos anos cinquenta e sessenta, de construir algo melhor para a nação. Esse período, no qual a democracia estava vigente, foi marcado por ideias de modernização, desenvolvimento do Brasil. Silveira, buscou dar a sua contribuição no âmbito do saber psiquiátrico.

Apresentando como trabalho de conclusão de curso, a tese de Silveira (1926) foi um ensaio sobre a criminalidade feminina. Com o intuito de abordar essa temática, Silveira transitou por vários discursos médicos, tais como: a antropologia criminal, a teoria da degenerescência, a higiene mental e a psicanálise.

No primeiro capítulo, procurarei investigar a tese médica de Nise da Silveira, compreendendo os discursos sobre a degeneração social, o crime, a loucura e a educação como próximos às concepções de profilaxia social de Juliano Moreira e da Liga Brasileira de Higiene Mental, constituindo assim uma forma de biopolítica e de tentativa de biopoder dos médicos brasileiros sobre a população<sup>11</sup>. Em 1928, Silveira deu uma entrevista à *Revista Criminal*<sup>12</sup>. Ao falar sobre o crime feminino, enfatizou sobre o problema social da condição

---

<sup>11</sup> O conceito Foucaultiano de biopolítica está ligado as práticas disciplinares de controle e governabilidade sobre a população. Já a noção de biopoder, constituiu as tentativas de gestão sobre as mais variadas instâncias das sociedades, exemplo: gestão da saúde, da sexualidade, da higiene, etc. Confira: FOUCAULT, Michel. "A Governamentalidade". In: *A Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

<sup>12</sup> SILVEIRA, Nise da. "Psycologia das mulheres criminosas no Brasil: uma criminalista emite, a respeito,

feminina no Brasil<sup>13</sup>. Assim, no primeiro momento, analisamos a visão que a médica teria do crime feminino, transitando em sua tese e no artigo a uma revista, por discursos de base organicista – através da ideia de natureza patológica feminina – e de perspectivas psicológicas e sociológicas que traçavam uma diferenciação sexual e de gênero.

Ao mesmo tempo, em seu artigo escrito para a *Revista Criminal* de 1928 quando ponderou sobre a questão da prostituição, a médica apontou sua discordância em relação a tese de Cesare Lombroso de que a prostituição seria um delito. Silveira não enxergava a prostituição como um delito, mas como um problema da condição feminina. A médica, propôs nesse sentido, no final da década de vinte e metade dos anos trinta, o trabalho como principal ferramenta para a emancipação feminina, discordando dos discursos eugênicos dos médicos brasileiros nos anos vinte sobre a mulher normal (mãe e esposa), em sua maioria, não concordavam que não concordavam em sua maioria com o trabalho feminino. Na primeira metade da década de trinta, a médica escreveu um artigo sobre filosofia e sociedade, apropriando-se de uma ótica marxista, falando de temas relacionados ao proletariado e de uma revolução socialista<sup>14</sup>.

Nesse sentido, no segundo capítulo, buscarei apontar alguns elementos da trajetória de Silveira no Rio de Janeiro, como as sociabilidades comunistas e antifascistas, seu papel de intelectual mediadora nesses espaços e seu envolvimento com instituições que foram consideradas como subversivas pelo Tribunal de Segurança Nacional, especialmente a União Feminina do Brasil, mantendo-me na noção de trajetória de Pierre Bourdieu, evitando o que o mesmo chamou de a “ilusão biográfica”, que constrói a história de um sujeito fora do espaço social e de uma forma racional, coerente e linear<sup>15</sup>.

No terceiro capítulo, investigarei os discursos médicos de Nise da Silveira em sua atuação na STOR entre os anos quarenta e sessenta e como foram marcadamente uma oposição a uma psiquiatria organicista e cartesiana. Silveira enxergava as atividades plásticas como instrumentos terapêuticos de luta. Assim, foi construindo o seu projeto médico científico afastando-se das práticas de biopolítica da psiquiatria biomédica da época, entre elas: a leucotomia e o eletrochoque.

A terapêutica ocupacional era vista pela médica como um projeto de expansão para os

---

originaes e sugestivos conceitos”. In: *Revista Criminal*. Ano I, 1928, n. 12.

<sup>13</sup> SILVEIRA, Nise da. *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil*. Faculdade de Medicina da Bahia. Imprensa Oficial do Estado, 1926.

<sup>14</sup> SILVEIRA, Nise da. “Filosofia e Realidade Social”. In: FERREIRA, Marta Pires (Org). *Senhora das imagens internas: escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da BN, 2008.

<sup>15</sup> BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

hospitais psiquiátricos do país. Do final dos anos quarenta até os anos sessenta, a médica construiu discursos publicados em períodos médicos, relacionados a terapêutica ocupacional, a esquizofrenia, o inconsciente, apropriando-se principalmente das teorias de Carl Gustav Jung. Nos anos cinquenta e sessenta, a psiquiatra compreendeu o feminino, nesse período, como algo natural e inerente às mulheres vinculado ao inconsciente da mulher.

## Capítulo 1: Degenerescência, prevenção social e crime feminino no discurso de Nise da Silveira

### 1.1. A degenerescência no discurso de Nise da Silveira

A teoria da degeneração formou-se a partir da noção de alienação mental na França<sup>16</sup>. Construindo uma base de explicação moral sobre a loucura, Philippe Pinel (1745 – 1826). Seu discípulo, Jean Étienne Esquirol (1772 –1840), além de enfatizar as causas morais da loucura, acrescentou um artifício novo ao Alienismo, a hereditariedade. Essa ideia, entretanto, foi desenvolvida por Bénédict Augustin Morel (1809 –1873) com a Teoria Degenerescência do louco presente em seu *Traité des Dégénérescences* (1857)<sup>17</sup>. Em Morel, o pecado original teria sido à primeira causa da degenerescência na espécie humana e o fator da hereditariedade era, pois, crucial na explicação da loucura. A teoria da degenerescência influenciou significativamente à psiquiatria francesa e à Alemã no decorrer dos séculos XIX e XX<sup>18</sup>.

Robert Castel assinalou que a noção de degenerescência conferiu ao louco a ideia de perversidade mental<sup>19</sup>. De acordo com Claude Quétel, em meados do século XIX, esta teoria conheceu “um sucesso considerável e duradouro, pois constituiu a primeira tentativa de explicação global da loucura<sup>20</sup>”.

---

<sup>16</sup> QUÉTEL, Claude. *História da Loucura: da antiguidade à invenção da Psiquiatria*. Volume I. Lisboa. Edições Texto & Grafia, 2012, p. 9–114. Regiões como Bélgica, Itália, Inglaterra, Portugal, Brasil, Argentina e EUA..

<sup>17</sup> “O *Traité des Dégénérescences*, de Benedict–Augustin Morel, publicado em 1857, expõe uma teoria da hereditariedade dos transtornos mentais que teria grande influência no pensamento psiquiátrico até o início do século XX. Segundo sua proposição, fortemente impregnada de uma perspectiva religiosa católica, o homem teria sido criado, perfeito, por Deus. A degeneração, correlativa do pecado original, consistiria na transmissão à descendência das taras, vícios e traços mórbidos adquiridos pelos antecessores. À medida que esses estigmas fossem sendo transmitidos através das gerações, seus efeitos tenderiam a se acentuar, levando à completa desnaturação daquela linhagem, chegando até sua extinção pela esterilidade. Em decorrência dessa teoria, muitos projetos de intervenção social de cunho higienista foram desenvolvidos, de modo a impedir a propagação da degeneração da raça.” In: PEREIRA, Mário Eduardo Costa. “Morel e a questão da degenerescência”. In: *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 490–496, setembro 2008.

<sup>18</sup> QUÉTEL. *Idem*, p. 118. “A teoria da degenerescência irá funcionar como um dogma em França durante meio século e subsistirá quase até ao século XX. Na Alemanha começa por ser bem recebida (Griesinger, Krafft–Ebing), antes de ser combatida nos anos de 1880 (Kraepelin) devido ao seu esquematismo. Não deixará de inspirar o eugenismo, sobretudo nos Estados Unidos, com leis que proíbem o casamento de epiléticos, dos alcoólicos e dos sífilíticos. A França não está ausente deste concerto sobre a proteção e o melhoramento da “raça”.

<sup>19</sup> BERCHERIE, Paul. *Os fundamentos da Clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1980, p. 45.

<sup>20</sup> QUÉTEL, Claude. *História da Loucura: da antiguidade à invenção da Psiquiatria*. Volume I. Lisboa. Edições Texto & Grafia, 2012, p. 117. “Morel propõe uma classificação das doenças mentais mais ligadas às causas que os sintomas, insistindo nas “relações anormais que se estabelecem entre a inteligência e o seu instrumento doente, o corpo”. Para ele, trata-se de uma transformação patológica do homem perfeito tal como Deus o criou

Conforme Paul Bercherie, a linha de pensamento inaugurada por Morel influenciou a teoria da delinquência do médico italiano **Cesare Lombroso** (1835–1909)<sup>21</sup>. Ee último ficou conhecido por construir uma Antropologia Criminal em que o criminoso poderia ser reconhecido através de características físicas específicas, o chamado *Homem Delinquente*<sup>22</sup>. Conforme destacou Sérgio Carrara, Lombroso além de fundar a Escola Positiva de Direito, deu à ideia de degeneração o significado de primitivismo, de retorno ao estágio de desenvolvimento da civilização<sup>23</sup>.

Do século XIX, a psiquiatria legou a ideia de hereditariedade da loucura que esteve presente tanto nas concepções terapêuticas de ordem moral quanto nas de ordem organicistas. Sérgio Carrara destacou que o século XIX trouxe a preocupação de separar loucos e criminosos, construindo uma medicalização do crime. Isso ganhou forma na teoria da degeneração social<sup>24</sup>.

No Brasil, a teoria da degenerescência ou degeneração esteve presente na medicina mental a partir da segunda metade do século XIX, tendo como dois pensadores os médicos Raimundo Nina Rodrigues (1862–1906) e Juliano Moreira (1873–1932)<sup>25</sup>.

As posições destes médicos eram divergentes e nos permite pensar a relação entre raça e teoria da degenerescência. Se por um lado, Raimundo Nina Rodrigues era influenciado pelas ideias da degenerescência de Morel, aproximando-se da antropologia criminal de Lombroso, por outro, Juliano Moreira baseou-se, sobretudo, nos apontamentos de Kraepelin<sup>26</sup>. As concepções que eles tinham sobre a questão de raça eram também diferentes. As concepções

---

– o pecado original é visto como a causa primeira da degenerescência. Quais são, então, as causas deste “desvio doentio da espécie?” São ora predisponentes, ora determinantes. Todas físicas ou morais, individuais ou gerais, as predisponentes conduzem por hereditariedade à loucura”.

<sup>21</sup> BERCHERIE. *Idem*, p. 118–120. “Disponível em: <https://psicoativo.com/2018/02/teoria-do-criminoso-nato-cesare-lombroso.html>. Data de acesso: 23.08.2018.

<sup>22</sup> LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinquente*. São Paulo, Ícone, 2013. “O destino d’O Homem Delinquente e os perigos de uma ciência sem consciência, aborda-se os desdobramentos da teoria lombrosiana do criminoso nato como sujeito diferente, anormal, inferior, degenerado, com a qual a escola positiva italiana deslocou o problema penal do fato para o indivíduo e demonstra como essas teorias foram utilizadas para justificar a punição sem crime, permitindo que o sistema penal se direcionasse para a punição de determinados indivíduos (pobres, negros, feios, indesejáveis) ao invés de condutas criminosas”. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=ea6b2efbdd4255a9>. Data de acesso 31.01.2020.

<sup>23</sup> CARRARA, Sérgio. *Tributo à Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro. Fiocruz, 1996, p. 56.

<sup>24</sup> CARRARA *Apud* RINALDI, *Idem*, p. 39. Confira: CARRARA, Sérgio. *Crime e loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*. Rio de Janeiro/São Paulo: EdUERJ/Edusp, 1998.

<sup>25</sup> ODA, Ana Maria G. R. 2001. “A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira”. In: *Psychiatry on line Brasil*, v. 6, n. 12. Disponível em: [http://www.polbr.med.br/arg\\_ui\\_vai\\_wa11201.htm](http://www.polbr.med.br/arg_ui_vai_wa11201.htm). Data de Acesso: 17.02.2019.

<sup>26</sup> “No início de século XX, o psiquiatra alemão Emil Kraepelin (1856–1926) fundou a psicopatologia que se tornou base científica do Alienismo, a partir da descrição detalhada dos sinais e sintomas apreensíveis da doença mental. Ressalte-se que a noção de degenerescência foi também utilizada amplamente por Kraepelin”. ODA. *Idem*, p. 1.

que eles tinham sobre a questão de raça eram também diferentes.

Segundo Ana Maria Oda, a partir de 1870 a discussão sobre a questão racial estava presente no país, “o Brasil definia-se pela raça”<sup>27</sup>. Os médicos viam a mestiçagem e “o problema do negro” sob o ângulo da teoria da degenerescência<sup>28</sup>. Formado na Faculdade de Medicina da Bahia, Nina Rodrigues tornou-se uma das referências na medicina legal e na psiquiatria do período<sup>29</sup>. Atuante em uma medicina que visava controlar as populações brasileiras, os escritos de Nina Rodrigues relacionavam-se com o contexto de medicalização da sociedade:

Nina Rodrigues preocupou-se em reivindicar para estas disciplinas a prerrogativa de explicar cientificamente o comportamento humano e de, em conseqüência, ditar as regras para a avaliação de indivíduos cujas atitudes fossem consideradas mórbidas, decidir quanto à sua imputabilidade penal e principalmente, sugerir meios preventivos para evitar a loucura e o crime<sup>30</sup>.

Os trabalhos de Nina Rodrigues procuravam relacionar a loucura e a criminologia. Em 1894, Rodrigues publicou o livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Em 1900, lançou *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*. E, em 1901, veio a lume *O Alienado no direito civil brasileiro e Manual de Autópsia Médico Legal*. Estas obras foram influenciadas principalmente pela Antropologia Criminal de Lombroso<sup>31</sup>.

Nina Rodrigues baseava-se também nas teorias do chamado “racismo científico”. Por conseguinte, ele entendia que o cruzamento das raças (negros, índios e brancos) geraria características patológicas<sup>32</sup>. Dessa forma, cabia aos médicos realizar a distinção das raças, a fim de entender as doenças físicas e mentais resultantes da miscigenação. Em sua visão, a “inferioridade racial dos negros e indígenas, com relação ao branco, era indiscutível; assim sendo, a miscigenação entre raças em diferentes patamares evolutivos resultaria, fatalmente, em indivíduos desequilibrados, degenerados (...)”<sup>33</sup>. Dessa forma:

---

<sup>27</sup> ODA. *Idem*, p. 2.

<sup>28</sup> ODA. *Idem*, p. 2.

<sup>29</sup> VENANCIO, Ana T. “Doença Mental, Raça e Sexualidade nas Teorias Psiquiátricas de Juliano Moreira”. In: *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14(2):283–305, 2004, p. 289.

<sup>30</sup> ODA. *Idem*, p. 2.

<sup>31</sup> Após a morte de Nina Rodrigues, Artur Ramos organizou os escritos do médico nos livros, *Os africanos no Brasil* (1932), *As coletividades anormais* (1939) e republicou *O animismo fetichista dos negros baianos* (1935). ODA. *Idem*, p.3.

<sup>32</sup> ODA. *Idem*, p. 2.

<sup>33</sup> ODA. *Idem*, p. 2.

(...) nas raças inferiores, a impulsividade primitiva, fonte de origem de atos violentos e antissociais, por muito predominarão sobre as ações refletidas e adaptadas, que só se tornaram possíveis nas raças cultas e nos povos civilizados, com o aparecimento de motivos psíquicos de uma ordem moral mais elevada<sup>34</sup>.

Para Rodrigues, a miscigenação das raças e a degeneração social estavam ligadas. Deste modo, as raças inferiores estavam mais propensas hereditariamente a enlouquecerem e a cometerem crimes, bem como indivíduos oriundos da mistura dessas raças<sup>35</sup>.

Quando pensamos em Nise da Silveira, ela entrou na faculdade de medicina na Bahia em 1920. Os trabalhos de Nina Rodrigues sobre criminalidade, raça e loucura tiveram influência na medicina legal brasileira até a década de trinta. A criminologia era um âmbito da Medicina Legal. Dessa forma, a tese de Silveira, *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil*, foi apresentada a cadeira de Medicina Legal da Faculdade da Bahia e publicada em 1926<sup>36</sup>. Sobre a criminologia, Nise da Silveira pontuou que “plasmando-se dos mesmos fundamentos positivos, está a se erigir uma ciência nova, a criminologia”. Que fundamentos positivos seriam esses? Tratava-se justamente da escola de Antropologia Criminal de Lombroso.

Filha do professor de matemática Faustino Magalhães da Silveira e da pianista Maria Lúcia da Silveira. Nise da Silveira nasceu em Maceió em 1906. Em 1921, foi estudar medicina na Faculdade da Bahia. Silveira, formou-se, como a única mulher em uma turma de 156 homens, no ano 1926. Nesse mesmo ano, a médica defendeu sua tese “Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil”<sup>37</sup>.

O trabalho de Silveira foi dividido em duas partes. A primeira, intitulada de **Ideias preliminares** dissertou sobre o crime, realizando uma espécie de discussão bibliográfica, onde se destaca principalmente a Teoria da Degenerescência de Morel e as ideias de

---

<sup>34</sup> RODRIGUES, Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre, 1938, p. 115.

<sup>35</sup> ODA. *Idem*, p. 3. “em cinco de novembro de 1897, o primeiro presidente civil da república brasileira, Prudente José de Moraes Barros (1894–1898), sofreu um atentado, do qual saiu ileso; porém, não teve a mesma sorte o ministro da guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt, que morreu ao tentar prender o ansepeçada Marcelino Bispo de Melo, o autor do atentado. Este foi preso e, dois meses depois, suicidou-se na cadeia”.

<sup>36</sup> SILVEIRA, Nise da. *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil*. Faculdade de Medicina da Bahia. Imprensa Oficial do Estado, 1926 (Tese original). Ao vermos, a tese de Mário Magalhães da Silveira, primo de Nise da Silveira, e da mesma turma, percebemos que esse da mesma forma escolheu a temática da criminologia, com a investigação “A Margem dos Meios Punitivos”, que foi apresentada a cadeira de Medicina Legal também em 1926 Neste trabalho homenageou o professor de Medicina Legal, Estácio de Lima (médico), e o professor de direito Edgar Santos, ambos da Faculdade de Medicina da Bahia. SILVEIRA, Mário Magalhães da. *A Margem dos Meios Punitivos*. Tese inaugural apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia. Cadeira de Medicina Legal. Outubro de 1926.

<sup>37</sup> SILVEIRA, Nise da. *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Imprensa Oficial do Estado, 1926.

Lombroso. Na segunda parte, Silveira discorreu acerca das **Mulheres criminosas**.

Nise da Silveira discordou do conceito de *Tipo Delinquente* que segundo ela falhava “muitas vezes nas observações”<sup>38</sup>. Além disso, em relação às mulheres criminosas este conceito não se aplicaria devido a menor incidência dos crimes femininos que a médica estudaria em sua tese<sup>39</sup>:

*Lombroso encontrou seu Tipo delinquente com muito menor frequência entre criminosas que entre criminosos. (...) A mulher primitiva era mais uma prostituta que uma criminosa, donde o estado regressivo da mulher ser representado pela prostituição em vez que pela criminalidade*<sup>40</sup>.

A médica analisou alguns casos de crimes femininos obtidos nas penitenciárias da Bahia, Alagoas e Recife. Em alguns desses, Nise da Silveira observou a questão da hereditariedade, ou seja, as mulheres criminosas poderiam ter pessoas com sinais degenerativos em sua família, tais como: pais alcoólatras ou mães histéricas, por exemplo. A médica realizou ainda em alguns casos, descrições antropométricas das criminosas<sup>41</sup>. Dessa forma, Nise da Silveira relacionou a criminalidade com a degenerescência tendo em vista a ideia de hereditariedade<sup>42</sup>. Apoiando-se em Morel, Nise da Silveira enfatizou o crime a partir da degeneração:

Natural assim, que anomalias, estigmas físicos de degeneração, encontrem-se neles com frequência, não porém sinais específicos, característicos (,,) peculiares ao criminoso. Desde que o delinquente pertença a grande família degenerativa de Morel não será para se estranhar que apresente características estruturais<sup>43</sup>.

Na concepção da médica, a Antropologia Criminal estaria reduzida a apenas um capítulo da degenerescência, na medida em que “estigmas degenerativos, físicos e psíquicos, encontram-se frequentemente nos criminosos”<sup>44</sup>. Portanto,

---

<sup>38</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 252.

<sup>39</sup> O Tipo ou Homem Delinquente de Lombroso (1876) seria alguém que possui características físicas e mentais que o definem como um criminoso nato. A teoria do médico italiano auxiliou na constituição da Medicina Legal, da Antropologia Criminal e do Direito Penal. Confira: LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinquente*. São Paulo, Icone Editora, S/D. Faculdade de Medicina da Bahia. Cadeira de Medicina Legal. Outubro de 1926.

<sup>40</sup> SILVEIRA, Nise. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 271

<sup>41</sup> “**Antropometria** é um ramo da antropologia que estuda as medidas e dimensões das diversas partes do corpo humano. A **antropometria** está relacionada com os estudos da antropologia física ou biológica, que se ocupa em analisar os aspectos genéticos e biológicos do ser humano e compará-los entre si”. Disponível: <https://www.significados.com.br/antropometria/> Data de Acesso: 12/11/2019.

<sup>42</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 252.

<sup>43</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 252.

<sup>44</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 252.

Os estreitos laços de parentesco que unem criminalidade e degenerescência, revelam-se claramente pela existência em delinquentes de característicos estigmas somáticos e psíquicos, como também coincidência que tem sido constatada entre criminalidade e degeneração, na mesma família<sup>45</sup>.

Seguindo essa linha de pensamento, o psiquiatra Juliano Moreira contestou abertamente as teorias de Nina Rodrigues e negou a relação entre raça e a degeneração social, pois não considerava a mestiçagem um fator degenerativo<sup>46</sup>. Em um artigo intitulado “Querelantes e pseudo-querelantes” de 1908, Moreira discordou da interpretação de Nina Rodrigues:

Tendo mostrado este doente ao Prof. Nina Rodrigues, achou ele no caso mais uma prova de que a mestiçagem é um fator degenerativo. Ora, tendo eu sempre me oposto a esta maneira superficial de ver o problema, aproveitei uma longa estada na Europa para examinar os parentes de A.P.D. que tinham ficado na Europa livres da mestiçagem. Vê-se que o ramo europeu da família, livre da mestiçagem, em nada foi superior ao ramo mestiço brasileiro<sup>47</sup>.

A psiquiatria consolidou-se no Brasil como um campo autônomo em relação a medicina no início do século XX. Segundo Ana Venancio, a apropriação da psiquiatria alemã no Brasil por Moreira relacionou-se com a “necessidade de um instrumental que desse conta da particularidade de uma ‘sociedade brasileira’ – mestiça e desigual socialmente – garantindo-se, ao mesmo tempo, sua inclusão entre as nações ditas civilizadas<sup>48</sup>”. Se por um lado Juliano Moreira contribuiu para a compreensão de que as doenças mentais eram pautadas pela dimensão físico-orgânica, por outro, possibilitou a expansão da ciência psiquiátrica a partir da construção de um ideal de uma sociedade brasileira civilizada a partir dos investimentos na educação e em condições sociais adequadas<sup>49</sup>.

Na concepção de Moreira que era ligado ao sanitarismo, a degeneração era resultado de fatores como: o alcoolismo, a sífilis, as más condições educacionais e sanitárias e não da

---

<sup>45</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 256.

<sup>46</sup> A atuação de Juliano Moreira na psiquiatria esteve dividida em dois momentos diferentes. Moreira foi considerado fundamental para o desenvolvimento da psiquiatria no Brasil. Ele esteve preocupado em seus estudos com a especialidade psiquiátrica no Brasil, o que sem dúvida contribuiu com a fundação da mesma. “A centralidade de Juliano Moreira (1873–1933) na história da psiquiatria brasileira tem sido atribuída pelo imaginário erudito como decorrência dos cargos importantes que assumiu em sua vida profissional e da ênfase que concedeu a uma “psiquiatria científica”, publicando considerável número de trabalhos em diferentes periódicos de renome”. VENANCIO. *Idem*, p. 286.

<sup>47</sup> Moreira *Apud* ODA. *Idem*, p.6. Confirma: MOREIRA, Juliano. “Querelantes e Pseudo-querelantes”. In: *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, IV, 1908, p. 426-434.

<sup>48</sup> VENANCIO. *Idem*, p. 4.

<sup>49</sup> VENANCIO. *Idem*, p. 4.

mestiçagem<sup>50</sup>. Tal como Moreira, Silveira pensou a ausência de educação, o alcoolismo e o clima como fatores mais explicativos para o crime muito mais do que a questão da mestiçagem:

Mas, sendo o nosso país precisamente (...) de analfabetos, não deve ser estranhável que os hospedes de nossas prisões sejam desprovidos de toda instrução. (...)  
O alcoolismo, constitui ainda, entre outros, elementos poderosos no determinismo do crime. (...)  
O clima influencia grandemente sobre o temperamento característico de diversas raças<sup>51</sup>.

Assim, a respeito da questão de raça, a médica apontou em sua tese a dificuldade de se pensar essa ideia no Brasil, na medida em que nos anos vinte, não havia precisamente uma raça brasileira, mas uma mescla de brancos, negros e indígenas:

A raça brasileira está ainda em caldeamento, numa fusão de sangues diversos. Da mescla entre brancos, negros e indígenas ainda não resultou um tipo que se possa tomar padrão. Caráteres peculiares a raça negra e outros ao aborígene valem para os brancos como estigmas degenerativos. Dificílimo será apurar num mestiço, o que lhe vem de hereditariedade direta ou o que corresponde a um sinal de degeneração<sup>52</sup>.

Vemos na tese de Nise da Silveira ideias próximas às esboçadas por Moreira. A respeito da questão do crime, a mesma procurou relacioná-la com os distúrbios mentais. Assim, as perturbações mentais poderiam provocar tendências ao crime, portanto, “as nuances, psicoses com intervalos aparentemente lúcidos, degenerados epiléticos, histéricos, cuja doença tem como caráter próprio produzir más tendências, viciosas e mesmo criminosas”<sup>53</sup>.

Neste sentido, Silveira traçou um paralelo entre os problemas orgânicos do corpo e o psiquismo, o que levaria ao crime<sup>54</sup>:

---

<sup>50</sup> ODA. *Idem*, p. 5.

<sup>51</sup> SILVEIRA, Nise. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 260.

<sup>52</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 272.

<sup>53</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 256

<sup>54</sup> CARRARA, Sérgio. *Crime e loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*. Rio de Janeiro/São Paulo: EdUERJ/Edusp, 1998, p. 68. Segundo Carrara, no surgimento das sociedades liberais foi comum a aproximação entre o crime, a loucura, pensando o primeiro como uma manifestação da alienação mental.

É curioso apreciar como simples perturbações orgânicas dada sua repercussão no psiquismo, podem assim contribuir indiretamente no determinismo do crime. Particularmente interessante é a influência das glândulas endócrinas sobre os processos psíquicos, com a possibilidade de provocar desvios de caráter, e por este modo relacionando-se com a antropologia criminal<sup>55</sup>.

Assim, procurou relacionar o crime e a loucura,

Excluídos os criminosos loucos, de irresponsabilidade para todos evidente, há a legião dos delinquentes degenerados, dos infelizes que palmilham a recortada fronteira da loucura. Os psiquiatras modernos se interessam em extremo pelas constituições físicas mórbidas, temperamentos ou caracteres anormais<sup>56</sup>.

Como veremos adiante, crime e loucura oscilam na ótica de Nise da Silveira entre explicações psicológica, biológicas e também a partir da questão moral e social. Conforme Vera Porto Carrero apontou, o pensamento de Juliano Moreira foi um divisor de águas para a medicina mental, pois apresentou em seus discursos uma descontinuidade em relação as teorias francesas que explicavam a loucura sobretudo com base em problemas morais, e a introdução do modelo mecanicista alemão. Assim, com Moreira “a psiquiatria não é mais o discurso científico sobre a loucura e suas causas somente: ela é o saber médico sobre todo desvio da normalidade – criminalidade, degeneração, loucura”<sup>57</sup>.

Portanto, crime, degeneração e loucura estão dentro dos patamares do anormal e dos assuntos que estavam na ordem do dia no início do século XX. Conforme apontou Magali Engel, os médicos brasileiros faziam uso de modelos teóricos, como: a teoria da degenerescência de Morel, a eugenia de Francis Galton, a antropologia criminal de Lombroso e o organicismo de Kraepelin, a fim de construir uma coerência que possibilitasse a intervenção política e social na sociedade<sup>58</sup>.

## 1.2 O discurso de prevenção social em Nise da Silveira

A criação da Liga Brasileira de Higiene Mental nos anos vinte provém de um ideário de prevenção e higienização para a população brasileira<sup>59</sup>. José Roberto Franco Reis apontou

---

<sup>55</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 256.

<sup>56</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 254-255.

<sup>57</sup> PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p. 91

<sup>58</sup> ENGEL, Magali Golveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios*. Rio de Janeiro: 1830 –1930. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 161.

<sup>59</sup> COSTA. Jurindir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*, Rio de Janeiro, Editora Campus, p. 24.

que neste período articulou-se no Brasil “projeto novo de dominação calcado em uma ideologia científica de gerenciamento dos conflitos – racial e social – e que emergiu de diferentes pontos da sociedade, um dos quais inegavelmente da medicina mental”<sup>60</sup>.

Fundada em 1923, por Gustavo Riedel (1887-1934), a LBHM, surgia, assim, com um objetivo claro de intervenção médica na sociedade brasileira<sup>61</sup>. Os 1910 e 1920, as campanhas eugenistas estavam ligadas ao sanitarismo, no combate “às doenças como a sífilis, tuberculose, ancilostomíase, malária e a lepra”, assim como ao “combate aos ‘vícios sociais’, tal como o alcoolismo”<sup>62</sup>.

Dessa forma, foi em um contexto “de grande mobilização social e política que os psiquiatras” fundaram a LBHM, em uma tarefa de regeneração nacional, em defesa da saúde individual e coletiva, com um espírito nacionalista, “em defesa da mentalidade da raça”; combatendo o alcoolismo e todo tipo de “vícios sociais”; a imigração; controlando as uniões matrimoniais não aconselháveis, a esterilização compulsória dos degenerados, a atenção básica à infância com um “desenvolvimento mental sadio e eugênico”<sup>63</sup>. Ou seja, médicos e psiquiatras tinham a preocupação de aprimoração da raça brasileira.

Diante dessas concepções ligadas à questão da prevenção a busca de Nise da Silveira por compreender o problema do crime torna-se compreensível. Apesar de Silveira ter focado o seu trabalho nos crimes femininos, não deixou de fazer considerações voltadas para ações profiláticas, eugênicas e preventivas para a sociedade brasileira que se relacionam claramente com as concepções presentes nas discussões da Liga Brasileira de Higiene Mental<sup>64</sup>.

Como salientou Vanderlei de Souza, na visão dos médicos e intelectuais brasileiros, a eugenia constituía um símbolo da modernidade e civilização que o país deveria atingir<sup>65</sup>.

---

<sup>60</sup> REIS, José R. Franco. *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, 1994, p. 29. Conforme Nancy Stepan, o conceito de eugenia foi criado pelo cientista britânico Francis Galton em 1883, “para representar as possíveis aplicações sociais do conhecimento da hereditariedade para obter-se uma desejada “melhor reprodução. Outros definiram a eugenia como um movimento pelo “aprimoramento” da raça humana”. Esta última definição foi a que se aproximou dos ideais arianos dos nazistas. STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Coleção História e Saúde, 2005, p. 9.

<sup>61</sup> A LBHM tinha como objetivos principais: a “prevenção das doenças mentais pela observação dos princípios de higiene geral e especial do sistema nervoso”; “proteção e amparo no meio social dos egressos dos manicômios e aos doentes mentais passíveis de internação”; “melhoria progressiva dos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentais em asilos públicos, particulares ou fora deles”; “realização de um programa de higiene mental e eugenia no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social”. In: SOUZA. *Idem*, p.156.

<sup>62</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. “Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920”. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 146-166, jul/dez 2008, p.156.

<sup>63</sup> REIS, *Idem*, p. 56-57.

<sup>64</sup> COSTA. *Idem*, p. 30-31. In: SOUZA. *Idem*, p. 152.

<sup>65</sup> SOUZA. Vanderlei Sebastião de. “Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos de 1910 e 1920”. In: *Revista Brasileira de História e Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1,

Assim, “o pensamento eugenista brasileiro, ao menos durante os anos 1920, foi profundamente marcado por um estilo de ‘eugenia preventiva’”<sup>66</sup>. Neste sentido, as doenças como alcoolismo, sífilis, tuberculose e a loucura eram vistas como “vícios sociais”<sup>67</sup>. Ainda em 1923, “a atenção para a constituição eugênica do povo brasileiro aparece precocemente nos programas da LBHM<sup>68</sup>”. Entretanto, “a questão do cuidado eugênico da ‘raça brasileira’ foi introduzida no Brasil de início pelos intelectuais e só em seguida pelos médicos”<sup>69</sup>.

A partir de 1926, ano de publicação da tese de Nise da Silveira, a instituição passou a focar acima de tudo nas concepções de prevenção. Como salientou Vanderlei de Souza, na visão dos médicos e intelectuais brasileiros a eugenia constituía um símbolo da modernidade e civilização que o país deveria atingir<sup>70</sup>.

De acordo com Nancy Stepan, na América Latina, notadamente no Brasil, o surgimento da eugenia teve seu início “nas últimas décadas do século XIX (...) como parte dos debates sobre a evolução, degeneração, progresso e civilização”. Entretanto, o desenvolvimento dos pensamentos eugênicos ocorreu após à Primeira Guerra Mundial, “com o estabelecimento de sociedades e organizações eugênicas específicas”, no caso do Brasil, temos os exemplos da Sociedade Eugênica de São Paulo e depois a Liga Brasileira de Higiene Mental no Rio de Janeiro<sup>71</sup>. Assim, “a eugenia tocou ou influenciou a história da medicina, da família, da maternidade, da população, da criminologia, da saúde pública e do bem-estar social<sup>72</sup>”. De tal modo, podemos perceber estes assuntos como recorrentes no texto de Nise da Silveira:

Desta ordem, são por exemplos, a campanha contra o alcoolismo; a interdição das uniões entre tarados, que (...) venham a procriar uma descendência degenerada, a educação moral das crianças, a admissão do divórcio, as indagações sobre paternidade, a melhoria material e moral do proletariado, a reabilitação dos desregrados, daqueles a quem as leis penais não podem propriamente atingir, mas que se encontram nas fronteiras da

---

n. 2, jul/dez 2008, p.155-157. “Inspirados nas orientações neolamarckistas, os eugenistas brasileiros acreditavam que os problemas nacionais não eram de caráter fixo. A solução estaria tão-somente no empenho das autoridades públicas e no emprego racional da ciência eugênica e do saneamento. Encaradas como sinônimos, a eugenia e o saneamento deveriam debelar as pestilências, combater as doenças infecto-contagiosas, implantar hábitos higiênicos e intervir no futuro da reprodução humana, gerando uma prole saudável, física e moralmente apta para tornar o Brasil uma nação ordeira e progressista. Seguindo essas diretrizes, acreditavam os eugenistas, dentro em breve o Brasil poderia estar inserido no tão sonhado ‘concerto das nações’ civilizadas”. In: SOUZA. *Idem*, p.156.

<sup>66</sup> SOUZA. *Idem*, p.157.

<sup>67</sup> SOUZA. *Idem*, p.156-157.

<sup>68</sup> COSTA. *Idem*, p. 30.

<sup>69</sup> COSTA. *Idem*, p. 30.

<sup>70</sup> SOUZA. *Idem*, p. 155-157.

<sup>71</sup> STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Coleção História e Saúde, 2005, p. 15.

<sup>72</sup> STEPAN, *Idem*, p. 15.

criminalidade, como sejam vagabundos, as prostitutas, em cuja ociosidade fermentam-se vícios e delitos, a profilaxia da emigração, afim de que outros países não se depurem, enviando-nos seu lixo social<sup>73</sup>.

O discurso de Nise da Silveira se aproximou, neste sentido, dos médicos ligados a LBHM, como Juliano Moreira, que tinha um olhar para as condições sociais que envolviam os brasileiros<sup>74</sup>. Dessa forma, conforme Silveira, “a campanha contra o crime, para ser valiosa, há de ser principalmente de natureza profilática: pela educação moral e melhoria das condições sociais”<sup>75</sup>. Como apontamos, Moreira era contrário as teorias de Nina Rodrigues, que entendia a miscigenação brasileira como um fator de degeneração. Contudo, no que diz respeito a imigração, Moreira entendia que isso constituiria um problema eugênico<sup>76</sup>.

Deste modo, como apontou Vanderlei Souza:

O controle da imigração como uma medida eugênica e eficaz para melhorar as condições raciais da nacionalidade também foi frequentemente requisitado pelos psiquiatras e eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental. Em 1925, em artigo publicado no primeiro volume dos *Archivos brasileiros de higiene mental*, revista editada pela própria Liga, Juliano Moreira alertava sobre o grande número de imigrantes indesejáveis que diariamente entravam no Brasil sem nenhum mecanismo de controle e fiscalização: ‘De nada nos servirá envidar esforços no sentido de melhorar as condições de saúde física e mental de nossa gente’, afirmava ele, se novas levadas de ‘indesejáveis’ continuarem a chegar ao território brasileiro<sup>77</sup>.

Então, se por um lado Juliano Moreira e Nise da Silveira apontaram que as condições sociais e climáticas constituíam fatores mais degenerativos à sociedade brasileira do que a mestiçagem – se contrapondo a visão de Nina Rodrigues – por outro lado, podemos perceber que ambos estavam envolvidos em ordens discursivas eugenistas da segunda década do século vinte em que todas as questões elaboradas pela LBHM estavam presente nas ideias da *intelligentsia* médica brasileira.

No auge da tese de “embranquecimento racial”, proposta por Oliveira Viana, o racismo e a xenofobia na LBHM andavam de mãos dadas a partir de um objetivo de regeneração nacional<sup>78</sup>. Conforme salientou Vanderlei de Souza, “tanto Juliano Moreira quanto Pacheco e Silva alertavam, portanto, para o risco da ‘desordem social’ que os

---

<sup>73</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 265.

<sup>74</sup> SOUZA. Vanderlei Sebastião de. “Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos de 1910 e 1920”. In: *Revista Brasileira de História e Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul/dez 2008, p.162.

<sup>75</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 264.

<sup>76</sup> SOUZA. *Idem*, p. 162.

<sup>77</sup> SOUZA. *Idem*, p. 162.

<sup>78</sup> COSTA. *Idem*, p. 81-98.

imigrantes não selecionados poderiam causar à nação”<sup>79</sup>.

Além da questão da imigração, o pensamento eugênico atingiu, além disso, a questão da reprodução da população brasileira<sup>80</sup>. Por conseguinte, as mulheres caberiam gerarem filhos com saúde e vigor físico. Segundo Vanderlei de Souza,

No caso do Brasil, uma sociedade tradicionalmente patriarcal, os eugenistas entendiam que o “futuro da raça” dependia, acima de tudo, da constituição física e biológica da mulher. Nas palavras de Nancy Stepan, as políticas eugênicas concentraram suas atenções na mulher, foi sobre ela que se exerceu uma rigorosa educação e um intenso controle sobre o seu corpo e a sua sexualidade, já que o seu “papel social” era visto como sendo primordialmente destinado ao processo reprodutivo e maternal<sup>81</sup>.

Através do fator da hereditariedade, a maternidade seria incumbida da regeneração nacional<sup>82</sup>. Como apontou Maria Marta Freire, foi na década de 1920, que a noção de maternidade ganhou um sentido público que foi atrelada no Brasil a partir da “valorização social da ciência”<sup>83</sup>. Nesse sentido, os médicos foram agentes que redefiniram a ideia de maternidade. Assim, pautadas pelas ideias eugenistas, sanitaristas, nacionalistas e feministas surgiu a maternidade científica e a figura da mãe moderna que deveriam proporcionar ao país cidadãos sadios<sup>84</sup>.

Nas primeiras décadas do século XX, o controle sobre o corpo da mulher se tornou uma das principais pautas eugenistas. As mulheres criminosas, por sua vez, fugiam do tipo ideal feminino, casto e obediente. A escolha de Nise da Silveira pelo tema da criminalidade feminina dentro desse contexto. Quais foram os crimes femininos cometidos pelas mulheres das Penitenciárias da Salvador, Maceió e Recife?

A maioria deles foi o de assassinato das amantes e dos maridos, ou seja, casos de traição; mas também as mulheres estavam envolvidas em casos de assassinatos de familiares, devido a disputas de terras, por exemplo, outras foram presas ainda por cometer infanticídios. A maior parte das mulheres nas penitenciárias analisadas por Silveira eram, conforme a mesma, analfabetas ou possuíam um pequeno nível de educação formal.

---

<sup>79</sup> SOUZA. *Idem*, p. 162.

<sup>80</sup> “Preocupados que estavam com o futuro da prole nacional, os eugenistas voltaram suas atenções para uma ampla discussão sobre educação sexual e orientação matrimonial. Através de campanhas em defesa do exame pré-nupcial e do controle da natalidade, os eugenistas procuravam instruir as famílias sobre a importância da “reprodução eugênica”. In: SOUZA. *Idem*, p 158.

<sup>81</sup> SOUZA. *Idem*, p 159.

<sup>82</sup> SOUZA. *Idem*, p 159.

<sup>83</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008.

<sup>84</sup> FREIRE, *Idem*, p. 154.

É neste sentido, que inspirada nas teorias de Juliano Moreira sobre a degenerescência, a médica focou seu discurso em defesa da educação como principal instrumento para se evitar o crime, “certo quem visitar as penitenciárias do Brasil ficará impressionado com o número de detentos analfabetos”<sup>85</sup>.

Dessa forma, ao analisar os crimes femininos, a tese de Silveira também foi perpassada por estes debates a cerca do papel da mulher e da maternidade para a regeneração nacional. Entretanto, Silveira não focou seu argumento apenas na figura da maternidade ou das mulheres, para a mesma, as principais ferramentas para se evitar o desenvolvimento da criminalidade no país seria o investimento do estado na educação intelectual dos seus cidadãos e uma conduta moral dos pais. Assim, a responsabilidade pela educação moral, na concepção de Silveira, das crianças não seria apenas da mãe, mas também do pai<sup>86</sup>.

A criminalidade feminina foi explicada em sua tese, a partir de uma série de fatores que se interligavam: a ausência da educação intelectual para as mulheres, a despreparação afetiva/psíquica das mesmas, uma base familiar desestruturada e a falta de acesso a recursos financeiros. Silveira apontou nos casos analisados em sua tese, mulheres com pais alcoólatras, mães histéricas ou nervosas, maridos violentos ou imorais, o que em sua visão contribuía para a prática dos crimes femininos. Apesar de descrever o aspecto físico das mulheres e classificá-las a partir do critério da cor, como “brancas, pardas, negras e caboclas”, Nise da Silveira não tocou na questão racial para análise das práticas criminosas femininas<sup>87</sup>. Assim, ela não procurou explicar o crime, a partir da miscigenação ou da questão de raça, como foi comum nas teorias de Nina Rodrigues. Mas, antes pautou-se ora pelas explicações sociais e outrora, como veremos adiante, nas ideias organicistas de uma natureza patológica feminina.

Nas primeiras décadas do século XX, o debate que estava na ordem do dia entre médicos, intelectuais e pedagogos era sobre a formação de uma identidade nacional, de um projeto de nação, no qual a “constituição física e moral do brasileiro” estava em pauta, pois “o contingente, que agora agregava ex escravos, negros, mulatos, loucos, mendigos de toda espécie, era visto como um entrave para o pleno desenvolvimento do país”<sup>88</sup>.

De acordo com Cristiana Facchinetti, a psicanálise chegou ao Brasil como uma forma de diagnosticar a realidade nacional, especialmente entre as décadas de 1920 e 1940, sendo

---

<sup>85</sup> SILVEIRA, Nise. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. Memória do Saber. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 259.

<sup>86</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 259.

<sup>87</sup> SILVEIRA, Nise. “Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil”. In: Faculdade de Medicina da Bahia, Cadeira de Medicina Legal, 1926, p.67-106.

<sup>88</sup> FACCHINETTI, Cristiana & PONTE, Carlos. “De Barulhos e Silêncios: contribuições para a História da Psicanálise no Brasil”. In: *Psychê*, vol. VII, núm. 11, junho, 2003, p. 2.

ligada a construção de uma identidade nacional para o país<sup>89</sup>. Assim:

O modo como a psicanálise emergiu em terras brasileiras nas primeiras décadas do século XX, por meio de um debate iniciado ainda no século anterior sobre a identidade nacional e a questão da modernidade, e em seguida mostrarmos rumos pouco trilhados, que deram contorno à formação psicanalítica no Rio de Janeiro e em São Paulo (...) <sup>90</sup>.

Lembremos que a partir de 1890 as teorias da degenerescência reverberavam no país, sobretudo, nos trabalhos de Nina Rodrigues<sup>91</sup>. No campo da psiquiatria, em processo de legitimação, ocorria um “deslocamento do alienismo francês, com suas teorias sobre a particularidade dos povos, em favor da ideia de que a degeneração e a doença eram exceção biológica, e que interferiam no psiquismo individual, tal como preconizava a psiquiatria organicista Kraepeliana<sup>92</sup>”.

De acordo com Cristiana Facchinetti, a psicanálise chegou ao Brasil como uma forma de diagnosticar a realidade nacional, especialmente entre as décadas de 1920 e 1940, sendo ligada a construção de uma identidade nacional para o país<sup>93</sup>.

Neste sentido, os problemas brasileiros, como a miscigenação, foram vistos pelos

---

<sup>89</sup> FACCHINETTI, Cristiana. “Psicanálise para brasileiros: história de sua circulação e apropriação no entre guerras”. In: *Culturas Psi*, 2012, p. 45. “Seguindo a trilha aberta por Perestrello (1992) e Mokrejs (1993), podemos identificar como precursores do movimento psicanalítico no (...) Rio de Janeiro os nomes de: Arthur Ramos (1903-1949), Antônio Austregésio (1876-1961), Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Henrique de Brito Belfort Roxo (1877-1969), Maurício de Medeiros (1885-1966), Carneiro Ayrosa, Deodato de Moraes, Gastão Pereira da Silva (1897-1987), Neves-Manta (1903-?) e Júlio Pires Porto-Carrero (1887-1957). Estes autores durante as primeiras décadas do século XX, ou mais especificamente durante os anos de 1920 e 1930, destacaram em seus textos o valor da teoria psicanalítica para a compreensão do ser humano e dos fenômenos sociais, bem como seu efeito terapêutico para o tratamento da doença mental.” In: ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. “As contribuições de Júlio Pires Porto-carrero à difusão da psicanálise de crianças no Brasil nas décadas de 1920 e 1930”. In: *Memorandum*, 20, 2011, p. 123-134.

<sup>90</sup> FACCHINETTI, Cristiana &. “De Barulhos e Silêncios: contribuições para a História da Psicanálise no Brasil”. In: *Psychê*, vol. VII, núm. 11, junho, 2003, pp. 59-83. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30701105.pdf>. Data de Acesso: 15.01.2020. PORTO-CARRERO, Julio P. O caráter do escolar segundo a psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, 1(1): 63-69, 1927-8.

<sup>91</sup> “E a (...) razão dessa inferioridade é que as classes mestiçadas apoderam-se atualmente da direção do país e que a deterioração da raça branca pelo clima agrava-se cada vez mais em seus descendentes”. Nina Rodrigues, *Apud* FACCHINETTI. *Idem*, p. 45.

<sup>92</sup> FACCHINETTI. *Idem*, p. 46.

<sup>93</sup> FACCHINETTI, Cristiana. “Psicanálise para brasileiros: história de sua circulação e apropriação no entre guerras”. In: *Culturas Psi*, 2012, p. 45. “Seguindo a trilha aberta por Perestrello (1992) e Mokrejs (1993), podemos identificar como precursores do movimento psicanalítico no (...) Rio de Janeiro os nomes de: Arthur Ramos (1903-1949), Antônio Austregésio (1876-1961), Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Henrique de Brito Belfort Roxo (1877-1969), Maurício de Medeiros (1885-1966), Carneiro Ayrosa, Deodato de Moraes, Gastão Pereira da Silva (1897-1987), Neves-Manta (1903-?) e Júlio Pires Porto-Carrero (1887-1957). Estes autores durante as primeiras décadas do século XX, ou mais especificamente durante os anos de 1920 e 1930, destacaram em seus textos o valor da teoria psicanalítica para a compreensão do ser humano e dos fenômenos sociais, bem como seu efeito terapêutico para o tratamento da doença mental.” In: ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. “As contribuições de Júlio Pires Porto Carrero à difusão da psicanálise de crianças no Brasil nas décadas de 1920 e 1930”. In: *Memorandum*, 20, 2011, p. 123-134.

intelectuais como matéria prima à utilização da psicanálise como método de diagnóstico da realidade do país, assim sendo “a teoria do sujeito do Inconsciente, necessariamente singular, foi pensada como passível de transferência imediata da história subjetiva para o campo da coletividade, em uma leitura inusitada acerca da identidade nacional em formação<sup>94</sup>”. Desta forma, nos anos vinte, “a psicanálise seria paulatinamente medicalizada e moralizada, servindo de base para um processo de higienização mental no país”<sup>95</sup>.

Nos anos vinte, o psiquiatra Henrique Roxo (1887 – 1969), por exemplo, procurou construir uma relação entre a teoria psicanalítica e a temática da higienização mental<sup>96</sup>. No que se refere à questão da sexualidade, Roxo entendeu que uma “preocupação de natureza sexual”, assim como uma vida sexual “acidentada” e desregrada poderia causar distúrbios mentais<sup>97</sup>. Neste sentido, se fazia importante o caráter moralizante que deveria reger a vida matrimonial e sexual<sup>98</sup>. Outro psiquiatra contemporâneo de Roxo e de Silveira, Júlio Porto-Carrero (1887-1957) tinha como concepção que a educação seria o principal instrumento terapêutico de evolução moral para os brasileiros<sup>99</sup>. A psicanálise poderia auxiliar ainda na evolução da raça, ajudando na “eliminação do misticismo e do sentimento religiosos primitivos”<sup>100</sup>. Entretanto, para os alienados, Porto-Carrero sugeriu o extermínio de sua hereditariedade que era considerada segundo ele degenerada<sup>101</sup>.

E Nise da Silveira, que tipo de apropriação fez das ideias da psicanálise em sua monografia? Ao falar sobre a importância da educação intelectual e moral para a sociedade, a fim de evitar a criminalidade, a médica chegou na relação da infância com a educação:

---

<sup>94</sup> FACCHINETTI. *Idem*, p. 46.

<sup>95</sup> FACCHINETTI. *Idem*, p. 134.

<sup>96</sup> “Além de Henrique Roxo, entre os catedráticos de psiquiatria ou especialistas interessados pela psicanálise estavam Juliano Moreira, Franco da Rocha, Durval Marcondes, Porto-Carrero, Arthur Ramos, Maurício de Medeiros e Ulisses Pernambuco. (...) Mas apesar da precoce divulgação da psicanálise no meio psiquiátrico do país – há indícios de que Juliano Moreira tenha proferido aulas sobre o método da interpretação dos sonhos ainda em sua cátedra na Bahia, em 1899 (...) – as iniciativas de divulgação dos temas freudianos pela psiquiatria brasileira permaneceram isoladas por longo tempo”. In: FACCHINETTI, Cristiana & VENANCIO, Ana T. A. “Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil”. In: *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 2006, IX, p.156.

<sup>97</sup> Henrique Roxo, *Apud* FACCHINETTI & VENANCIO. *Idem*, p. 156. “Coloca-se o doente num sofá e o médico à cabeceira deste vai conversando com ele, dando-lhe corda como vulgarmente se diz. O doente vai respondendo sem emoção a várias perguntas que se lhe façam, até que num dado momento a sua fisionomia se transforma, a voz se altera e ele busca rapidamente mudar de assunto. É que se realizou o método catártico, que faz vir à tona os complexos recalçados”. Confira: ROXO, Henrique. *Sexualidade e Demência Precoce*. *Archivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, Rio de Janeiro, ano I, p. 337-49, 1º trimestre 1919.

<sup>98</sup> FACCHINETTI & VENANCIO. *Idem*, p. 157.

<sup>99</sup> FACCHINETTI. *Idem*, p.48.

<sup>100</sup> FACCHINETTI. *Idem*, p.51.

<sup>101</sup> “(...) quarenta milhões de débeis mentais são número demasiado, que nunca levará uma nação à prosperidade. Mais vale quatro ou cinco milhões de adultos normais ou superiores, capazes de dirigir uma massa selecionada de imigrantes” Porto-Carrero, 1934, p. 35 *Apud* FACCHINETTI. *Idem*, p.49.

Na infância, o psiquismo, essencialmente impressionável, apropria-se com extrema facilidade das impressões que lhe chegam.  
Na educação, a importância capital está no modo de agir daqueles que vivem em contato com o indivíduo, o que inconscientemente vai integrando no seu psiquismo ainda em fase evolutiva<sup>102</sup>.

Vemos que a infância, o psiquismo e a educação na esfera doméstica eram pautas que se encontravam interligadas no pensamento de Nise da Silveira como formas de prevenção para a degeneração social. A educação transmitida no seio familiar, estaria ligada ao modo de agir dos pais para com a evolução do psiquismo da criança, assim como no desenvolvimento infantil dos sentimentos altruístas, pois conforme Silveira: “Prontas a explodir ficam sempre as qualidades herdadas e as noções primeiro adquiridas<sup>103</sup>. A noção de hereditariedade, esteve, também presente nas concepções de Silveira que a atrelou a educação infantil. Essa última foi combinada a responsabilidade moral dos pais para com os filhos, pois segundo Silveira: “A conduta dos pais e pessoas que cercam as crianças tem um valor decisivo na formação de seu caráter”<sup>104</sup>.

Nise da Silveira compreendia, portanto, a educação como um elemento crucial para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo:

A educação é um fator valiosíssimo, dada sua influência preeminente sobre a conduta do indivíduo. A personalidade representa o produto da herança e da educação. Este termo, porém, deve ser compreendido num sentido mais amplo, não só de instrução, mas principalmente de ensinamentos morais, considerados os exemplos da família e do meio que se desenvolve o indivíduo<sup>105</sup>.

A educação era vista pela médica como produto da herança (hereditariedade) e da educação. Neste sentido, a educação era constituída pela instrução e pelos ensinamentos morais e exemplos da família.

As considerações de Silveira, estavam vinculadas sobretudo à importância que deu a questão da afetividade na vida do sujeito, seja esse louco, criminoso ou “normal”, pois em sua visão, “Freud, tomando como ponto de partida a preponderância da afetividade” construiu “uma teoria geral da vida”<sup>106</sup>. De acordo, com a futura médica, um bom desenvolvimento afetivo – psíquico do sujeito aliado ao moral, ao intelectual e as ações de prevenção social do Estado, seria a melhor forma de se evitar o caminho do crime ou da loucura para a sociedade

---

<sup>102</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 259.

<sup>103</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 259.

<sup>104</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 259.

<sup>105</sup> SILVEIRA, Nise. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 259.

<sup>106</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 259.

brasileira.

Dessa forma, conforme Joel Birman, a inserção da psicanálise inserida no campo da medicina, especificadamente na psiquiatria, articulava-se as áreas da pedagogia e da criminologia, como no caso do estudo de Silveira que apesar de focar na criminalidade feminina analisou questões gerais sobre o crime, com o objetivo de “fornecer novos instrumentos para as práticas preventivas”. Portanto, “o discurso psicanalítico funcionou então como uma referência inovadora para repensar as práticas pedagógicas e criminológicas”<sup>107</sup>.

Na visão de Silveira, a relevância da afetividade na vida psíquica das mulheres, impactaria na maioria dos crimes femininos: “Todos os crimes, como todos os atos de nossa vida, têm o *substratum* na afetividade”<sup>108</sup>. Assim, o descontrole da afetividade, através do ciúme foi apontado por Silveira como um dos principais fatores que levavam as mulheres a cometerem os crimes: “E é o ciúme precisamente, paixão inferior e torpe, talvez o móvel que com maior frequência determina os crimes femininos”<sup>109</sup>.

Silveira, como os demais médicos, apropriou-se da psicanálise a partir de uma visão educativa e preventiva. Logo, a psicanálise, foi um instrumento de reafirmação e legitimação dos ideários eugênicos e de prevenção social dos médicos brasileiros na década de vinte. Silveira, como os outros médicos da época, apropriou-se da psicanálise a partir de uma ótica de prevenção social. Entretanto, não focou em seu trabalho na questão da sexualidade ou no extermínio dos degenerados, mas em uma proposta de prevenção que atuasse desde a infância – que também é uma temática cara na psicanálise freudiana – e que teve como carro chefe a educação no âmbito familiar.

Nos discursos médicos de prevenção social, no início do século XX, encontramos aquilo que Michel Foucault denominou como biopolítica, uma tecnologia de poder que controla as mais variadas instâncias da vida humana. Logo, “os biopoderes se ocuparão então da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade, dos costumes, etc, na medida em que essas se tornaram preocupações políticas”<sup>110</sup>.

De acordo com Michel Foucault, a biopolítica se firmou a partir da Governamentalidade<sup>111</sup>. Portanto, “o pensamento medicalizado utiliza (...) meios de

---

<sup>107</sup> BIRMAN, Joel. “Retomando a História”. In: *Percursos na História da Psicanálise*. Rio de Janeiro. Coleção Anánkê, 1988, p. 9.

<sup>108</sup> SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 280.

<sup>109</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 279.

<sup>110</sup> Foucault, Michel. “A Governamentalidade”. In: *A Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

<sup>111</sup> A governamentalidade está ligado a constituição da sociedade burguesa e do capitalismo, a partir da noção

transformação dos indivíduos, e toda uma tecnologia do comportamento do ser humano está ligada a eles. Permite aplicar a sociedade uma distinção entre o normal e o patológico<sup>112</sup>”. Assim, a biopolítica que estava ligada a medicina social teve o objetivo de controlar a vida dos cidadãos brasileiros. A tese de Silveira, ao debater sobre a criminalidade feminina buscou traçar soluções para o problema, passando por várias discussões (degenerescência, prevenção, educação) ligadas as tentativas de controle social apontadas em discurso pelos médicos brasileiros no início do século XX.

### 1.3. O crime feminino na visão de Nise da Silveira

A noção de diferenciação entre os sexos foi construída a partir do século XVIII, após a Revolução Francesa<sup>113</sup>. Conforme apontou Fabíola Rodhen, autores como Pierre Russel (1723 – 1782) e Pierre Cabanis (1757 – 1808) dedicaram-se a escrever tratados a respeito da diferenciação sexual<sup>114</sup>. Em 1825, Claude Lachaise, publicou *Hygiène physiologique de la Femme*. Dessa forma, segundo Rodhen:

Nesses autores, a diferença física entre os sexos é expressa desde os ossos até o cérebro, passando pela pele, pelos músculos e pelas fibras. O corpo masculino é quase sempre descrito como superior em relação ao feminino<sup>115</sup>.

Ao longo do século XVIII, de acordo com Alessandra Rinaldi, “o sexo biológico se

---

de governo das esferas mais íntimas da população. Este conceito também se aplica a construção do sujeito, fortalecido pela ideia de que é necessário governar e gerenciar a sua própria vida., conforme Foucault: “o que pretendo fazer nestes próximos anos é uma história da *governamentalidade*. E com esta palavra quero dizer três coisas: 1 – o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. 2 – a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina, etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes. 3 – resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado”. Foucault, Michel. “A Governamentalidade”. In: *A Microfísica do poder*. Organização, introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Disponível em: <http://sabotagem.cjb.net>, p. 171.

<sup>112</sup> “Biopolítica é o termo utilizado por Foucault para designar a forma na qual o poder tende a se modificar no final do século XIX e início do século XX. As praticas disciplinares utilizadas antes visavam governar o indivíduo. A biopolítica tem como alvo o conjunto dos indivíduos, a população. A biopolítica é a prática de biopoderes locais. No biopoder, a população é tanto alvo como instrumento em uma relação de poder”. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/epsico/subjetivacao/espaco/biopolitica.html>. Foucault, Michel. *A Governamentalidade*. In: *A Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

<sup>113</sup> LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*. Relume Dumará. Rio de Janeiro: 2001.

<sup>114</sup> Russel escreveu *Système Physique et Moral de la Femme* (1775) e Cabannis, *Rapports du Physique et du Moral de l'Homme* (1803).

<sup>115</sup> ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001, p. 33 – 34.

torna demarcador das diferenças de gênero, passando assim a compreensão da diferença de comportamentos masculinos e femininos a ser elaborada tendo por base o dismorfismo sexual”<sup>116</sup>. Ao mesmo tempo, a mulher e o feminino foram associados a ideia de natureza, enquanto o homem e o masculino à noção de cultura. Dessa forma, segundo Magali Engel:

Uma das imagens mais fortemente apropriadas, redefinidas e disseminadas pelo século XIX ocidental é aquela que estabelece uma associação profundamente íntima entre a mulher e a natureza, opondo-a ao homem identificado à cultura<sup>117</sup>.

Ginecologistas e psiquiatras do final do XIX e início do século XX no Brasil, abordavam a patologia da natureza feminina em seus escritos. De acordo com Rinaldi, Nise da Silveira compunha um grupo de médicos e juristas que “articulavam seus debates em torno da ideia de que seria a ‘natureza feminina a determinante de seu comportamento’”<sup>118</sup>.

Dois anos após a publicação de sua tese sobre a criminologia da mulher, Nise da Silveira deu uma entrevista para a *Revista Criminal*, em 1928<sup>119</sup>. A entrevista começa exaltando a recém-formada médica como uma criminalista reconhecida. Conforme a entrevista, Nise da Silveira era alguém que tinha a autoridade para falar sobre a criminalidade feminina, pois além de médica, era mulher<sup>120</sup>.

Em *A Ordem do discurso*, o filósofo Michel Foucault caracterizou o papel do discurso na ordem do conhecimento das ciências ocidentais. O discurso instituía determinadas verdades<sup>121</sup>. À Nise da Silveira foi atribuída a autoridade do discurso sobre a criminologia feminina<sup>122</sup>. Conforme Foucault, o discurso tem uma historicidade que não é apenas contínua e não possui um significado natural<sup>123</sup>.

Ao construir uma “Psicologia das mulheres criminosas no Brasil”, segundo Silveira, os crimes cometidos por mulheres seriam de ordem passional, pois essas, em sua maioria,

---

<sup>116</sup> RINALDI, Alessandra. *A sexualização do crime no Brasil: Um estudo sobre criminalidade feminina no context das relações amorosas (1890 – 1940)*. Rio de Janeiro: Mauad X & FAPERJ, 2015, p. 72.

<sup>117</sup> ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. In: Priore, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 349.

<sup>118</sup> RINALDI, *Idem*, p. 88.

<sup>119</sup> SILVEIRA, Nise. “Psycologia das mulheres criminosas no Brasil: uma criminalista emite, a respeito, originaes e suggestivos conceitos”. In: *Revista Criminal*. Ano 1, n. 12, p. 34-40, p. 39.

<sup>120</sup> SILVEIRA, Nise. “Psycologia das mulheres criminosas no Brasil: uma criminalista emite, a respeito, originaes e suggestivos conceitos”. In: *Revista Criminal*. Ano 1, n. 12, p. 34-40, p. 39.

<sup>121</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

<sup>122</sup> GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relumbe Damará, 1996, p. 36. MELLO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira. Caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2014, p. 62. Neste período, ela foi acolhida pelo casal comunista Otávio Brandão e sua esposa Zélia Brandão. Sobre a chamada República do Curvelo, entraremos em detalhes no segundo capítulo da tese.

<sup>123</sup> SANTOS, Bruna Rodrigues dos. “Promovendo Encontros: as contribuições de Promovendo encontros: contribuições de Michel Foucault e de Gilles Deleuze à produção do conhecimento histórico”. In: *Revista Ars Historica*, nº 9, p. 19-35.

estariam afastadas do trabalho em esfera pública e de hábitos como jogos e alcoolismo, oportunidades, segundo Silveira, para os crimes ocasionais. Além disso, para se compreender a criminalidade feminina seria necessário levar em consideração os fatores referentes ao psiquismo feminino e da afetividade. De acordo com Silveira:

Os delitos de ocasião determinam-se principalmente por fatores sociais, e a mulher, afastada como vive das lutas pela existência, raro se vê em face das múltiplas oportunidades que esta luta oferece ao crime. Ao contrário, predomina o sentimento na estrutura de seu psiquismo, e de comum as solicitações de seu gênero de vida estreitam-se nos domínios da afetividade. É indutivo, por consequência, que os crimes da mulher se realizem principalmente dentro da própria esfera em que ela vive<sup>124</sup>.

Nise da Silveira discordou Lombroso em relação a origem dos delitos femininos. Na sua visão, a maioria dos crimes femininos era de origem passional e não ocasional como apontava o médico italiano. Entretanto, aderiu a perspectiva Lombrosiana para pensar a crueldade feminina na realização dos crimes. Portanto, Silveira deu continuidade ao seu argumento baseado em Lombroso sobre a suposta crueldade dos crimes femininos, “um traço da criminalidade feminina que sempre tem posto em relevo é a maior crueldade com que a mulher executa seus crimes”<sup>125</sup>, “além de matar, a criminosa quer fazer sofrer, mutilar e despedaçar”<sup>126</sup>.

Este argumento da “crueldade feminina” apresentado pela médica, se baseou no livro de Lombroso e Ferrero, *La donna delinquente, la prostituta e la donna normal* (1893), onde discutiam a ideia de “criminosa nata”, bem como a formação da prostituta. Esse tipo de criminosa, uma “louca moral”, seria, na visão destes pensadores, menos evoluída e sua mentalidade se aproxima de uma criança. Assim, os crimes cometidos por ela teriam requintes de uma crueldade primitiva<sup>127</sup>.

Contudo, a médica considerava que a afetividade seria um fator predominante nos crimes femininos que, em sua maioria, eram de origens passionais. A afetividade foi considerada por Nise da Silveira como esfera essencial na vida das mulheres, na execução de crimes femininos cometidos por ciúme, por exemplo. Na visão da médica, a emoção seria diferente de paixão. Assim, um crime por ser passional não queria dizer que não tenha sido

---

<sup>124</sup> SILVEIRA, Nise. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 281.

<sup>125</sup> SILVEIRA, Nise. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 273.

<sup>126</sup> SILVEIRA, Nise. “Psicologia das mulheres criminosas no Brasil: uma criminalista emite, a respeito, originaes e sugestivos conceitos”. In: *Revista Criminal*. Ano 1, n. 12, p. 39.

<sup>127</sup> “A coexistência na mulher da crueldade e da piedade é outra contradição plenamente resolvida nos estudos sobre a influência da maternidade, que, se enxertando sobre a crueldade primitiva, faz nascer a doçura”. LOMBROSO & FERRERO, *Apud*, RINALDI, *Idem*, p. 85.

premeditado “a emoção define-se por dois caracteres principais: a intensidade e a brevidade. (...) enquanto a paixão representa estado crônico, estável cujo caractere típico é a durabilidade”<sup>128</sup>.

Se na emoção não se premedita, age-se por impulso, na paixão pode se premeditar os crimes, inclusive com requintes de crueldades. Ou seja, os crimes passionais seriam passíveis de premeditação e de grau de intelectualidade na elaboração dos mesmos. Assim, de acordo com Nise da Silveira:

Também quase nunca se entrega a hábitos como o alcoolismo, o jogo, que representam elementos influentes na criminalidade ocasional. Ao contrário, predomina o sentimento na estrutura do seu psiquismo, e de comum, as solicitações de seu gênero de vida estreitam-se nos domínios da afetividade (...) As observações que tive a oportunidade de recolher nas penitenciárias do Recife, Maceió e S. Salvador confirmam essa assertiva<sup>129</sup>.

Dessa forma, Silveira reforçava a predominância da afetividade e do psiquismo na efetivação dos crimes femininos, “com efeito, os sentimentos na mulher atingem facilmente os extremos. Por isso mesmo que no amor, na abnegação, sabe ir até as sublimações mais altas; de um outro lado, é também capaz de ser perversa<sup>130</sup>”. Como vimos, essa ideia estava ligada a “patologia da mulher” construída pelos médicos que entendiam que as mulheres estariam mais propensas aos descontroles mentais<sup>131</sup>.

A prostituição, por exemplo, foi pensada por Nise da Silveira em sua tese como uma patologia social, uma espécie de vício moral, no qual a ausência de educação, as péssimas condições sociais, a falta de oportunidade de trabalho, além do físico da mulher seriam os principais fatores causadores do problema, pois “a fraqueza física da mulher e a sua ignorância fazem-na inapta para a grande luta pela subsistência. Paralelamente, a deficiência de sua educação moral não lhe permite o necessário desenvolvimento das suas faculdades<sup>132</sup>”.

Em sua tese considerou ainda como uma das causas para o infanticídio os distúrbios orgânicos:

---

<sup>128</sup> SILVEIRA, Nise. “Psicologia das mulheres criminosas no Brasil: uma criminalista emite, a respeito, originaes e suggestivos conceitos”. In: *Revista Criminal*. Ano 1, n. 12, p. 37.

<sup>129</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 39.

<sup>130</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 39.

<sup>131</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 39.

<sup>132</sup> SILVEIRA, Nise. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 268.

O processo menstrual pode acarretar desde excitabilidade nervosa e exagerada e modificações de humor (...) e verdadeiras psicoses que têm como causa uma auto-intoxicação menstrual. Alto valor em medicina legal assume as perturbações psíquicas em mulheres puerperais. Os crimes de infanticídio são na maioria dos casos cometidos num estado patológico de inconsciência<sup>133</sup>.

Aliado aos distúrbios orgânicos, a médica atribuiu o infanticídio às condições sociais relacionadas às mulheres: “Fácil compreender que essas hostis condições ambientes repercutam sobre o psiquismo”<sup>134</sup>, “desde a sociedade não admite amor honesto que não seja legítimo, e coloca a pobre mãe na alternativa do próprio aviltamento ou do sacrifício do filho”<sup>135</sup>. Além, de como um fenômeno provocado pelas condições sociais contrárias a mulher, para Silveira, essa ainda teria que lidar com a sua natureza patológica, pois, “da reciproca influencia moral e do psíquico, ambos abalados, não será difícil estabelecer-se um estado afetivo patológico”, “Os psiquiatras concordam que os crimes de infanticídio sejam de ordinário perpetrados num estado psíquico patológico”<sup>136</sup>.

Assim, a ideia de autoridade sobre um determinado discurso – o da criminalidade feminina – o ser mulher de Nise da Silveira, apontadas pela *Revista Criminal*, constituiu-se como elemento de um tempo específico, em que as diferenciações dos sexos e a construção do ser mulher entraram em pauta no século XIX. Neste sentido, assim como o crime, o feminino e a mulher como questão precisam ser pensados a partir dessa historicidade.

Magali Engel apontou como no Brasil em finais do século XIX e início do XX, junto com a constituição dos saberes médicos no Brasil, a figura da mulher foi construída como objeto medicalização. Logo:

Amplamente disseminada, a imagem da mulher como ser naturalmente ambíguo adquiria, através dos pincéis manuseados por poetas, romancistas, médicos, higienistas, psiquiatras e, mais tarde, psicanalistas, os contornos de verdade cientificamente comprovada a partir dos avanços da medicina e dos saberes afins<sup>137</sup>.

Para isso, Silveira baseou-se na teoria que chamou de “psicologia feminina” de Gina Lombroso (1872-1944) e nas ideias de Sigmund Freud sobre a afetividade. Silveira se apropriou do que chamou de “psicologia normal da mulher”, a partir das noções de “mentira” e “fantasia” seriam características das mulheres criminosas:

Esta fantasia deve ter também influência grandíssima nos delitos de calúnia, de falsa denúncia, de mentira tão próprio das mulheres. Se já na mulher

<sup>133</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 257 – 258.

<sup>134</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 298.

<sup>135</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 300.

<sup>136</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 298.

<sup>137</sup> ENGEL, Magali. *Idem*, p. 350.

normal é tão difícil diversificar a realidade da imaginação, tanto mais difícil isto será na mulher anormal, em que os centros inibidores são menos desenvolvidos. A criminosa, a histérica, mentem, caluniam, bem que mais do que mentem os homens (...) para a mulher, a diferença entre realidade e a fantasia é tão mínima, que difícil é para ela distinguir uma da outra<sup>138</sup>.

Nesse sentido, Silveira estabeleceu mais uma vez a ideia de “natureza feminina”, pois, para a mulher, ainda que se tratando de uma “normal”, distinguir a realidade da fantasia seria algo complicado. A mulher criminosa seria muito mais perigosa que a “normal”, pois teria ultrapassado todos os limites da racionalidade feminina, que já seria restrita. Além disso, havia a questão das oposições de gênero, pois o homem criminoso teria mais noção de realidade do que a mulher criminosa.

Nise da Silveira não escapou, portanto, do pensamento binário de sua época. Ao falar de Gina Lombroso, a mesma destacou que essa intelectual teria a “verdadeira alma de mulher”<sup>139</sup>. O que seria essa “verdadeira alma de mulher”? A mulher emancipada que teve acesso à educação e possuía qualidades morais, ou seja, que não havia sucumbido a afetividade exacerbada através do ciúme, do amor desenfreado, ou seja, das paixões.

A médica buscou construir uma psicologia feminina visando compreender “as origens genéticas dos crimes femininos”. Ao discutir o livro *L'anima dela donna* de Gina Lombroso e respaldando-se nas teorias de Sigmund Freud (1856 – 1939) sobre projeção e extroversão afetiva, Silveira colocou a subordinação dos interesses femininos às paixões e à afetividade exacerbadas.

Nise da Silveira destacou, portanto, que nas mulheres “predomina o sentimento na estrutura de seu psiquismo”, portanto, “as solicitações de seu gênero de vida estreitam-se nos domínios da afetividade”, em oposição, a racionalidade, “o caráter essencial da lógica dos sentimentos é que suas conclusões são dadas com antecedência, e determinam o valor dos julgamentos em vez de serem por eles determinados como lógica racional<sup>140</sup>”. Assim, “Os sentimentos na mulher, é traço específico de sua psicologia”. Portanto, “o amor tem um papel dominante na vida da mulher, seja na sublimação de suas formas altruístas ou em seus derivados egoístas e baixos<sup>141</sup>”. Aqui podemos perceber no discurso de Nise da Silveira a construção da diferenciação entre os sexos. Se, por um lado, Silveira delimitou o universo feminino dentro dos domínios da afetividade e da emoção, e ao masculino relacionou à razão.

---

<sup>138</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 275.

<sup>139</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p.275.

<sup>140</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 281.

<sup>141</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 284.

No discurso de Nise da Silveira, ao masculino era dado a prerrogativa da racionalidade em oposição a afetividade feminina. Dessa forma, podemos pensar na noção de gênero que indica a construção hierárquica da relação entre masculino e feminino, bem como os jogos de representação acerca da masculinidade e feminilidade. Como destacou Joan Scott, o gênero tem por maior objetivo “desnaturalizar a diferença sexual, uma vez que essa diferença é produzida socialmente e implica relações de poder<sup>142</sup>”.

Além disso, a médica, ao pensar uma psicologia feminina a partir das contribuições de Gina Lombroso, construiu um tipo de feminilidade normal que contrapõe a mulher criminosa. Essa última era vista por Silveira a partir da perspectiva de uma natureza degenerada e patológica – fora dos eixos da razão – versus uma mulher emancipada intelectualmente dentro de uma racionalidade, livre dos comportamentos importunos movidos pela paixão.

Nesse sentido, Silveira entendia que a ausência de educação intelectual e, nem como de trabalho, induziria as mulheres à criminalidade moral e também de trabalho para as mulheres seriam prerrogativas que induziriam a criminalidade. Assim sendo, Silveira explicou o crime feminino a partir da perspectiva de “patologia da natureza feminina”, mas também tendo em vista as condições sociais desfavoráveis às mulheres.

A médica articulou em sua tese diferentes vertentes discursivas como a antropologia criminal, a psicologia e a psiquiatria. De acordo com Michel de Foucault, o discurso está amplamente ligado a vontade de verdade, ou seja, uma vontade de saber, ou saberes que não são atemporais ou imutáveis, mas historicamente construídos<sup>143</sup>. A vontade de verdade de um discurso é apoiada em suportes e aparatos institucionais e exerce um poder coercitivo sobre o conhecimento e sobre toda a sociedade. Conforme Foucault, nas sociedades ocidentais existem discursos entendidos como verdadeiros que desqualificam e excluem outras possibilidades de discursos.

---

<sup>142</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Adelina Betânia Ávila “*Gender: a useful category of historical analyses*”. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf)27.07.2015, p. 8.

<sup>143</sup> Michel Foucault apresentou os princípios de controle e exclusão do discurso, os princípios externos e internos. Dentre os princípios externos está a separação de um determinado discurso de uma figura marginalizada socialmente, ou seja, seria a segregação e rejeição do discurso do louco. Podemos pensar atualmente na rejeição de muitos discursos de tantas pessoas, assim como o louco, marginalizadas na nossa sociedade. SANTOS, Bruna Rodrigues. “Promovendo Encontros: as contribuições de Promovendo encontros: contribuições de Michel Foucault e de Gilles Deleuze à produção do conhecimento histórico”. *Revista Ars Historica*, ISSN 2178-244X, nº 9, p. 19-35. [www.historia.ufrj.br/~ars/30.09.14](http://www.historia.ufrj.br/~ars/30.09.14). FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.9-10.

Deste modo, é possível perceber que, nos discursos construídos por Nise da Silveira, predominou uma ótica que opôs a degeneração social, o crime, a patologia física e mental versus a prevenção social, a razão, a normalidade. Ou seja, ela operou a partir de perspectiva médica onde preponderava a ideia de medicalização social da loucura, do crime e da condição feminina.

O sociólogo Pierre Bourdieu apontou a constituição dos binarismos na sociedade, onde “a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas(...)”<sup>144</sup> Neste sentido, Nise da Silveira operou, em sua linha de pensamento, a partir de uma perspectiva do que seria considerado apropriado ao feminino e sua inserção nesse sistema de oposições homólogas<sup>145</sup>.

#### 1.4 Nise da Silveira e a prostituição como um problema social

Ao longo do século XIX, o médico tornou-se no Brasil um personagem central, no que tange à prevenção e ao combate as doenças<sup>146</sup>. A medicina foi se tornando social, na medida em que buscava combater e prevenir a doença e os vícios morais, visando o bom funcionamento da sociedade, atuando como ferramenta política do Estado no controle social. A medicina social era, sobretudo, preventiva<sup>147</sup>. De acordo com Roberto Machado,

O que se tem chamado de medicalização da sociedade (...) é o reconhecimento de que a partir do século XIX a medicina em tudo intervém e começa a não ter mais fronteiras<sup>148</sup>.

A cidade vista como foco de doenças, tanto em seu aspecto natural quanto social, se transformou no centro de atuação da medicina social. Baseada em uma moralidade que deveria combater paixões e desvios, a medicina social tinha o objetivo de “formar ou reformar física e moralmente o cidadão”<sup>149</sup>.

---

<sup>144</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p. 8. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3026074/mod\\_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20P.%20A%20Dominação%20Masculina.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3026074/mod_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20P.%20A%20Dominação%20Masculina.pdf). Data de Acesso:12/11/2019.

<sup>145</sup> A respeito do conceito de feminilidade: “Trata-se de um **conceito** relacional porque masculinidade e **feminilidade** se definem por mútua oposição, inscrevendo-se numa relação de poder. Como ferramenta teórica, o **conceito** de gênero tem possibilitado uma ampla crítica cultural da dominação masculina e da subordinação e opressão feminina”. In: CARVALHO, Adelina Eulina Pessoa de. Pierre Bourdieu sobre Gênero e Educação. *Revista Ártemis*. N.1, João Pessoa, S/D.

<sup>146</sup> MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, p. 155.

<sup>147</sup> MACHADO. *Idem*, p. 258.

<sup>148</sup> MACHADO. *Idem*, p. 156.

<sup>149</sup> MACHADO. *Idem*, p. 197; 281.

Em conformidade com o surgimento da medicina social no Brasil, os discursos médicos no século XIX, construíram as bases do pensamento burguês a respeito do feminino e sobre a diferenciação sexual. O papel social da mulher foi vinculado a sua função reprodutiva, assim, “insiste-se na ideia de que as características femininas refletiriam a missão passiva que a natureza reservara à mulher, além de uma predestinação à maternidade”<sup>150</sup>.

Como destacou Cristiana Facchinetti, ao longo do século XIX o olhar médico sobre o sexo construiu a ideia de essência para a natureza humana, e a partir daí “o destino social dos indivíduos”. No caso das mulheres, os médicos construíram “um discurso que reafirmava a maternidade como natural – isto é, delimitada pela essência biológica – consagrando-a como única função social feminina e justificando sua exclusão do espaço público”<sup>151</sup>.

A instauração da república brasileira trouxe consigo a legitimação e a expansão da psiquiatria enquanto instância institucional, bem como uma nova fase de concepções sobre a higiene social. Em 1906, Juliano Moreira chamou atenção para a importância de a psiquiatria brasileira construir um caminho de “higiene profilática”<sup>152</sup>.

Como foi apontado anteriormente, as três primeiras décadas do século XX no Brasil, foram marcadas pela presença das ideias da psiquiatria organicista alemã na ciência psiquiátrica brasileira, lado a lado com a expansão da ciência psiquiátrica no país<sup>153</sup>. Foi neste período que os temas referentes a higiene mental estiveram recorrentes nos discursos dos psiquiatras brasileiros.

Do ponto de vista institucional, com ênfase no debate científico, no ano de 1905 foram criados os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* e, em 1907, surgiu a *Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Em 1912, a psiquiatria tornou-se de fato uma especialidade médica autônoma<sup>154</sup>. A Lei da Assistência aos Psicopatas de 1927 aumentou o controle dos médicos sobre a população.

De tal modo, A Liga Brasileira de Higiene Mental, foi umas das instituições ligadas ao ideário médico de prevenção e profilaxia que rondava o país. Funcionando no Rio de Janeiro, a LBHM reunia, conforme Vanderlei Souza, “mais de 120 membros, entre eles

---

<sup>150</sup> ROHDEN, *Idem*, p. 33.

<sup>151</sup> FACHINETTI, Cristiana & CARVALHO, Carolina. Loucas ou modernas? Mulheres em revista (1920 – 1940). In: *Cadernos Pagu* (57), São Paulo: 2019, p. 8.

<sup>152</sup> REIS, José R. Franco. *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, 1994, p. 29.

<sup>153</sup> REIS. *Idem*, p. 32. Antes da LBHM, em 1918, foi fundada por Renato Kehl a “Sociedade Eugênica de São Paulo” que segundo Reis reunia a elite médica da cidade.

<sup>154</sup> COSTA, J. Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976, p. 22-23.

figuras intelectuais destacadas no cenário nacional, como Miguel Couto, Fernando Magalhães, Carlos Chagas, Henrique Roxo, Antonio Austregésilo, Afrânio Peixoto, Edgar Roquette-Pinto, Ernani Lopes, Julio Porto-Carrero, entre outros”<sup>155</sup>.

Conforme apontou Facchinetti, nesse período “a atenção médica passou a englobar temas diversos, desde o trabalho feminino e a prostituição até a puericultura, a maternidade, a educação, a saúde pública, a imigração”, pois refletia no meio médico, a preocupação com possíveis “novos arranjos familiares e sociais da vida urbana”<sup>156</sup>.

Em sua maioria esses psiquiatras escreviam para periódicos médicos, tais como, os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* e *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* e o *Boletim de Eugenia*, e eram ligados a sociedades médicas, tais como A sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina legal e a Liga Brasileira de Higiene Mental.

No início do século XX, conforme Adelina Marta Freire, o “debate que se travava desde o século XIX na sociedade brasileira sobre o papel da mulher assumiu lugar central na cena pública, notadamente quanto à função maternal”<sup>157</sup>. Desse modo, ainda que vinculado ao debate sobre a natureza feminina, o ideário da maternidade tornou-se público e foi ligado a um “projeto modernizador nacionalista” que “ultrapassava os limites da esfera doméstica e adquiria um novo caráter, de missão patriótica e função pública”. Assim, a maternidade não seria somente uma questão de reprodução matrimonial doméstica, ou seja, de “garantir filhos ao marido”, mas sobretudo, garantir “cidadãos à Pátria”<sup>158</sup>. Portanto, foi na década de vinte, que a concepção de maternidade científica começou a ser construída pelos médicos como parte do projeto eugênico e modernizador republicano<sup>159</sup>.

Nos anos vinte e trinta, portanto, os médicos construíram no Brasil um discurso eugênico sobre a “mulher normal”. Esse padrão específico visto como saudável em relação às mulheres estavam ligadas a ideia de casamento e de maternidade. Assim, a mulher moderna e normal deveria ser esposa e mãe<sup>160</sup>.

---

<sup>155</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. “Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920”. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 146-166, jul/dez 2008, p. 153.

<sup>156</sup> FACHINETTI, *Idem*, p. 8.

<sup>157</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008.

<sup>158</sup> FREIRE, *Idem*, p. 154.

<sup>159</sup> FREIRE, *Idem*, p. 154.

<sup>160</sup> Confira: CUPELLO, Priscila Céspedes. *A mulher (a)normal: representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do rio de janeiro (1925-1933)*. Rio de Janeiro: 2013, p. 59. Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo

Nesse debate, estava atrelada a questão da emancipação feminina, que não era vista com bons olhos pela maioria dos médicos, pois entendiam que as atividades das mulheres em espaços públicos levariam a degradação da família e a degenerescência social. A figura da mulher naturalizada pelos médicos nas décadas de vinte e trinta ligava a mulher à feminilidade e aos papéis de esposa/mãe, passiva/afetiva e de preferência não emancipada.

O psiquiatra Gustav Kehl foi um dos defensores que atrelou a feminilidade à passividade feminina: “a força da mulher reside na sua feminilidade, está na sua fraqueza e, (...) isto é, uma instintiva e delicada criatura, flexível e vivaz, em que predominam, poderosamente, as qualidades de ternura, bondade e da graça”<sup>161</sup>. Na visão de Kehl, o fato de as mulheres poderem se instruir, não significaria necessariamente emancipar-se. De tal modo, seria importante manter a diferenciação sexual, pois homens e mulheres deveriam exercer seus diferentes papéis sociais:

Instruir-se e educar-se, não quer, porém, dizer emancipar-se, na verdadeira acepção dada a palavra, pelos modernistas que se batem pela equiparação dos dois sexos, os quais, por sua natureza têm de conservar-se, paralelamente distintos, exercendo cada um o seu papel na finalidade e fundindo-se ambos, completando-se para a perpetuação da humanidade<sup>162</sup>.

Júlio Porto Carrero era também um dos médicos que em seus discursos “associava intrinsecamente a mulher ao matrimônio e à reprodução”<sup>163</sup>. Além disso, descrevia em seus discursos as mulheres normais tendo as “características naturalizadas de passividade e afetividade”. Porto Carrero enfatizou em seus escritos a importância da maternidade em relação às mulheres: “É preciso, principalmente, não perder de vista que a função sexual da mulher não está completa sem a maternidade”<sup>164</sup>, bem como a defesa da não emancipação feminina. Segundo Portocarrero, a emancipação feminina poderia gerar um dano à família através da “perda do sentido do lar” e ao casamento “, cada vez mais fácil de contrair e de se desfazer”<sup>165</sup>. Assim, conforme o médico:

quando cada mulher [...] tiver confiança em si e sentir o dever da espécie, de ser mãe, quando a escolha do esposo puder ser consciente, por uma educação sexual que não a deixe corar ante o ato natural com que os pais a

---

Cruz – Fiocruz. Ver também: FACHINETTI, Cristiana & CARVALHO, Carolina. Loucas ou modernas? Mulheres em revista (1920 – 1940). In: *Cadernos Pagu* (57), São Paulo: 2019

<sup>161</sup> PORTO-CARRERO, *Idem*, p. 159.

<sup>162</sup> KEHL, Renato. *Como escolher uma boa esposa*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1925, p.90.

<sup>163</sup> PORTO-CARRERO, Julio. O Sexo e a Cultura. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*. 1930, ano III, n. 5, p. 159.

<sup>164</sup> PORTO-CARRERO, Julio. O sexo e a cultura. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano III, n. 5, 1930, p. 193.

<sup>165</sup> PORTO-CARRERO, Julio. O exame pré-nupcial como fator eugênico. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VI, n. 2, 1933, p.90.

engendraram, quando uma educação física lhe demonstrar que muitos dos seus impulsos podem ser sublimados, sem fantasias românticas e sem misticismo neurosante, então a servidão da mulher será um fato histórico, a tentar pesquisas de ciência, pois que a esposa e a serva serão conceitos antagônicos<sup>166</sup>.

Antônio Austregésilo, o orientador de Nise Silveira neste período, até apontou em seu livro *Perfil da mulher brasileira* que as mulheres deveriam escolher e desempenhar os tipos de trabalhos que queriam:

E, então, desde a máquina de escrever ao balcão das lojas, da operária às mesas telefônicas, da simples arquivista à cabeceira dos enfermos, dos trabalhos do campo à arte culinária, do microscópio à tribuna parlamentar, a mulher substitui o homem, auxilia-o na luta pela vida (...) <sup>167</sup>.

Austregésilo retratou a mulher ideal como a “colaboradora da civilização brasileira no ensino, na política, na ciência, nas letras e na administração” <sup>168</sup>. Entretanto, apontou a figura feminina como a “força do lar” e “o anjo de guarda da família”, naturalizando a presença feminina ao espaço familiar<sup>169</sup>.

Nise da Silveira também pensou a emancipação feminina quando refletiu sobre o tema da prostituição. Em sua monografia, apresentada em 1926, Silveira atribuiu a prostituição à natureza feminina, associada à dificuldade da mulher para o trabalho, a não faculdade moral somada e a situação material<sup>170</sup>. Neste período, apesar de não considerar a prostituição como crime, a médica não escapou das concepções eugenistas de sua época, na medida em que entendia a questão como um vício e uma “patologia social”<sup>171</sup>.

Silveira abordou em – seu artigo para a *Revista Criminal* publicado em 1928 – a prostituição como um problema de ordem econômica e social ligado à pobreza, à ausência de trabalho e à precariedade da educação feminina, de tal que, conforme a médica:<sup>172</sup>

A prostituição é antes de tudo um fenômeno social econômico, estreitamente relacionando-se a miséria e ao problema do proletariado feminino. Sabe-se quanto é difícil a uma mulher obter um meio honesto que lhe renda o suficiente para viver<sup>173</sup>.

---

<sup>166</sup> PORTO-CARRERO, Julio. *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara; Waissman, Koogan, 1933, p. 90.

<sup>167</sup> AUSTREGÉSILO, Antônio. *Perfil da mulher brasileira: esboço acerca do feminismo no Brasil*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1938, s/p.

<sup>168</sup> AUSTREGÉSILO, *Idem*, p. 139.

<sup>169</sup> AUSTREGÉSILO, *Idem*, p. 109.

<sup>170</sup> SILVEIRA, Nise. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 270.

<sup>171</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 268.

<sup>172</sup> SILVEIRA, Nise. “Psicologia das mulheres criminosas no Brasil: uma criminalista emite, a respeito, originaes e sugestivos conceitos”. In: *Revista Criminal*. Ano 1, n. 12, p. 39.

<sup>173</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 39.

Nessa entrevista, Nise da Silveira manteve a discordância apresentada em sua monografia de conclusão de curso em relação aos criminalistas – de que a prostituição seria um tipo de delito feminino<sup>174</sup>. Em 1928, Silveira abdicou das concepções eugenistas e atribuiu a prostituição à temática social, ligado a não emancipação feminina, pois na visão da médica, a maioria das mulheres que chegam à prostituição seriam “vítimas das nossas condições sociais”.<sup>175</sup>

Logo, a médica apontou que a emancipação feminina ocorreria a partir do trabalho, na medida em que no Brasil a educação intelectual e moral das mulheres era escassa: “Sabe-se quanto é precária, entre nós, a sua educação intelectual e moral”<sup>176</sup>. Para a médica, a Rússia Soviética seria um exemplo de independência das mulheres:

A completa emancipação da mulher será o único meio capaz de apagar essa mancha da sociedade. Veja o que acontece na Rússia. Lá, onde todas as mulheres trabalham e mantêm-se independentemente, não há prostitutas, porque o amor é livre, ou melhor lhe dirá, liberto de todos os interesses sórdidos<sup>177</sup>.

Em relação ao tema da emancipação feminina, ao apontar sobre os motivos dos crimes femininos – motivados em sua maioria, segundo a médica, por desavenças afetivas – Silveira defendeu o divórcio, tema caro a sociedade brasileira nos anos vinte, como uma das formas de se evitar a criminalidade feminina. “Creio que se fosse permitido entre nós o divórcio algumas vidas teriam sido poupadas”<sup>178</sup>. O infanticídio também foi relacionado a uma questão social por Nise da Silveira, que apontou que a sociedade seria a maior culpada deste crime com seus tabus e imposições sobre as mulheres. Assim:

A sociedade, mantendo preconceitos falsos e absurdos, é a responsável principal pela morte de muitas novas vidas. Porque, com efeito, o nascimento de uma criança ilegítima, vale por uma maldição – prova reveladora de um amor que não oficializou oficialmente.<sup>179</sup>

Como veremos adiante, nos anos trinta, Silveira acabou envolvendo-se com sociabilidades socialistas no Rio de Janeiro. Também neste período, Silveira passou a frequentar a clínica neurológica de Austregésilo participando dos cursos promovidos pela

---

<sup>174</sup> Silveira referia-se aos criminalistas italianos, Lombroso e Ferrero.

<sup>175</sup> SILVEIRA, Nise. “Psicologia das mulheres criminosas no Brasil: uma criminalista emite, a respeito, originaes e suggestivos conceitos”. In: *Revista Criminal*. Ano 1, n. 12, p. 40.

<sup>176</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 39.

<sup>177</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 39.

<sup>178</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 39.

<sup>179</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 39.

Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal<sup>180</sup>. Assim, em 1933, após passar no concurso para profilaxia mental passou a exercer a profissão de psiquiatra<sup>181</sup>.

No final dos anos vinte, ao refletir sobre o tema da emancipação feminina, Silveira combinou análises diversas em seus discursos. Em um mesmo texto, como a entrevista de 1928, podemos perceber vários discursos construídos pela médica. Por um lado, no que que fiz respeito a criminalidade, enfatizou as ideias de uma natureza patológica feminina, dialogando com a sua monografia, por outro lado, quando tocou nos temas sociais, como a prostituição, o divórcio e o infanticídio Silveira transpôs sua análise para uma perspectiva sociológica. No que tange ao meretrício, também traçou a solução a partir da ideia de emancipação feminina através do trabalho, inspirando-se na Rússia Soviética. No início dos anos trinta, suas perspectivas mantiveram-se no nível sociológico e do materialismo dialético, utilizando em seu discurso, as categorias “proletariado” e “socialismo”.

---

<sup>180</sup> Biblioteca do IPUB, Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência afins, ABNP, 1930, p. 41; 1932, p. 50. Confira: CERQUEIRA, Bispo da Conceição Eder. *A sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina legal: debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, História das Ciências, Fiocruz, 2014, p. 115 e 201.

<sup>181</sup> Biblioteca do IPUB, Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência afins, ABNP, 1930, p. 41; 1932, p. 50. Confira: CERQUEIRA, Bispo da Conceição Eder. *A sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina legal: debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, História das Ciências, Fiocruz, 2014, p. 115 e 201.

## Capítulo 2: Ligações Subversivas: as redes de sociabilidades comunistas de Nise da Silveira

### 2.1. Ser um intelectual comunista: Nise da Silveira e a República do Curvelo

O destino de um sujeito precisa ser pensado a partir de sua interação com uma multiplicidade de contextos e relações sociais. O percurso do mesmo é, pois, repleto de estratégias, escolhas, negociações e incertezas<sup>182</sup>.

Pierre Bourdieu salientou como um sujeito não segue uma linha de vida racionalizada e linear. A noção de trajetória evita, pois o que o autor chamou da “ilusão biográfica” que constrói a história de um sujeito fora do espaço social<sup>183</sup>. Dessa forma, na visão de Bourdieu a construção de uma trajetória possibilita a compreensão dos

estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis<sup>184</sup>.

Nise da Silveira nasceu em Maceió em 15 de fevereiro de 1905. Em 1921, aos quinze anos de idade, ingressou na faculdade de medicina da Bahia, formando-se como a única médica em uma turma de 156 homens<sup>185</sup>. Em 1926, defendeu a sua tese de doutoramento, “Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil”<sup>186</sup>. Após a morte de seu pai, no mesmo ano, a médica mudou-se para o Rio de Janeiro na companhia de seu primo Mário Magalhães também formado em sua turma. Ela chegou à cidade do Rio de Janeiro em 1927.

Ainda no final da década de vinte, Nise da Silveira foi morar com Mário Magalhães em Santa Teresa, na rua do Curvelo, um morro que atualmente é a rua Dias de Barros. A respeito disso, expressou a médica, a Ferreira Gullar nos anos noventa: “Antes que o dinheiro acabasse, busquei no jornal um lugar mais barato para morar. Encontrei em Santa Teresa, no

---

<sup>182</sup> REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social.” In: REVEL, Jacques (Org.) *Jogos de escala: a experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp.15-38.

<sup>183</sup> BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.p. 190.

<sup>184</sup> BOURDIEU, Pierre. Idem, p. 190.

<sup>185</sup> PALAMARTCHUK, Paula. “Assimetria das transformações: Nise da Silveira (notas de pesquisa). In: AVELAR, Alexandre de Sá (Org.). *Contribuições da história intelectual do Brasil Republicano*. Ouro Preto: EDUFOP, 2012, p. 50 (pdf, 49).

<sup>186</sup> SILVEIRA, Nise da. *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Imprensa Oficial do Estado, 1926.

Curvelo”<sup>187</sup>.

Lá formou-se o que Carolina Fernandes Calixto chamou de redes de solidariedade entre intelectuais nordestinos e comunistas<sup>188</sup>. No Curvelo, a médica conheceu o casal comunista Otávio Brandão e sua esposa Laura Brandão que também era alagoana, bem como os poetas e escritores nordestinos Manoel Bandeira e Raquel de Queiróz. Além de Ribeiro Couto, um intelectual e escritor paulista formado em direito<sup>189</sup>.

Além das redes de sociabilidade intelectual com os personagens mencionados acima, Nise da Silveira relacionou-se nos anos trinta com intelectuais comunistas do cone sul, como o poeta argentino Raul Tuñon e Tristan Marof, pseudônimo do escritor, político e diplomata boliviano Gustavo Navarro. Como destacou Calixto, estes personagens formavam um vínculo de movimentos comunistas antifascistas e antiguerra em países da América do Sul que contavam com certa autonomia e não estavam necessariamente firmados na Internacional Comunista ou nos partidos comunistas de seus países<sup>190</sup>.

A respeito do Curvelo, Raul Tuñon apontou em entrevista que morou na casa de Nise da Silveira e seu marido Mário Magalhães, reunindo-se com Manuel Bandeira e o casal de médicos na casa de Raquel de Queiróz também em Santa Teresa<sup>191</sup>:

Vivíamos en la casona de un matrimonio de inquietos médicos jóvenes, Nise y Mário Magalhães, frente a la casa del gran poeta Manuel Bandeira. Com frecuencia venía a reunírsemos por la noche una muchacha novelista, Rachel de Queiroz y con ella contemplábamos desde la altura, pues la casosa estaba situada em el Morro de Santa Teresa, em Curvello, la distante Curva nocturna de la bahía<sup>192</sup>.

Tristan Marof (Gustavo Navarro)<sup>193</sup>, também assinalou sobre as sociabilidades na chamada “República do Curvelo”, uma república imaginária de intelectuais em que se

---

<sup>187</sup> Entrevista de Nise da Silveira a Ferreira Gullar. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relumbe Damará, 1996, p. 36.

<sup>188</sup> CALIXTO, Carolina Fernandes. “Nise da Silveira e a República do Curvelo”. In: *Intelectuais comunistas do cone sul sob a mira do TSN acervo*. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 206-223, jul./dez. 2017, p. 211. Pensamos a noção de intelectual a partir de Jean François Sirinelli que entende este conceito como amplo, ligado ao engajamento e a mediação cultural. Confira: SIRINELLI, Jean François. “Os Intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª edição, 2003, p. 231-270.

<sup>189</sup> BEZERRA, Elvira. *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Top books, 1995.

<sup>190</sup> CALIXTO, Carolina Fernandes. “Nise da Silveira e a República do Curvelo”. In: *Intelectuais comunistas do cone sul sob a mira do TSN acervo*. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 206-223, jul./dez. 2017.

<sup>191</sup> Tristan Marof (1896 – 1979) era o pseudônimo do escritor e diplomata boliviano Gustavo Adolfo Navarro. Marof foi divulgadores do marxismo e das teorias de Trotsky na Bolívia. Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/marof.htm> Data de Acesso: 05.08.2020.

<sup>192</sup> Tuñon, *apud* BEZERRA, p.74. Confira: SALAS, Horácio. *Conversaciones con Raul González Tuñón*, Buenos Aires, Ediciones La Bastilla, p. 140.

<sup>193</sup> Raul Gonzáles Tuñon (1905 – 1974) foi um poeta e jornalista socialista argentino. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/g/gonzalez-tunon-raul> Data de Acesso: 05.08.2020.

reuniam figuras como Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Maria Luísa Cameli, a poetisa Raquel de Queiroz, Enrique Tuñon, o médico Adelmo Mendonça, a escritora Maria Lacerda de Moura, Mário Magalhães da Silveira, médico e marido de Nise da Silveira:

Fundamos una Republica imaginaria, como la de Platón, en Curvelo (...) Manuel Bandeira fue elegido presidente y yo vice presidente. Los demais ciudadanos eram poetas, pintores y gente de letras. Mario Magalhaes da Silveira, excelente médico e generoso, su esposa, Nise, una de las mujeres más inteligentes que he conocido en Brasil, junto con una cantidad de hombres elegidos.<sup>194</sup>

Em 24 de fevereiro de 1934, Raul Tuñon escreveu à Nise da Silveira assinalando seu projeto de convida-lá, juntamente com Mário Magalhães para auxiliarem Marof na Bolívia no desenrolar da Guerra de Chaco com o Paraguai<sup>195</sup>: “Temos projetos de convidar você, Mário e Adelmo para ir com outro grupo de camaradas d’aqui, ajudar o Marof e os seus n’essa possível ‘experiencia’. Virão vocês?<sup>196</sup>” O poeta destacou ainda que, a partir dos “conselhos” da médica, tornou-se um revolucionário:

Minha vida, graças aos seus conselhos e aos livros que me indicaram e que li, estou convertido em um revolucionário, sem pequeno desvio de burgueses, como antes (...) tenho um desejo louco de estar com vocês e Curvelo. Sinto muita falta e agradeço todo o bem que em fizeram. Abraço aos camaradas e para você, Nise, todo o carinho de Raúl<sup>197</sup>.

Estas redes de solidariedades de intelectuais socialistas não estavam necessariamente vinculadas aos partidos comunistas de seus respectivos países. Conforme apontou Calixto, podemos pensar a atuação destes agentes a partir de “cultura política comunista partilhada entre intelectuais da América do Sul, em torno do sentimento anti-imperialista, antiguerra e revolucionário que foi muito além da orientação dos partidos comunistas nacionais e da Internacional Comunista”<sup>198</sup>.

Em missiva a Nise da Silveira, Marof expressou em 17 de abril de 1934, “Recebi tua carta afetuosa e cheia de lembranças. Também tenho por vocês uma vida de afeição e não me

---

<sup>194</sup> Marof *apud* Calixto, 2017, p. 213. MAROF, Tristan. *Radiografía de Bolivia*. La paz: s. ed., 1997, p. 4.

<sup>195</sup> A Guerra do Chaco (1932 – 1935) foi um conflito que ocorreu entre Bolívia e Paraguai que disputavam a região do Chaco Boreal a partir da descoberta do petróleo neste local.

<sup>196</sup> Tuñon *Apud* Calixto, 2017, p. 217. Processo de Nise da Silveira no Tribunal de Segurança Nacional. In: *Arquivo Nacional*.BR\_RJANRIO\_C8\_0\_APL\_0014\_V\_03\_d000, s/d. PDF, p. 16. Carta de Raúl Tuñon, 24 de fevereiro de 1934.

<sup>197</sup> Tuñon *apud* Calixto, 2017, p. 217. Arquivo Nacional, carta de Raúl Tuñon, 1934.

<sup>198</sup> CALIXTO, Carolina Fernandes. “Nise da Silveira e a República do Curvelo”. In: *Intelectuais comunistas do cone sul sob a mira do TSN acervo*. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 206-223, jul./dez. 2017, p. 221 (pdf, p.16).

esqueço dos bons dias que passei no Rio<sup>199</sup>”. Ele realizou ainda uma crítica ao partido comunista boliviano em relação a Guerra do Chaco, apontando que não estava vinculado ao mesmo:

No meu país a situação está madura. Só falta uma possibilidade para que possamos chegar a um resultado. (...) O P. como sempre não fez nada de apreciável, que eu saiba. Contenta-se em criticar os fatos consumados e não presta auxílio de nenhum modo. Há muito tempo vinculei e não desejo juntar-me a ele. Nós trabalhávamos por conta própria e desejamos alguma coisa melhor, de acordo com as circunstâncias<sup>200</sup>.

Marof solicitou ainda a Nise da Silveira, que divulgasse na imprensa brasileira o estava ocorrendo no Chaco: “Estas notícias vocês devem comentá-las se for possível pela imprensa”. Conforme Marof, lá era necessário, “gente eficaz e leal. Mario, Adelmo e os outros, que se preparem”, além da própria médica, “tu poderás ser um grande auxílio para nós”<sup>201</sup>. Em seguida, o diplomata boliviano pediu a Nise da Silveira que fizesse um papel de intermediária entre um médico da Bolívia e os médicos brasileiros, incluindo Austregésilo, orientador de Nise da Silveira:

Precisava que me escrevesse mais frequentemente. Agora moro na casa do dr. Bermann, eminente médico neurólogo. Ele deseja relaciona-se com os médicos brasileiros e tu deve ser o ponto de contato. Providencia para que lhe envie seus trabalhos. Ele por sua vez enviará os seus. Talvez isso interesse ao Austregésilo. Conviria fazer propaganda de seus livros. Escreve ao dr. Gregório Bermann dizendo que desejas ter amizade com ele e que se interessa pelos seus trabalhos. Ele tem aqui uma grande clínica com todos os elementos modernos. Além disso, é homem de esquerda e um excelente amigo. Não te esqueças de fazer com que os médicos escrevam a ele e sobretudo que lhe mandem livros e revistas<sup>202</sup>.

O médico Osório César, médico do Hospital de Juquery escreveu a Nise da Silveira em 2 de junho de 1934, solicitando a mesma que orientasse um colega que iria fazer residência no Hospital dos Psicopatas, o Doutor Dalmo Cerqueira Lima, a um “ambiente ideológico”<sup>203</sup>. O escritor Raul Tuñon também apontou em carta que a médica tinha a função de tutelar o

---

<sup>199</sup> Marof *apud* Calixto, 2017, p. 214. Carta enviada por Tristan Marof datada de 17 de abril de 1934. In: MAROF, Tristan. Radiografia de Bolivia. La paz: s. ed., 1997, p. 4. Processo de Nise da Silveira no Tribunal de Segurança Nacional. In: *Arquivo Nacional*.BR\_RJANRIO\_C8\_0\_APL\_0014\_V\_03\_d000, s/d. PDF, p. 24.

<sup>200</sup> Marof *apud* Calixto, 2017, p. 214. Carta enviada por Tristan Marof datada de 17 de abril de 1934. In: MAROF, Tristan. Radiografia de Bolivia. La paz: s. ed., 1997, p. 4. Processo de Nise da Silveira no Tribunal de Segurança Nacional. In: *Arquivo Nacional*.BR\_RJANRIO\_C8\_0\_APL\_0014\_V\_03\_d000, s/d. PDF, p.24.

<sup>201</sup> Marof *apud* Calixto, 2017, p. 214. Carta enviada por Tristan Marof datada de 17 de abril de 1934. In: MAROF, Tristan. Radiografia de Bolivia. La paz: s. ed., 1997, p. 4.

<sup>202</sup> Marof *apud* Calixto, 2017, p. 214. Carta enviada por Tristan Marof datada de 17 de abril de 1934. In: MAROF, Tristan. Radiografia de Bolivia. La paz: s. ed., 1997, p. 4.

<sup>203</sup> Processo de Nise da Silveira no Tribunal de Segurança Nacional. In: *Arquivo Nacional*.BR\_RJANRIO\_C8\_0\_APL\_0014\_V\_01\_d000, s/d. PDF, p. 132.

grupo do Curvelo:

Nise, sabe que sempre tive verdadeiro carinho e admiração por você, anjo tutelar do grupo de camaradas que me ofereceu hospitalidade no Rio por duas vezes, mas agora estimo-a muito mais pois a distância deu a sua figura o relevo que merece.

Penso em publicar um livro de poemas dedicado a V., a Rachel, Mário e Adelmo(...) <sup>204</sup>.

Em 1932, Nise da Silveira filiou-se ao PCB, na época conhecido como Partido Comunista do Brasil <sup>205</sup>. De fato, nos anais dos Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência afins constam a presença de Nise da Silveira em um curso de aperfeiçoamento ministrado em 1932, na clínica neurológica de Austregésilo <sup>206</sup>. Em 1933, a médica foi aprovada no concurso para profilaxia mental do Hospital Nacional dos Psicopatas na Praia Vermelha <sup>207</sup>. Foi neste período de fato, que a médica passou a desempenhar as funções de psiquiatra.

Como salientaram Carolina Fernandes Calixto e Ana Paula Palamartchuk, existiam múltiplas experiências de “ser um intelectual comunista”. Assim, se por um lado haviam aqueles que contavam com um prestígio que poderia ser exterior ao partido, e se legitimavam como intelectuais através da militância e da simpatia que manifestavam às causas comunistas, por outro, tinham os que se envolviam mais intrinsecamente com o partido, tornando-se dirigentes políticos <sup>208</sup>. Nise da Silveira fazia parte do primeiro grupo de intelectuais. Podemos ver essa questão em sua entrevista a Dulce Pandonfi:

---

<sup>204</sup> Processo de Nise da Silveira no Tribunal de Segurança Nacional. In: *Arquivo Nacional*.BR\_RJANRIO\_C8\_0\_APL\_0014\_V\_03\_d000, s/d. PDF, p. 19.

<sup>205</sup> Criado em 1922 como Partido Comunista, Seção Brasileira e vinculado a Internacional comunista, o PCB adotou o nome Partido Comunista do Brasil. Em 1961, mudou o nome para Partido Comunista Brasileiro. Confira: PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Relumé Dumará. Rio de Janeiro, 1995.

<sup>206</sup> Biblioteca do IPUB, Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência afins, ABNP, 1930, p. 41; 1932, p. 50. Confira: CERQUEIRA, Bispo da Conceição Eder. *A sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina legal: debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, História das Ciências, Fiocruz, 2014, p. 115 e 201.

<sup>207</sup> Biblioteca do IPUB, Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência afins, ABNP, 1930, p. 41; 1932, p. 50. Confira: CERQUEIRA, Bispo da Conceição Eder. *A sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina legal: debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, História das Ciências, Fiocruz, 2014, p. 115 e 201.

<sup>208</sup> CALIXTO, Idem, p. 223. PALAMARTCHUK, Paula. “Assimetria das transformações: Nise da Silveira (notas de pesquisa). In: AVELAR, Alexandre de Sá (Org.). *Contribuições da história intelectual do Brasil Republicano*. Ouro Preto: Edufop, 2012, p. 56.

D.P. – Mas você nunca foi uma militante fervorosa do Partido Comunista.

N.S. – Não. Nunca fui uma militante fervorosa.

D.P. – E você era uma pessoa muito interessada nas coisas políticas do país?

N.S. – Era interessada, sim. Era interessada. Mas nunca fui uma pessoa de organizações, de me amoldar em organizações políticas<sup>209</sup>.

A médica criticou o material de estudo oferecido pelo PCB e apontou o motivo de sua saída do partido:

Eu queria fazer concurso para psiquiatra do hospital. Os companheiros não aprovavam que eu me dedicasse tanto ao concurso. Eu estudava, de manhã, de tarde e de noite. (...) Eu lia as apostilas stalinistas, horrorosas, mal escritas, ferrenhas (...). Acabaram me expulsando, acusada de trotskista. Eu não era trotskista(...) <sup>210</sup>.

Nise da Silveira assumiu um papel de uma intelectual comunista influente na sociabilidade socialista do Curvelo e mesmo tendo saído do PCB continuou adepta das questões que se entrelaçavam ao comunismo. De fato, sua militância política no comunismo ganhou mais vigor após a saída “oficial” do partido. Assim, continuou ligada às demandas que estavam conectadas ao mesmo. Apesar da médica ter deixado o papel de membro efetivo do PCB, ela não deixou às atividades de militância em relação aos ideais comunistas.

A rede de sociabilidade da República do Curvelo deixa claro a formação de um círculo de intelectuais comunistas adversos as noções que consideravam contrárias aos aspectos socialistas tais como, o imperialismo, a guerra e o fascismo. Como no caso de Nise da Silveira, que tinha um papel de mediar as relações sociais destes intelectuais comunistas que apesar de ligados aos partidos comunistas não dependiam dos mesmos para atuarem politicamente.

## **2.2. Nos percursos antifascistas: Nise da Silveira e o Clube de Cultura Moderna**

Desde que chegou ao Rio de Janeiro em finais da década de vinte, Nise da Silveira transitou por espaços socialistas, como a República do Curvelo. Entretanto, foi em 1935 que, de fato, a médica se envolveu em redes de sociabilidade que foram consideradas subversivas

---

<sup>209</sup> SILVEIRA, Nise da. *Entrevista a Dulce Pandolfi*. FGV, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1992, p. 29.

<sup>210</sup> SILVEIRA, Nise da. *Entrevista a Dulce Pandolfi*. FGV, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1992, p. 29.

por conta da relação com a Aliança Nacional Libertadora<sup>211</sup>. Dentre elas, podemos destacar o Clube de Cultura Moderna e instituição que se preocupavam com as questões sociais que atravessavam o país e tinham um ideal de modernidade.

Como destacou Ângela Meirelles de Oliveira, movimentos e associações antifascistas se formaram no Cone Sul (Brasil, Uruguai e Argentina) entre 1933 e 1939<sup>212</sup>. Estes movimentos e associações eram heterogêneos, pois contavam com figuras comunistas, socialistas, positivistas, reformistas. Entretanto, estes grupos compartilhavam o objetivo em comum da luta antifascista<sup>213</sup>. Com a chegada ao poder de Adolf Hitler na Alemanha em 1933, o fascismo tornou-se um problema mundial que teve ampla frente de enfrentamento intelectual no Cone Sul inspirados, nos movimentos europeus, especialmente nos franceses<sup>214</sup>.

Em um posicionamento crítico em relação aos problemas sociais que envolviam o país, propondo uma modernização e com uma postura antifascista, os intelectuais do Clube de Cultura Moderna faziam parte de um eixo de luta do Cone Sul de crítica ao fascismo. Dessa forma, como apontou Ângela Oliveira:

A atuação dos intelectuais no âmbito das lutas antifascistas em tais países resultou de um cruzamento entre aspirações de transformação política e social e luta pela afirmação do intelectual como sujeito coletivo, atuante na sociedade, sobretudo na condição de crítico<sup>215</sup>.

O CCM foi fundado no Rio de Janeiro por diversos intelectuais em 26 de novembro de 1934, com o objetivo de “estar em contato permanente com o grande público”, a fim de levar a esses os “conhecimentos, sejam eles científicos, literários ou artísticos” e com o

---

<sup>211</sup> Aliança Nacional Libertadora (ANL), foi uma “organização política de âmbito nacional fundada oficialmente em março de 1935 com o objetivo de combater o fascismo e o imperialismo”. Confira: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/ANL>.

<sup>212</sup> OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. “Intelectuais antifascistas no cone sul: Experiências associativas no cruzamento entre a cultura e a política (1933-1939)”. In: *Projeto História São Paulo*. São Paulo: PUC-SP, n. 47, 2013, p. 56. Disponível em: [revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201). Data de Acesso: 12.05.2020. Outra associação no Brasil de luta antifascista foi Centro de Defesa da Cultura Popular (CDCP), criado em 1935 com objetivo de atuar na formação das classes populares.

<sup>213</sup> Na Argentina foi criado em 1935, a Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores (AIAPE). Além da Confederação dos Trabalhadores Intelectuais do Uruguai (CTIU), esse também criou uma AIAPE. Na França, a expressão de luta antifascista ocorreu através da fundação da Associação de Escritores e Artistas Revolucionários (AEAR) e a Associação Internacional pela Defesa da Cultura (AIDC). In: OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. Intelectuais antifascistas no cone sul: Experiências associativas no cruzamento entre a cultura e a política (1933-1939). *Projeto História São Paulo*. São Paulo: PUC-SP, n. 47, 2013. Disponível em: [revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201).

<sup>214</sup> OLIVEIRA, *Idem*, p. 53.

p. 55. Disponível em: [revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201). Data de Acesso: 12.05.2020. O Congresso de Escritores pela defesa da Cultura em Paris, 1935 e o movimento de Amsterdam-Pleyel foram exemplos de movimentos articulados na França.

<sup>215</sup> OLIVEIRA, *Idem*, p. 54.

objetivo de se opor ao fascismo<sup>216</sup>. Assim, o CCM produzia palestras e conferências realizadas na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)<sup>217</sup>. Em uma carta a médica e escritora uruguaia Adella Magia, apontou a ligação de Nise da Silveira com o Clube:

Distinta e querida Dra. Nise,  
(...) Lá Nise, eu prometo divulgar a revista Movimento (...) Movimentarei Nise, o intercâmbio cultural do Club com outras instituições similares em seu país. Falarei sobre as exposições de arte realizadas este ano sob seus auspícios. (...) Arranjarei sócios para o Club, farei muito Nise. Adella Maggia<sup>218</sup>.

Eleito em assembleia em julho de 1935, Nise da Silveira fez parte do conselho executivo, assim como Edgard Mendonça (presidente), Miguel Costa Filho, entre outros. O CCM era composto por intelectuais de diversas tendências, tais como: Roquette Pinto, Júlio Porto-Carrero, Jorge Amado, Maria Werneck de Castro que mantinham em comum a posição antifascista e propostas de modernização para o país<sup>219</sup>.

Assim, o CCM propunham enquanto atividades da associação: “promover o estudo, a crítica e a divulgação das novas diretrizes da ciência e da arte”; a criação de “uma biblioteca” e uma “revista”; “cursos e conferências internos ou públicos”; “exposições de artes” e “audições musicais”; “inquéritos sobre problemas culturais e sociais”; “concursos sobre trabalhos científicos, literários e artísticos”; “edições de trabalhos valiosos”; “excursões de estudo”; “criação de outras organizações similares em outras cidades do Brasil”, além de “quaisquer outras atividades pertinentes ao estudo, formação e divulgação da cultura moderna”<sup>220</sup>.

O CCM filiou-se a ANL em julho de 1935<sup>221</sup>, tornando-se uma associação de intelectuais antifascista e pela defesa da cultura que tinha como objetivo a formação das classes populares, sendo a educação “uma preocupação expressa pelos intelectuais das mais diversas filiações políticas: socialistas, liberais e comunistas”<sup>222</sup>.

---

<sup>216</sup> no cruzamento entre a cultura e a política (1933-1939)”. In: *Projeto História São Paulo*. São Paulo: PUC-SP, n. 47, 2013, p. 58.

<sup>217</sup> OLIVEIRA. *Idem*, p. 58.

<sup>218</sup> Autuação, V. 3. Arquivo Nacional, p. 14.

<sup>219</sup> Clube de Cultura Moderna. *Revista Movimento do Clube de Cultura Moderna*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, mai. 1935, p. 22.

<sup>220</sup> Clube de Cultura Moderna. “Estatutos do Clube de Cultura Moderna, fundado em 26 de novembro de 1934”. Rio de Janeiro. In: *O Globo*, 1935, p. 10.

<sup>221</sup> De acordo com o Correio da Manhã faziam parte do conselho diretor do CCM, Alberto da Veiga Guignard, Annibal M. Machado, Cândido Portinari, Carlos Leão, Celso Antônio, Cícero Dias, Di Cavalcanti, J. Queiroz Lima, Lúcio Costa, Manuel Bandeira, Pedro Correia de Araújo. In: Hemeroteca Digital, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25/05/1935, p. 3.

<sup>222</sup> OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. Intelectuais antifascistas no cone sul: Experiências associativas no cruzamento entre a cultura e a política (1933-1939). *Projeto História São Paulo*. São Paulo: PUC-SP, n. 47, 2013, p. 61. Disponível em: [revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201). Data de Acesso:

A instituição realizou, assim, uma exposição, mencionada acima por Magia na carta à Nise da Silveira, que contou com trabalhos das mais variadas tendências sociais, reunindo artistas como Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Paulo Werneck, dentre outros<sup>223</sup>. A exposição ocorreu em setembro de 1935, e foi apresentada como “I Exposição de Arte Social”. Dessa forma, conforme Oliveira:<sup>224</sup>

A mostra relacionava-se com a necessidade de criar e legitimar espaços alternativos para a promoção das artes, o que fica evidente no discurso de Di Cavalcanti no encerramento. Para além da defesa da arte social, o artista apresentou uma série de reivindicações dos integrantes da classe artística que se opunham à política cultural do Conselho Nacional de Belas Artes. Esta luta contra o “academicismo” reacionário do conselho explica também a reivindicação dos intelectuais e artistas do clube em torno da ideia de “moderno”, expressa no título da associação<sup>225</sup>.

Portanto, a exposição do CCM teve aspirações em torno da ideia de moderno e de crítica à situação social do país. A associação contava ainda com a própria revista, intitulada *Monumento*<sup>226</sup>. Nise da Silveira publicou um artigo na revista que se intitulava *Filosofia e Realidade Social* em maio de 1935<sup>227</sup>. O trabalho da médica entrou na primeira edição do periódico<sup>228</sup>.

O texto apresentava como base, um discurso que defendia a ideologia proletária em contraposição à burguesa<sup>229</sup>. Na visão da médica, a primeira seria de cunho racionalista e materialista, enquanto a segunda seguiria uma filosofia instintiva. A primeira representaria

---

12.05.2020. Outra associação no Brasil de luta antifascista foi Centro de Defesa da Cultura Popular (CDCP), criado em 1935 com objetivo de atuar na formação das classes populares.

<sup>223</sup> OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. Intelectuais antifascistas no cone sul: Experiências associativas no cruzamento entre a cultura e a política (1933-1939). *Projeto História São Paulo*. São Paulo: PUC-SP, n. 47, 2013, p. 59. Disponível em: [revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201). CARDOSO, Rafael Cardoso. *Modernismo e contexto político: a recepção da arte moderna no Correio da Manhã (1924-1937)*. In: São Paulo, *Rev. Hist.*, n. 172, p. 335-365, jan.-jun., 2015, p. 354.

<sup>224</sup> OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. Intelectuais antifascistas no cone sul: Experiências associativas no cruzamento entre a cultura e a política (1933-1939). *Projeto História São Paulo*. São Paulo: PUC-SP, n. 47, 2013, p. 59. Disponível em: [revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201). CARDOSO, Rafael Cardoso. *Modernismo e contexto político: a recepção da arte moderna no Correio da Manhã (1924-1937)*. In: São Paulo, *Rev. Hist.*, n. 172, p. 335-365, jan.-jun., 2015, p. 354.

<sup>225</sup> OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. Intelectuais antifascistas no cone sul: Experiências associativas no cruzamento entre a cultura e a política (1933-1939). *Projeto História São Paulo*. São Paulo: PUC-SP, n. 47, 2013, p. 59. Disponível em: [revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17134/14201).

<sup>226</sup> Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/periodicos/item/103738-movimento-revista-do-club-de-cultura-moderna.html>. Data de Acesso: 12.05.2020.

<sup>227</sup> SILVEIRA, Nise da. “Filosofia e Realidade Social”. In: FERREIRA, Marta Pires (Org). *Senhora das imagens internas: escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da BN, 2008.

<sup>228</sup> Movimento, *Revista do Clube de Cultura Moderna*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, mai. 1935.

<sup>229</sup> Nas palavras da médica, o “proletariado é a antítese da burguesia”. SILVEIRA, Nise da. “Filosofia e Realidade Social”. In: FERREIRA, Marta Pires (Org). *Senhora das imagens internas: escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da BN, 2008, p. 17.

um avanço para o desenvolvimento social, a segunda um atraso<sup>230</sup>.

Assim, aproximando-se das ideias socialistas, a médica apontou que a ideologia proletária e o socialismo contribuiriam à construção de um método científico para as ciências e a história em oposição às ideias burguesas que eram baseadas no instinto. Neste sentido, segundo Nise da Silveira, “a concepção materialista mostra à burguesia o próximo fim de seu ciclo, enquanto abre para o proletariado perspectivas infinitas”<sup>231</sup>. Conforme Silveira:

Só a ideologia proletária poderia trazer para o estudo das ciências históricas um método científico. Efetivamente, este método, além de destruir os fantasmas do sobrenatural nas ciências da natureza, aplicado à história, revela derrocada do regime presente e o advento do socialismo, demonstrando que os interesses do proletariado coincidem com o curso do desenvolvimento social<sup>232</sup>.

Indo por este caminho, a médica salientou que os interesses do proletariado e o desenvolvimento social estariam lado a lado. Na visão da médica, os empenhos do proletariado e o desenvolvimento social ocorreriam a partir do advento do socialismo. Aqui Silveira, deixou claro, seu posicionamento político. Esse artigo, foi primeira vez que Silveira se posicionou por escrito como uma intelectual socialista.

Como apontou Rubim Canelas, essa posição de contraposição de uma ciência proletária versus uma ciência burguesa na escrita de intelectuais socialistas foi marcada pela influência das teorias de Marx, Engels, Lênin. Dessa forma:

A tese do partidarismo necessário da cultura e da ciência está intimamente articulada com a proposta da existência de duas culturas e, portanto, duas ciências inconciliáveis: de um lado, a cultura e a ciência proletária ou socialista ou soviética e de outro lado, a cultura e a ciência burguesas, sempre referidas como degeneradas e decadentes<sup>233</sup>.

O discurso filosófico de Silveira, esteve alinhado com as pautas artísticas do CCM, como por exemplo, de Anibal Machado que proferiu, nesse período, uma conferência sobre arte social:

Ao simples exames dos trabalhos expostos e tendo-se em consideração a qualidade do público que a frequentou, duas conclusões importantes poderemos tirar dela para a história do desenvolvimento cultural brasileiro no domínio da arte plástica: uma, é que já não existe mais esta distância entre o povo e os artistas, ou que, pelo menos ela se acha de tal maneira encurtada que já se podem ambos entender, e caminhar juntos; outra, é a revelação de um novo estado da arte no Brasil, arte que já começa a refletir a fase atual

---

<sup>230</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 19.

<sup>231</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 19.

<sup>232</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 19.

<sup>233</sup> Rubim, Antônio Albino Canelas. *Os comunistas e a questão da cultura contemporânea*. In: XII Encontro Anual da ANPOCS, São Paulo, 1988.

da movimentação revolucionária de sua cultura e consciência política nascente no seio de suas massas<sup>234</sup>.

Realizando uma espécie de “denúncia social”, Machado expõe obras artísticas que buscavam retratar a “realidade” social brasileira. Nesse sentido, no que diz respeito a exposição artística do CCM, as concepções que posicionavam uma “realidade social” do Brasil em contraposição à realidade academista foram apontadas por artistas e intelectuais. Nise da Silveira apresentou em seu trabalho escrito, um debate pautado pelo materialismo histórico de Karl Marx, “a revolução filosófica desencadeada por Marx precedeu a revolução social, do mesmo modo que a revolução filosófica burguesa se antecipará à tomada do poder pelo terceiro estado”<sup>235</sup>. Silveira buscou apontar em seu artigo à ideologia proletária e o desenvolvimento social que a mesma levaria, criticando o que chamou de ideologia burguesa.

No início dos anos trinta, Nise da Silveira estava próxima de grupos sociais que reivindicavam as pautas relativas aos operários brasileiros, assim assinou o *Manifesto dos Trabalhadores Intelectuais ao Povo Brasileiro* que visava protestar “contra as prisões, deportações, espancamentos e assassinatos de operários”; e a favor da “liberdade de ação e propaganda do Partido Comunista, Federação Sindical Regional e Confederação Geral do Trabalho do Brasil e o Socorro Vermelho Internacional (secção brasileira)”. O manifesto condenava “o terror branco” e defendia ainda a “liberdade de imprensa proletária”, bem como “o reconhecimento da URSS”<sup>236</sup>.

O elo que manteve Silveira ligado as sociabilidades socialistas, além das pautas ligados aos trabalhadores, foi o repúdio ao fascismo italiano, que no Brasil dos anos trinta, expressou-se na visão dos intelectuais através da figura dos integralistas. Podemos perceber isso em um texto datilografado, presente no Dossiê construído pela polícia de Vargas sobre as atuações subversivas de Silveira<sup>237</sup>:

O integralismo, como organização disciplinada é ideologia da reação, servirá de base para que o poder militar-fascista maneje contra o povo aquele ‘instrumento do mais hediondo terror’, de que fala Prestes (...)  
A luta contra o integralismo, pois, não pode cessar, não importa que ação inferior venha ele exercendo no atual momento. (...) Combatei-o com todas as armas da teoria e da ação, eis a tarefa de cada nacional libertador, de cada antifascista, de cada homem do povo (...) e, honestamente, por um governo realmente anti-imperialista e de libertação nacional. (...) A revolução começou. Aceleremos o passo<sup>238</sup>.

<sup>234</sup> MACHADO, Aníbal. *Apud*. OLIVEIRA, p. 60.

<sup>235</sup> SILVEIRA, Nise da. “Filosofia e Realidade Social”. In: FERREIRA, Marta Pires (Org). *Senhora das imagens internas: escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da BN, 2008, p. 18.

<sup>236</sup> Manifesto dos trabalhadores intelectuais ao povo brasileiro. s/d. Folha 362. Processo nº 191. Apelação nº 15 – Nise da Silveira, Tribunal de Segurança Nacional. Arquivo Nacional, Prontuário, nº 1945 (1933-1940).

<sup>237</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: Memória do Saber. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 480- 482.

<sup>238</sup> SILVA. *Idem*, p. 480- 482.

O integralismo apareceu, assim, no documento como campo de ação do fascismo e como serventia para os meios de conduta de Vargas. Por fim, o texto fala sobre revolução que sem dúvida, trata-se do advento do socialismo. Não podemos afirmar que esse texto é de autoria de Silveira, entretanto, as ideias estão sem dúvida no campo discursivo da médica que transitou em espaços nos anos trinta, como o CCM, que se colocavam abertamente contrários as ideias integralistas, principalmente contra o fascismo italiano e que em alguns casos pregavam o socialismo como solução para os problemas do país.

Silveira aproximou-se como veremos adiante de outro grupo social ligado as pautas femininas e antifascistas, a União Feminina do Brasil.

### **2. 3. Nise da Silveira nas malhas do Tribunal de Segurança Nacional:**

A União Feminina do Brasil, foi criada no Rio de Janeiro em maio de 1935, através uma “iniciativa de mulheres educadoras, intelectuais e trabalhadoras (...) com um programa de ação muito humano e amplo”<sup>239</sup>. Um dos princípios da UFB era de que essa não seria uma organização política vinculada a qualquer partido, mas no final das contas acabou aderindo as pautas da Aliança Nacional Libertadora<sup>240</sup>. Em 27 de junho de 1935, a UFB fundou seu núcleo em Madureira, sede da ANL<sup>241</sup>.

Ao aderir a ANL, a instituição teve seu registro cassado em 13 de julho do mesmo ano, através do decreto 246 que designou uma ordem de fechamento, “em todo o território nacional, dos núcleos da ‘União Feminina do Brasil’<sup>242</sup>. A dissolução da UFB ocorreu de acordo com o artigo vinte e nove da lei nº 38, de 4 de abril de 1935 assinada por Vargas onde designava que:

As sociedades que houverem adquirido personalidade jurídica mediante falsa declaração de seus fins, ou que depois de registradas, passarem a exercer atividade subversiva da ordem política ou social, serão fechadas pelo governo, por tempo de até seis meses, devendo sem demora, ser proposta ação judicial de dissolução<sup>243</sup>.

---

<sup>239</sup> Jornal *A Manhã*, 25.05.1935.

<sup>240</sup> Jornal *A Manhã*, 25.05.1935. Confira: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-feminina-do-brasil>. Data de Acesso: 29.07.2020.

<sup>241</sup> Confira: SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 474-475.

<sup>242</sup> Confira: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-246-19-julho-1935-509259-publicacaooriginal-1-pe.html>. Data de Acesso: 29.07.2020.

<sup>243</sup> Confira: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1930-1949/L0038.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1930-1949/L0038.htm). Data de Acesso: 29.07.2020.

De acordo com o dossiê da polícia de Vargas, a DESPS (Delegacia Especial de Segurança Política e Social)<sup>244</sup> e o jornal *A Manhã* o núcleo fundador da UFB era formado por Amanda Álvaro (presidente), Eugênia Álvaro Moreira (secretária), Maria Werneck de Castro<sup>245</sup>.

Em 31 de outubro de 1935, após o fechamento da União Feminina do Brasil e da Aliança Nacional Libertadora, várias mulheres se reuniram na “sede das Oposições Coligadas” na Avenida Rio Branco em um chamado “Comitê de Propaganda e Luta contra a Guerra”<sup>246</sup>. No encerramento da sessão, as mulheres presentes assinaram um manifesto intitulado “Mulheres do Brasil” que convocava as mesmas para constituírem um “Comitê Feminino contra a Guerra, em defesa da paz universal, da cultura e da humanidade”<sup>247</sup>. Assinaram o documento: Maria Lacerda Moura, Iveta Ribeiro, Juanda de Lopes, Itália Fausta, Armanda A. Alberto, Lélia Figner, Beatriz Bandeira, Maria Werneck de Castro, entre outras, incluindo Nise da Silveira<sup>248</sup>.

Entre os assuntos abordados pela UFB, na reunião de outubro, estavam a defesa dos direitos das mulheres<sup>249</sup>; a crítica ao racismo<sup>250</sup>; a luta contra o fascismo, sendo que o integralismo visto como a expressão fascista no Brasil; a luta contra o imperialismo e a guerra; a defesa da solidariedade proletária internacional e das liberdades populares; a luta pela reabertura da ANL e da UFB; a defesa do Socorro Vermelho<sup>251</sup> e a luta contra o

---

<sup>244</sup> “A Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS) foi criada em 10 de janeiro de 1933, pelo Decreto nº 22.332 com o objetivo de entrever e coibir comportamentos políticos divergentes, considerados capazes de comprometer ‘a ordem e a segurança pública’. Era diretamente subordinada à Chefia de Polícia do Distrito Federal e possuía uma tropa de elite, a Polícia Especial. Constavam de suas atribuições examinar publicações nacionais e estrangeiras e manter dossiês de todas as organizações políticas e indivíduos considerados suspeitos. A DESPS serviu de modelo para a criação de delegacias estaduais, já que à Chefia de Polícia do Distrito Federal cabia determinar as diretrizes básicas do controle social a ser exercido pelas polícias dos estados, ainda que estas fossem formalmente subordinadas aos governos locais. Para essa centralização foi decisiva a atuação de Filinto Müller, homem de confiança de Vargas e chefe de Polícia do Distrito Federal de 1933 a 1942”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/PoliciaPolitica>. Data de Acesso: 29.07.2020.

<sup>245</sup> Jornal *A Manhã*, 25.05.1935.

<sup>246</sup> Jornal *A Manhã*, 25.05.1935.

<sup>247</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 475.

<sup>248</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. *Idem*, p. 475.

<sup>249</sup> Discurso da reunião transcrito pelo TSN da União Feminina Brasileira. In: SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 474.

<sup>250</sup> “Barbaria (...) é suprimir a liberdade de pensamento, é prender, deportar pensadores e cientistas, fabricar teorias pseudocientíficas, com intuítos políticos, como a teoria da inferioridade das raças, é queimar livros, é fechar laboratórios”. In: SILVA, João Otávio Motta Pompeu. *Idem*, p. 475-476.

<sup>251</sup> O Socorro Vermelho Internacional foi criado a partir da III Internacional Comunista em 1922, por mulheres que lutavam contra o Fascismo dentre elas Clara Zetkin, Tina Modotti e Elena Stasova. A organização foi extinta em 1938. Disponível em: [http://ciml.250x.com/archive/comintern/ira/ira\\_portuguese.html](http://ciml.250x.com/archive/comintern/ira/ira_portuguese.html). Data de Acesso: 12.05.2020.

governo de Vargas<sup>252</sup>.

Sobre o vínculo com a ANL apontou Nise da Silveira em entrevista à Dulce Pandolfi: “Eu fui a reuniões, mas não participava muito, não. (...) Tive muitas ligações com amigas que cultivo até hoje, como Maria Werneck, Beatriz Bandeira, mas eu não era muito aficionada, não<sup>253</sup>.

Segundo com o dossiê da DESPS, Beatriz Bandeira foi a principal defensora da adesão a UFB à ANL, em junho de 1935. De fato, como vimos, Nise da Silveira foi a reunião de outubro do mesmo ano e assinou um manifesto a favor da construção do Comitê feminino contra a Guerra e uma das questões que o mesmo abordava era o apoio a reabertura da ANL e da UFB<sup>254</sup>. Além disso, quando Nise da Silveira foi presa em 1936, a polícia encontrou no quarto da médica, o programa da UFB<sup>255</sup>. Assim, se Silveira não era uma participante assídua da UFB, que teve um curto período de existência, entretanto, manifestava seu apoio à organização.

Nise da Silveira foi exonerada do serviço público em 1936, acusada de exercer “atividades subversivas”<sup>256</sup>. Neste mesmo ano foi presa e seu processo ocorreu nas instâncias do Tribunal de Segurança Nacional. Conforme o dossiê elaborado pela DESPS, o Manifesto do Partido Comunista do Brasil, bem como Manifestos do Comitê Regional do Rio do PCB, assim como um estudo em manuscrito para artigo *Filosofia e realidade social*, estavam com Nise da Silveira. Dessa forma, pela polícia foram “apreendidos no quarto que era ocupado pela doutora Nise Magalhães da Silveira no Hospital Nacional de Psicopatas na qualidade de funcionária daquele estabelecimento<sup>257</sup>”.

O tribunal de Segurança Nacional foi criado em 1936<sup>258</sup> pautado pela Lei de Segurança

---

<sup>252</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. *Idem*, p. 477-478. “Lutemos ao lado do Socorro Vermelho do Brasil, sob a bandeira da Solidariedade Proletária Internacional contra a guerra imperialista, contra o terror branco, contra o Integralismo, contra a justiça de classe e pela liberdade dos povos do jugo imperialista. Lutemos pelas liberdades populares! Pela reabertura da Aliança Nacional Libertadora e da União Feminina do Brasil. Pela realização do Congresso da Juventude do Brasil. Dissolvamos os bandos assassinos de Getúlio! Guerra à guerra imperialista. Ingressar no Socorro Vermelho. Do Secretariado Regional do Socorro Vermelho do Brasil (Secção do Socorro Vermelho Internacional). Região do Rio”.

<sup>253</sup> SILVEIRA, Nise da. *Entrevista a Dulce Pandolfi*. FGV, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1992, p. 24.

<sup>254</sup> “Pela reabertura da Aliança Nacional Libertadora e da União Feminina do Brasil”. SILVA, João Otávio Motta Pompeu. *Idem*, p. 478.

<sup>255</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 460-461.

<sup>256</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 519.

<sup>257</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 460-461.

<sup>258</sup> Lei nº 144, 11 de setembro de 1936. “Instituí, como órgão da Justiça Militar, o Tribunal de Segurança Nacional, que funcionará no Distrito Federal sempre que for decretado o estado de guerra e dá outras providências”. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-244-11-setembro-1936-503407-norma>

Nacional em 1935<sup>259</sup>. De acordo com David Rodrigues Silva Neves, a criação do TSN adequou-se a necessidade de “um dispositivo que facilitasse ou a condenação imediata, ou a garantia de uma repressão judicial mais rápida”, para julgar com “ rigor e em menor tempo, todos os dissidentes do movimento comunista que se revoltaram em novembro de 1935, e posteriormente todos os que contestassem a ordem estabelecida”<sup>260</sup>.

Dessa forma, o TSN cumpriu a função de julgar imediatamente as figuras consideradas perigosas pelo Governo de Vargas. Com o fechamento da ANL, seus apoiadores foram perseguidos e presos. Conforme o procurador, a médica violou os artigos catorze e vinte e três da Lei de nº 38 de quatro de abril de 1935. Assinada sob o exercício na presidência de Getúlio Vargas, a lei definia “crimes contra a ordem política e social”<sup>261</sup>.

O artigo quatorze aponta sobre o crime de “Incitar diretamente o ódio entre as classes sociais” e o artigo vinte e três salienta que “A propaganda de processos violentos para subverter a ordem política é punida com a pena de um a três anos de reclusão”<sup>262</sup>.

Em seu termo de declaração a DESPS em fevereiro de 1936, Nise da Silveira assinalou sua afiliação a UFB, destacando que foi convidada em 1935, para desempenhar ali atividades médicas:

(...) tendo nessa ocasião feito sua inscrição como associada daquela agremiação; que exercendo as suas funções ali, pelo espaço de um mês ou menos, dava consulta duas vezes por semana, sendo essas as únicas atividades que desenvolvia naquela agremiação<sup>263</sup>.

Entretanto, a médica destacou que não havia se envolvido com as atividades políticas da UFB, assim no decorrer da afiliação da mesma à ANL e do fechamento de ambas, teria se afastado das pessoas ligadas estes grupos:

pois jamais tomou parte em qualquer trabalho ou comício relativos à Política praticada pela União Feminina do Brasil; que depois de iniciado o serviço médico, a União se filiou a Aliança Nacional Libertadora, Partido político de existência legal; que ao terminar a existência legal da União Feminina do

---

[pl.html#:~:text=EMENTA%3A%20Institue%2C%20como%20org%C3%A3o%20da,guerra%20e%20d%C3%A1%20outras%20providencias.](#) Data de Acesso: 23.07.2020.

<sup>259</sup> BRASIL, lei nº 38, 04 de abril de 1935. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-38-4-abril-1935-397878-republicacao-77367-pl.html> Data de Acesso: 23.07.2020.

<sup>260</sup> NEVES, David Rodrigues Silva. *O tribunal de Segurança Nacional e a repressão dos comunistas e integralistas (1936-1938)*. São Paulo, dissertação apresentada a PUC, 2013, p. 69.

<sup>261</sup> BRASIL, lei nº 38, 04 de abril de 1935. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-38-4-abril-1935-397878-republicacao-77367-pl.html> Data de Acesso: 23.07.2020.

<sup>262</sup> [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/l0038.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0038.htm)

<sup>263</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: Memória do Saber. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 468. Termo de declarações que presta Nise Magalhães da Silveira na Delegacia Especial de Segurança Política e Social, no Rio de Janeiro, em 24/8/1936. Processo nº 191, apelação nº15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 493.

Brasil, fechada por ordem do Governo Federal, a declarante não mais procurou se avistar com pessoas ligadas aquele partido; que o declarante não se dedica a política (...)”<sup>264</sup>.

Nise da Silveira alegou que não tinha “ideias comunistas ou outras quaisquer atividades neste sentido, sendo apenas partidária da democracia e tendo pelos problemas sociais um interesse que qualquer pessoa mediana culta tem”<sup>265</sup>. Como vimos anteriormente, a médica assinou um manifesto pela reabertura da UFB e da ANL, grupos que mantinham relação com o PCB.

Dessa forma, estando presa desde 1936<sup>266</sup>, foi somente em agosto de 1937 que Nise da Silveira enfrentou uma denúncia oficial pela procuradoria do TSN, acusada de ser “orientadora bastante acatada, pelos adeptos do credo vermelho, no preparo dos iniciados”<sup>267</sup>.

Para o procurador, “os documentos apreendidos em poder da indiciada, por ela reconhecidos como de sua propriedade, (...) pela sua clareza, demonstram exuberantemente a sua atuação delituosa contra o regime e a segurança nacional”<sup>268</sup>. Neste sentido, a médica foi enquadrada pelos artigos 14 e 23 da Lei de nº 38 de 4 abril de 1935<sup>269</sup>.

Evaristo de Moraes, advogado de Nise da Silveira, fez uma apelação em novembro de 1937, destacando que “a denunciada se formou em medicina, mediante grandes sacrifícios, e conquistando, por concurso, um lugar no Hospital Nacional de Psicopatas” e que “nunca tentou propagar o comunismo ou outra doutrina subversiva”<sup>270</sup>. A respeito dos documentos guardados pela médica, Moraes alegou que:

---

<sup>264</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 468. Termo de declarações que presta Nise Magalhães da Silveira na Delegacia Especial de Segurança Política e Social no Rio de Janeiro, em 24/8/1936. Processo nº 191, apelação nº15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 493.

<sup>265</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 468. Termo de declarações que presta Nise Magalhães da Silveira na Delegacia Especial de Segurança Política e Social no Rio de Janeiro em 24/8/1936. Processo nº 191, apelação nº15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 493.

<sup>266</sup> Autuação de Nise da Silveira, 16 de junho de 1936, volume IV – Processo de Nise da Silveira/ nº 291 – Apelação nº 15 – TSN/ Arquivo Nacional.

<sup>267</sup> Denúncia de Nise da Silveira pela procuradoria do TSN. Processo – 191 CX – 2, Folhas 03 a 05. Arquivo Nacional. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber*. Nise da Silveira. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p.466-467.

<sup>268</sup> Denúncia de Nise da Silveira pela procuradoria do TSN. Processo – 191 CX – 2, Folhas 03 a 05. Arquivo Nacional. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber*. Nise da Silveira. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p.466-467.

<sup>269</sup> Denúncia de Nise da Silveira pela procuradoria do TSN. Processo – 191 CX – 2, Folhas 03 a 05. Arquivo Nacional. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber*. Nise da Silveira. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p.466-467.

<sup>270</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber*. Nise da Silveira. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 464. Defesa de Nise da Silveira por Evaristo Moraes, 26/11/1937. Volume 4, Folhas 609 a 612. TSN/Arquivo Nacional.

Centenas de pessoas eram destinatárias de papéis semelhantes, e tanto poderiam guardá-lo por simpatizar com as ideias neles contidas, como para simplesmente, tomar conhecimento de assuntos ultimamente abordados pelos jornais (...) <sup>271</sup>.

Em 15 de dezembro de 1937, a procuradoria rejeitou a defesa de Evaristo Morais, pois na visão do procurador: “A vultuosa documentação apreendida em poder da ré constituía, a prova material da ação criminosa que vinha desenvolvendo contra a ordem social” <sup>272</sup>.

Dentre os materiais encontrados com a médica havia cartas, manuscritos, textos como *La Internacional Comunista*; um estudo manuscrito para o artigo *Filosofia e Realidade Social*, estudos de medicina e de educação na Rússia, um programa da União Feminina do Brasil, impressos de propaganda proletária, o *Manifesto do Partido Comunista do Brasil*, manifestos do Comitê Regional do Rio do PCB, manifesto do Socorro Vermelho, mapa, papéis e livros de Raul Tuñon, além de manifestos impressos e datilografados distribuídos pelo PCB e outros jornais de esquerda do Rio de Janeiro, como *Jovens Operárias*, *Causa Vermelha* e *Boletim Sindical* <sup>273</sup>.

A médica foi sentenciada em janeiro de 1938, pelo juiz Luiz Carlos da Costa por ter em seu domínio, “uma documentação farta e convincente das atividades comunistas da indiciada e de suas ligações internacionais com elementos de destaque do Partido Comunista <sup>274</sup>”. Após uma prisão de mais de dezoito meses, o julgamento aconteceu em janeiro de 1938. A absolvição, entretanto, só veio em setembro do mesmo ano. De tal modo, ficou presa por aproximadamente dois anos.

Conforme apontou Ricardo Figueiredo de Castro, a partir dos anos vinte e nos anos trinta começaram a surgir espaços de sociabilidade dos intelectuais principalmente na capital federal. Contrários a política nacional de Vargas, as políticas internacionais imperialista, de guerra e fascistas, estes personagens eram contestadores da “política dominante”, ou seja, militantes. Dessa forma, era o engajamento político direto ou indireto destes homens e mulheres principalmente em relação as pautas comunistas que dava a esses o capital

---

<sup>271</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 464. Defesa de Nise da Silveira por Evaristo Morais, 26/11/1937. Volume 4, Folhas 609 a 612. TSN/Arquivo Nacional.

<sup>272</sup> Denúncia de Nise da Silveira pelo procurador do TSN, Honorato Himalaya Vergolino em 15/12/1937. Volume 4, Folhas 638-640. TSN/Arquivo Nacional. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 465-466.

<sup>273</sup> Termo de declarações que presta Nise Magalhães da Silveira na Delegacia Especial de Segurança Política e Social no Rio de Janeiro, em 24/8/1936. Processo nº 191, apelação nº15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 493. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 468-472.

<sup>274</sup> SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Fundação Miguel de Cervantes, Rio de Janeiro, 2013, p. 460-461. Sentença de Nise da Silveira pelo juiz do TSN, Luiz Carlos da Costa Neto em 31/01/1938. Folhas 644 e 645. TSN/Arquivo Nacional.

intelectual<sup>275</sup>.

Nise da Silveira pode ser entendida em sua atuação neste período de 1930 a 1936 como uma intelectual mediadora em vários campos sociais considerados subversivos para os contextos políticos da época. Apontamos aqui apenas alguns, como o Curvelo, o CCM e a UFB. Atuante como mediadora, a médica fez pontes e conexões em contextos em que apesar de diversos possuíam algo em comum: a aversão a Guerra, aos regimes autoritários e ao espectro social em que se encontrava o país que na visão destes intelectuais era de atraso na modernização do Brasil.

O Tribunal de Segurança Nacional compreendeu Silveira como uma intelectual comunista, e de fato ela assumiu esse papel. Entretanto, desempenhar o mesmo, não significa necessariamente que a médica esteve ligada diretamente as ações do Partido Comunista. Como vimos, a médica fazia parte de sociabilidades intelectuais socialistas independentes ao partido que almejavam a modernização do país, a luta contra o fascismo que tinham expressão nas figuras de Vargas e dos integralistas.

---

<sup>275</sup> CASTRO, Ricardo de Figueiredo. *Contra a Guerra ou contra o Fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935*. Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História da UFF. Área de Concentração, História Social das Ideias. Niterói, 1999, f. 207-220.

## Capítulo 3: Repensando a loucura: o discurso de Nise da Silveira em contraposição à psiquiatria brasileira

### 3.1. Uma psiquiatria organicista e cartesiana

O período de 1876 a 1910, teve início uma influência das abordagens organicistas sobre a psiquiatria em contraposição as explicações de ordem moral anteriores sobre a doença mental<sup>276</sup>. Em 1883, surgiu o *Compêndio de Psiquiatria* do psiquiatra alemão Emil Kraepelin (1856–1926)<sup>277</sup>. Neste trabalho, Kraepelin enfatizou a cronicidade da alienação mental, sobretudo, quando se tratava da *Demência Precoce*<sup>278</sup>..

No início do século XX, explicações contrárias em relação ao fisicalismo presente na psiquiatria. Eugen Bleuer (1857 –1939) e Carl Gustav Jung (1875 –1961) constituíram uma corrente em Zurique que se originou através da penetração das ideias de Sigmund Freud (1856 –1939) no meio psiquiátrico. Segundo Bercherie: “O que Bleuer e Jung retiveram essencialmente dos primeiros trabalhos de Freud foi a importância da afetividade na regulação, na direção ou na perturbação da vida psíquica e do pensamento<sup>279</sup>”.

Em 1906, Jung publicou seu livro *Psychologie de la Démence Précoce* no qual utilizou o termo “esquizofrenia” que vem da ideia de dissociação que significa *separar, romper*<sup>280</sup>. Cinco anos depois, em 1911, Bleuer publicou seu trabalho sobre as esquizofrenias “para designar a demência precoce de Kraepelin, particularmente mal nomeada, na opinião dele que não se tratava de uma demência e que nem sempre era juvenil nem precoce no desenrolar psicopatológico”<sup>281</sup>. Assim, a esquizofrenia, segundo Bleuer, causava um distúrbio nas associações, na afetividade, bem como no sentido de realidade<sup>282</sup>. Jung rompeu com Freud, em 1913, elaborando uma doutrina chamada de ‘psicologia analítica’, que mesmo vinculada ao corpo teórico da psicanálise, buscou construir outras formas de pensar a inteligibilidade da

---

<sup>276</sup> BERCHERIE. *Idem*, p. 133.

<sup>277</sup> BERCHERIE, Paul. *Os fundamentos da Clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1980, p. 161.

<sup>278</sup> BERCHERIE. *Idem*, p. 168.

<sup>279</sup> BERCHERIE. *Idem*, p. 226.

<sup>280</sup> BERCHERIE. *Idem*, p. 131.

<sup>281</sup> Breuer apud BERCHERIE. *Idem*, p. 191; 229.

<sup>282</sup> BERCHERIE. *Idem*, p. 234.

loucura a partir dos parâmetros culturais<sup>283</sup>.

A construção do saber psiquiátrico pressupôs uma tensão filosófica entre os princípios racionalistas, classificatório e mecanicistas presentes na medicina moderna. Nessa concepção herdeira do Iluminismo, o universo pode ser explicado a partir de leis e equações lógicas, assim como o corpo humano que é compreendido como uma máquina separada do espírito<sup>284</sup>.

Dessa forma, como salientou Felipe Magaldi, a psiquiatria ramo da medicina moderna se constituiu a partir de um viés filosófico classificatório e mecanicista e universalista de compreensão do humano:

A psiquiatria, sobretudo a partir do declínio do alienismo, constituiu-se sob a égide de um projeto classificatório incumbido de inscrever no domínio da natureza o comportamento e o corpo humano, sobretudo a partir da aplicação dos princípios mecânicos ao funcionamento da mente<sup>285</sup>.

Como viés contrário, as explicações mecanicistas, se firmou também nos séculos XVIII e XIX uma percepção romântica do humano e do mundo, na qual fica inerente a noção de uma imbricação entre matéria e o espírito a partir de uma visão totalizante e não causalista do universo, da natureza e do humano<sup>286</sup>.

Juliano Moreira assumiu em 1903 a direção do Hospício Nacional dos Alienados e da Cátedra de professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina. A partir daí deu-se início à construção de uma organização para uma assistência psiquiátrica e de uma significativa mudança de perspectiva na psiquiatria brasileira.

Assim, após o afastamento de Teixeira Brandão em 1897, começou uma nova fase para a psiquiatria brasileira, na medida em que o modelo francês, baseado no tratamento moral Pineliano, já não resolvia o problema da cura dos alienados<sup>287</sup>. Desta forma, uma alternativa plausível era o modelo alemão que estava ligado a um cientificismo organicista e que ao mesmo tempo possibilitava um maior desenvolvimento da assistência psiquiátrica<sup>288</sup>. Antes de Moreira, as concepções sobre a alienação mental dos psiquiatras brasileiros baseavam-se nas explicações Pinelianas de ordem moral da psiquiatria francesa oitocentista. A produção

---

<sup>283</sup> BERCHERIE. *Idem*, p. 172.

<sup>284</sup> MAGALDI. *Idem*, p. 79.

<sup>285</sup> MAGALDI. *Idem*, p. 80.

<sup>286</sup> MAGALDI. *Idem*, p. 79.

<sup>287</sup> A ideia de tratamento moral foi construída por Pinel e Esquirol ao longo dos séculos XVIII e XIX após a Revolução Francesa e consolidado no século XIX, momento no qual, ocorreu de fato a institucionalização do asilo e a criação do estatuto jurídico do louco enquanto sujeito sem capacidade para responder por si próprio. O tratamento moral tinha, pois, o objetivo de chamar o doente a razão levando-o a sair do delírio através da relação hierárquica entre médico e paciente, além de terapêuticas que na maioria das vezes buscavam ocupar o tempo do alienado, trazendo de volta a um estado considerado normal pelos médicos.

<sup>288</sup> VENANCIO. *Idem*, p. 3.

intelectual de Juliano Moreira, esteve marcada pela influência da psiquiatria alemã representada por Kraepelin. Assim, compreendia a doença mental a partir de problemas fisiológicos e orgânicos<sup>289</sup>. Com Moreira, a teoria de Kraepelin sobre a cronicidade da alienação mental, começou a ter mais vigência entre os psiquiatras no Brasil que foram em sua maioria discípulos teóricos do mesmo.

Ainda em 1903, ocorreu o decreto nº 1.132, no qual foi criada uma lei de assistência aos alienados do país<sup>290</sup>. Em 1911, a colônia agrícola de Engenho de Dentro e seus anexos foi construída com o objetivo de dar suporte ao HNA. Foi na década de 1930 que ocorreu uma série de investimentos por parte dos médicos e do governo na assistência psiquiátrica brasileira. Criou-se neste período, o Departamento Nacional de Saúde centralizando as assistências psiquiátricas do país. Até este período, os psiquiatras brasileiros atuavam a partir das sociedades científicas e do hospício<sup>291</sup>.

Com a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB) em 1938 (Rio de Janeiro), os psiquiatras construíram um espaço universitário. Os outros dois eventos que apontam para a expansão da assistência psiquiátrica, ocorreram em 1941, com a criação do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM) e a construção de um Plano Hospitalar Psiquiátrico para a União<sup>292</sup>. Assim, em 1943, os pacientes do HNA foram transferidos para as colônias agrícolas de Engenho de Dentro e Juliano Moreira e o HNA foi desativado e anexado pela Universidade do Brasil. Foi então instituído em Engenho de Dentro, o Centro Psiquiátrico Nacional, atual Instituto Nise da Silveira<sup>293</sup>. Em 1944 iniciou-se a difusão dos serviços ambulatoriais nas instâncias psiquiátricas, tais como: o consultório de Psico Higiene e o ambulatório do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB)<sup>294</sup>.

De tal modo, como apontou Marco Aurélio Soares Jorge, “nos terrenos da antiga Colônia foram construídos os hospitais, com grandes estruturas arquitetônicas, locais para

---

<sup>289</sup> “Assim como Kraepelin, Juliano Moreira concebia a doença mental como um estado de natureza diferenciada dos estados ditos normais. (...) Na verdade, tratava-se aqui, como em Kraepelin, da tentativa de produção de uma síntese entre a etiologia moral e física, tomando-se o determinismo físico-orgânico como englobante de uma provável etiologia moral”. In: VENANCIO. *Idem*, p.287.

<sup>290</sup> COSTA, J. Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976. JORGE, Marco Aurélio Soares. *Engenho Dentro de Casa. Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental*. Dissertação apresentada como requerimento parcial para a obtenção de Título de Mestre em Ciências na Área de Saúde Pública. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1997.

<sup>291</sup> VENANCIO, ANA T. & CASSILIA, Janis A. “História da política assistencial à doença mental (1941-1956): O caso da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro”. In: *Simpósio Nacional de História – Anpuh*. São Leopoldo Unisinos, 2007.

<sup>292</sup> VENANCIO, ANA T. & CASSILIA, Janis A. *Idem*, p. 2

<sup>293</sup> Confira: JORGE, Marco Aurélio Soares. *Engenho Dentro de Casa. Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental*. Dissertação apresentada como requerimento parcial para a obtenção de Título de Mestre em Ciências na Área de Saúde Pública. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1997, 111 p.

<sup>294</sup> JORGE, Marco Aurélio Soares. *Idem*, p. 43.

receberem os pacientes oriundos do Hospício Nacional”<sup>295</sup>. Ao CPN ficaram subordinados o Instituto de Psiquiatria, o Hospital Pedro II, o Hospital Gustavo Riedel e entre outras assistências<sup>296</sup>.

Como vimos, Nise da Silveira formou-se em 1926. No ano seguinte, chegou no Rio de Janeiro e começou a aproximar-se do campo médico nos anos trinta. Em 1933, foi admitida no serviço público na condição de psiquiatra do Hospital Nacional dos Alienados em Botafogo. Após a prisão, Silveira só voltou a exercer seu ofício na psiquiatria em 1944 no então Centro Psiquiátrico Nacional em Engenho de Dentro.

Em 1946, ao lado de Almir Mavignier, que desempenhava um trabalho burocrático no CPN, Silveira fundou a Sessão de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR). Com o auxílio do artista plástico, foi introduzido na STOR, os trabalhos de pintura e modelagem<sup>297</sup>. No mesmo ano, ocorreu à primeira mostra dos trabalhos dos internos do hospital, o que chamou a atenção do crítico de arte Mário Pedrosa, pois encontrou valor artístico nos trabalhos realizados pelos internos do CPN<sup>298</sup>.

Paula de Barros Dias destacou que a maioria das crônicas dos jornais do Rio de Janeiro fez uma avaliação positiva da exposição. A mostra foi tão bem sucedida que em 1947 foi transferida para o primeiro andar do recém inaugurado prédio do MEC<sup>299</sup>. Em 1949, a partir da aproximação de Leon Dégand, diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo, os trabalhos dos internos foram expostos no museu. A exposição intitulava-se: “Nove artistas de Engenho de Dentro”. Os trabalhos que fizeram parte da exposição foram criações de Adelina, Carlos, Emygdio, José, Kleber, Lúcio, Raphael, Vicente e Wilson<sup>300</sup>.

No campo da psiquiatria, a exposição de fato não rendeu comentários. Ainda assim, Nise da Silveira elaborou como resposta uma das primeiras análises críticas acerca das atividades dos esquizofrênicos, em um texto preparado para o catálogo da exposição “9 artistas de Engenho de Dentro”, em dezembro de 1949. Silveira insistiu no discurso que

---

<sup>295</sup> JORGE, Marco Aurélio Soares. *Idem*, p. 43.

<sup>296</sup> JORGE, Marco Aurélio Soares. *Idem*, p. 43.

<sup>297</sup> MELO, Walter. “Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações”. In: *Mnemosine* Vol.5, nº2, p. 30-52, 2009,, p. 10.

<sup>298</sup> DIAS, Paula. “Arte e ciência no Brasil (1946 – 1952): O apoio de artistas e críticos de arte nas origens do Museu de Imagens do Inconsciente”. [www.rj.anpuh.org](http://www.rj.anpuh.org), p. 7. DIAS, Paula Barros. *Arte, Loucura e Ciência no Brasil: as origens do Museu de Imagens do Inconsciente*. Dissertação Fiocruz. Mestrado em História das Ciências da Saúde, Rio de Janeiro: 2003. 170f.

<sup>299</sup> Mário Pedrosa apresentou o então diretor do Museu de Arte Moderna, Leon Dégand à Nise da Silveira.

<sup>300</sup> A exposição de 1949 trouxe à tona a discussão de que os loucos poderiam fazer arte entre Mário Pedrosa, na coluna do jornal *Correio da Manhã*, e o também crítico de artes plásticas Quirino Campofiorito que escrevia no *O Jornal*. Se de um lado, Mário Pedrosa defendia a complexidade, a sensibilidade e a abstração dos trabalhos artísticos dos internos do CPN. Por outro lado, Campofiorito chamou a atenção para a falta de interesse dos meios científicos pelos trabalhos dos internos.

visava a “instalação de estúdios de pintura e de escultura nos hospitais psiquiátricos, tanto para meio de estudo de obscuros mecanismos psicopatológicos que se tornaram patentes nas produções plásticas, quanto pela função terapêutica de que a própria atividade artística muitas vezes se reveste”<sup>301</sup>.

Nise da Silveira utilizou em sua análise à noção de Jung de *inconsciente coletivo*: “Esses mesmos arquétipos que do **inconsciente coletivo** emergem como relâmpagos nas visões de poetas, de pintores, vêm constituir o conteúdo avassalador de neuroses e psicoses<sup>302</sup>. Além da concepção das mandalas, “imagens primordiais da totalidade psíquica”<sup>303</sup>.

Nessa altura, na visão da psiquiatra, o uso das imagens representaria uma forma de linguagem dos esquizofrênicos, discordando da tese de que nestes a comunicabilidade. Conforme a psiquiatra, apesar do raciocínio abstrato e lógico dos esquizofrênicos serem prejudicados, esses expressariam seu pensamento através de imagens. Assim, as atividades artísticas são linguagens emocionais que podem atuar como um processo curativo<sup>304</sup>.

Nesse sentido, a médica discordou sobretudo da tese da psiquiatria de que a esquizofrenia levaria a perda total das capacidades afetiva e de comunicabilidade:

É que os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas(...) <sup>305</sup>.

Como vimos, em finais do século XIX, a psiquiatria europeia adotou cada vez mais perspectivas organicistas para a compreensão da doença mental. De acordo com Porter:

A psiquiatria, então, tomava peculiaridades e defeitos do discurso como sinais de loucura, cada vez mais interpretada no século XIX como resultado de doenças do sistema nervoso central ou do cérebro. (...) Esse processo culminou nas características básicas da *dementia praecox* [demência precoce], conforme formuladas por Kraepelin, logo em seguida transformada na incrivelmente influente “esquizofrenia” de Eugen Bleuer. Kraepelin se dispôs a encarar a *dementia praecox* como orgânica, em termos de etiologia. (...) O doente supostamente demonstrava pouco interesse no mundo exterior, sem se engajar nem se comunicar com ele. Assim se tornava essencialmente *incomunicado*, alienado da humanidade<sup>306</sup>.

---

<sup>301</sup> SILVEIRA, Nise. “Nove artistas do Engenho de Dentro”. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p. 95.

<sup>302</sup> GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p. 93.

<sup>303</sup> SILVEIRA, Nise. “Nove artistas do Engenho de Dentro”. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p. 94

<sup>304</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 95.

<sup>305</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 95.

<sup>306</sup> PORTER, Roy. *Uma história social da loucura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.47.

No Brasil, um dos principais expoentes do conceito de demência precoce e esquizofrenia, em finais da década de vinte, foi Henrique Roxo<sup>307</sup>. O psiquiatra construiu em seu artigo de 1929, “O conceito atual de demência precoce” marca uma oposição entre a categoria de Kraepelin e a noção de Bleuer. Na visão de Roxo, Bleuer apenas substituiu o conceito de demência pelo de esquizofrenia, “Bleuler não acabou com a demência precoce e sim substituiu o seu conceito pelo de esquizofrenia, que muito amplia o daquela” (p.79)<sup>308</sup>.

Enquanto o primeiro é visto como uma entidade clínica bem delimitada, o segundo é visto como generalizador, no qual várias patologias podem ser englobadas e confundidas. Roxo se colocou marcadamente a favor da categoria de Kraepelin<sup>309</sup>. A condição mental e a afetiva do sujeito, marcariam as principais diferenças entre os conceitos. Para Roxo, na demência precoce ocorrem a perda da capacidade mental, “déficit mental” e o “enfraquecimento da inteligência”. Já o que caracteriza a esquizofrenia é a “dissociação mental” e não o rebaixamento dessa condição<sup>310</sup>.

No que tange a questão afetiva no olhar de Roxo, se por um lado na demência precoce há uma modificação na vida afetiva, na esquizofrenia há total demência e austeridade afetiva, assim, “um dos sinais mais característicos da doença é um defeito na capacidade de modulação afetiva, uma verdadeira rigidez afetiva”<sup>311</sup>.

Em 1919, Roxo publicou no *Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria* que visava divulgar a psicanálise no âmbito da psiquiatria um artigo intitulado “Sexualidade e demência precoce”<sup>312</sup>. Na visão de Roxo, através do método de associação livre seria possibilitada a compreensão do pensamento do doente. Conforme a teoria de Freud:

Coloca-se o doente num sofá e o médico à cabeceira deste vai conversando com ele, dando-lhe corda como vulgarmente se diz. O doente vai respondendo sem emoção a várias perguntas que se lhe façam, até que num dado momento a sua fisionomia se transforma, a voz se altera e ele busca rapidamente mudar de assunto. É que se realizou o método catártico, que faz vir à tona os complexos recalçados (...)<sup>313</sup>

---

<sup>307</sup> VENANCIO, Ana Teresa. Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.327-343. O Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal foi realizado em julho de 1929 pela Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, no Rio de Janeiro.

<sup>308</sup> ROXO *Apud* Venancio, p. 335.

<sup>309</sup> VENANCIO. *Idem*, p. 334.

<sup>310</sup> ROXO *Apud* Venancio, p. 335.

<sup>311</sup> ROXO *Apud* Venancio, p. 335.

<sup>312</sup> FACCHINETTI, Cristiana & VENANCIO, Ana T. A. “Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil”. In: *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 2006, IX, p. 155.

<sup>313</sup> Henrique Roxo, *Apud* FACCHINETTI & VENANCIO. *Idem*, p. 156.

Conforme destacaram Facchinetti e Venancio, Roxo combinou a teoria psicanalítica com uma visão organicista que compreendia a sexualidade não apenas como um aspecto do psiquismo, mas também como uma matéria orgânica<sup>314</sup>. Roxo combinou, assim, as teorias de Freud com as de Kraepelin.

Sob a ótica de Roxo, o método de associação livre da teoria psicanalítica permitia o tratamento da demência precoce<sup>315</sup> na medida em que possibilitaria a compreensão do “o pensamento voltado para a sexualidade e ao qual se vincularia a emoção escondida”<sup>316</sup>. Por conseguinte, “nesse quadro de referências, a doença mental como objeto científico psiquiátrico era reinscrita, ao mesmo tempo, como física e moral”<sup>317</sup>.

A partir da psicanálise, Nise da Silveira, combateu a partir de sua volta ao serviço público, a tese em voga na psiquiatria brasileira enfatizada por Roxo de que a afetividade dos esquizofrênicos seria rígida e apagada<sup>318</sup>. Em finais dos anos quarenta, Silveira, destacou a tese de que nas doenças mentais a questão psíquica precisava ser levada em consideração: “Nessas doenças são mudanças na estrutura psíquica que ocorrem. (...) Os indivíduos assim atingidos tornam-se inaptos para o nosso tipo de vida social e por isso são segregados. Antes que se procurasse entendê-los concluiu-se que tinham a afetividade embotada e a inteligência em ruínas”<sup>319</sup>.

Ainda nos anos vinte em sua tese, Nise da Silveira atentou para a importância de se levar em consideração a questão da afetividade para se compreender os distúrbios mentais que levariam as mulheres a cometerem crimes. Naquele período, Freud e a psicanálise foram instrumentos de análise dessa problemática.

No início dos anos trinta no Rio de Janeiro, a médica aproximou-se do campo da neurologia, tornando-se assistente da clínica neurológica de Antônio Austregésilo. Austregésilo foi um dos precursores da neurologia no país, sendo o primeiro catedrático da

---

<sup>314</sup> FACCHINETTI & VENANCIO. *Idem*, p. 157.

<sup>315</sup> “Partindo da demonstração da importância da vida sexual e de suas influências na vida social dos indivíduos, Roxo dá destaque ao papel da sexualidade na conformação desse quadro nosológico específico, um dos mais importantes de fins do século XIX, cunhado por Emil Kraepelin e inserido dentro de um quadro de referências clínicas que encontrava sua síntese no *Compêndio de Psiquiatria*, publicado pelo psiquiatra alemão. Nesse contexto, a categoria de *demência precoce* vinha designar um curso, uma evolução muito peculiar (no sentido de desenvolvimento) que dava um adjetivo distintivo a uma manifestação mórbida específica: precoce à demência”. FACCHINETTI & VENANCIO. *Idem*, p. 157.

<sup>316</sup> FACCHINETTI & VENANCIO. *Idem*, p. 158.

<sup>317</sup> FACCHINETTI & VENANCIO. *Idem*, p. 158.

<sup>318</sup> MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira. Caminhos de uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2014. MELO, Walter. *Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001. GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.

<sup>319</sup> SILVEIRA, Nise. “Nove artistas de Engenho de Dentro”. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p.91-98.

área na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1912, construindo uma escola neurológica. Foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, assim como Henrique Roxo. Austregésilo foi também um dos médicos que introduziram as teorias psicanalíticas no país, nos anos vinte<sup>320</sup>.

Em 1932, Nise da Silveira deu uma palestra em um curso oferecido pela clínica, na Faculdade de Medicina do Rio sob supervisão de Antônio Austregésilo<sup>321</sup>. Em 1933, já como médica psiquiatra do HNA, Silveira continuou como sua assistente, frequentando a clínica neurológica, sendo membro da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal<sup>322</sup>.

Também neste período, escreveu um artigo chamado o “Estado Mental dos Afásicos”, publicado somente em 1944, período em que a médica voltou ao serviço público<sup>323</sup>. Neste artigo, a médica trabalhou o viés da psicologia evolutiva de Hughlings Jackson, bem como a distinção que esse fez entre linguagem emocional e a intelectual. Outra contribuição do texto, foi o apontamento da existência de vários pensamentos e linguagens. Em textos posteriores, Nise da Silveira, trouxe o argumento de que outras formas de linguagens são possíveis como por exemplo, a imagética.

Em 1954, foi lançado um livro comemorando o jubileu de magistério de A. Austregésilo. Nise da Silveira, já como médica psiquiatra de Engenho de Dentro e como uma das suas discipulas, escreveu um artigo sobre o conceito clínico das psiconeuroses em seu mestre<sup>324</sup>. Se no artigo sobre a afasia, Silveira atentou para a questão da linguagem, no artigo Psiconeuroses, a médica apontou a preocupação de Austregésilo em combater na neurologia “nomenclaturas dúbias”, fazendo uso de termos claros.

Outro debate desenvolvido ao longo do texto, é a tese de Austregésilo sobre o peso dos fatores psíquicos na formação das neuroses, em detrimento dos fenômenos somáticos. Também no caso das psicoses, essa condição se apresenta<sup>325</sup>. Assim, “compreende-se que as doenças mentais sejam principalmente a expressão de perturbações de funções

---

<sup>320</sup> ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. “As contribuições de Júlio Pires Porto-carrero à difusão da psicanálise de crianças no Brasil nas décadas de 1920 e 1930”. In: *Memorandum*, 20, 2011.

<sup>321</sup> CERQUEIRA, Ede C. Bispo. *A sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina legal: debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Dissertação defendida no Curso de História das Ciências e da Saúde, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014, p. 115.

<sup>322</sup> CERQUEIRA. *Idem*, p. 115.

<sup>323</sup> SILVEIRA, Nise da. “Estado Mental dos Afásicos”. In: *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, RJ, nº. 101, setembro de 1944.

<sup>324</sup> SILVEIRA, Nise da. “Psiconeuroses: conceito clínico segundo Austregésilo”. In: *Trabalhos neurológicos comemorativos do jubileu de magistério do professor Antônio Austregésilo*. Rio de Janeiro, 1954, Irmãos Pongetti, p. 111-118.

<sup>325</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 111.

psicológicas”<sup>326</sup>. Dessa forma, segundo Nise da Silveira, “a doença, apresenta-se, portanto, não como algo especificamente diferente, mas constituída pela hipertrofia de elementos psicológicos normais”<sup>327</sup>.

Na visão da médica, Eugen Bleuer (1857-1939), trouxe para a psiquiatria uma renovação ao desenvolver o conceito de esquizofrenia não como uma espécie de evolução da demência precoce de Kraepelin, mas como algo mais complexo que envolve o inconsciente humano. Bleuer, abriria assim, na concepção de Nise da Silveira, o caminho para as investigações psicológicas na psiquiatria<sup>328</sup>.

### **3.2. As atividades plásticas como instrumento de luta e o questionamento do status da esquizofrenia**

Em 1952, a psiquiatra criou o Museu de Imagens do Inconsciente, utilizando o material produzido nos ateliês de pintura e moldagem da STOR<sup>329</sup>. Neste período, a médica havia adotado as perspectivas Junguianas, compreendendo as imagens desenvolvidas pelos internos do CPN, como linguagens do inconsciente. Nise da Silveira adotou a noção de inconsciente presentes nas análises de Freud, Bleuer e Jung. Conforme apontou Magaldi, essa noção afastava-se, sobretudo, psicologia da consciência e do racionalismo:

Sabe-se que a categoria foi consagrada a partir das formulações do pai fundador da psicanálise, Sigmund Freud. Na virada do século XIX para o XX, na Viena *fin-de-siècle*, esse autor distanciava-se significativamente da psicologia da consciência ao propor um campo de estudos e práticas destinados à investigação da face oculta da psique, território de desejos não somente desconhecidos, inexplorados, mas aparentemente distantes da esfera do racional<sup>330</sup>.

A pintura, a modelagem e o desenho foram, portanto, os dois eixos principais utilizados por Nise da Silveira como formas de tratamento no serviço de terapêutica ocupacional do CPN:

---

<sup>326</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 112.

<sup>327</sup> SILVEIRA, Nise. *Idem*, p. 114.

<sup>328</sup> SILVEIRA, Nise da. “Consideração teórica sobre ocupação terapêutica”. *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n.º. 225. Rio de Janeiro, janeiro de 1952, p. 2.

<sup>329</sup> SILVEIRA, Nise da. “Análise das atividades manuais em desenho, pintura, gravação e pirogravura”. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, n.º 5. Rio de Janeiro, 1956, p. 345.

<sup>330</sup> MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira. *Caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2014.

Sem dúvida, ao lado da modelagem, o desenho e a pintura são as atividades mais propícias à expressão dos estados afetivos. Desenhos e pinturas livres, espontâneos. Não pediremos ao nosso doente que reproduza com exatidão o mundo exterior nem que revista seres e coisas de uma beleza ideal, mas que se deixe conduzir pela mão e pelas emoções<sup>331</sup>.

Após a aproximação com Jung em 1954, Nise da Silveira escreveu uma carta ao psiquiatra, mostrando as fotografias das mandalas realizadas pelos internos do CPN. Em 1956, ela fundou um grupo de estudos sobre Jung. Entre 1957 a 1958, Nise da Silveira estudou no Instituto C. G. Jung em Zurique, com uma bolsa do CNPQ<sup>332</sup>. Neste período, a psiquiatra participou do II Congresso Internacional de Psiquiatria em Zurique, apresentando um trabalho com a colaboração do Dr. Pierre Le Gallais sobre as pinturas dos internos da STOR<sup>333</sup>:

Em nosso trabalho no “Centro Psiquiátrico Nacional” do Rio de Janeiro, vimos surgir, com impressionante constância, essas imagens circulares da pintura espontânea dos esquizofrênicos. O objetivo das forças curativas instintivas que se expressam por este símbolo é sempre o de reunir o que está fragmentado e unir o que está separado<sup>334</sup>.

Em Jung, Nise da Silveira encontrou o instrumento intelectual. Na visão da médica, esse abriu as portas para a possibilidade de os esquizofrênicos serem tratados a partir dos métodos de investigação psicológicos. Os trabalhos de Jung sobre “o simbolismo e as funções na vida psíquica” permitiram a médica a refletir sobre a questão das mandalas como “imagens primordiais”, símbolos universais, que refletem a ideia de “totalidade psíquica” e de “força curativa instintiva”<sup>335</sup>.

Logo, Silveira se ateu sobre os casos de psicose em Engenho de Dentro, a partir de métodos psicológicos de abordagem da doença mental<sup>336</sup>. A ideia de união apontada por Silveira foi sobretudo uma resposta a tese de Bleuler em que a esquizofrenia é entendida como uma cisão afetiva. Nesse sentido, pautada pela filosofia de Spinoza, Silveira estava propondo

---

<sup>331</sup> SILVEIRA, Nise da. “Análise das atividades manuais em desenho, pinturas, gravação e pirogravura”. In: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Outubro-novembro-dezembro, 1956, p. 346.

<sup>332</sup> FERREIRA, Marta Pires (Org). *Senhora das imagens internas. Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Cadernos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2008, p. 81.

<sup>333</sup> MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira. *Caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2014.

<sup>334</sup> SILVEIRA, Nise da. “Artigo do II Congresso Internacional de Psiquiatria –Zurique – 1957. Nise da Silveira/ Pierre de Gallais”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e. *Memória do Saber: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cevantes, 2013, p. 318-319.

<sup>335</sup> SILVEIRA, Nise da. “Artigo do II Congresso Internacional de Psiquiatria –Zurique – 1957. Nise da Silveira/ Pierre de Gallais”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e. *Memória do Saber: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cevantes, 2013, p. 318-319.

<sup>336</sup> Desde o início do século XX, existe um consenso entre os psiquiatras de que a esquizofrenia constitui um tipo de psicose.

a construção de uma unicidade das coisas, uma proposta através da produção das artes, uma reintegração do sujeito, ainda que esse estivesse desintegrado psiquicamente, o que constitui um dos sinais da esquizofrenia.

Em 1957, Nise da Silveira, considerou as atividades plásticas exercidas na STOR como “instrumento de luta”<sup>337</sup>. Dessa forma, na visão da psiquiatra, mais importante do que interpretar – tese psicanalítica – a produção dos esquizofrênicos, é deixar que os mesmos expressem as suas emoções e lidem com suas angústias de forma livre. A partir da psicologia analítica de Jung, a médica compreendeu que as imagens circulares, mandalas, constituem forças curativas instintivas que expressadas “por este símbolo é sempre o de reunir o que está fragmentado e unir o que está separado”.

Através do desenvolvimento das atividades artísticas como ferramenta terapêutica, Silveira construiu um caminho de análise da doença mental a partir dos eixos da criatividade e da expressão das emoções. Expressão, forças curativas instintivas, unir o que está separado, reunião da fragmentação, psiquismo, atividades criadoras, emoções são palavras em constante uso nos discursos de Nise da Silveira de 1949 até finais da década de sessenta.

A médica questionou o estatuto da esquizofrenia como uma doença no sentido clássico do termo, ou seja, com uma origem inerente, uma entidade clínica e na qual o doente se encontra em um estado afetivo de passividade como, por exemplo, havia analisado Henrique Roxo em 1929. Silveira manteve a tese de Bleuer, que entendia a esquizofrenia como um resultado da dissociação, cisão com o mundo exterior, ocasionada por situações externas que desempenham impacto psíquico forte em um sujeito, questões que envolvem, sobretudo, a afetividade. Psiquismo, afetividade e emoções foram temas inerentes ao método da psiquiatra.

Magaldi apontou que Silveira construiu um projeto médico científico ao longo de sua trajetória médica (década de quarenta a setenta), pautou-se sobretudo na vertente psicanalítica de Jung, o que constituiu uma “ambição monista típica da cosmologia romântica”<sup>338</sup>. No pensamento da médica, estiveram presentes formas de pensar os saberes a partir da ideia de unicidade, da recusa ao fisicalismo, ao mecanicismo e ao cartesianismo filosofias vinculadas à formação da ciência moderna<sup>339</sup>.

---

<sup>337</sup> SILVEIRA, Nise da. “Artigo do II Congresso Internacional de Psiquiatria –Zurique – 1957. Nise da Silveira/ Pierre de Gallais”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e. *Memória do Saber: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cevantes, 2013, p. 316.

<sup>338</sup> MAGALDI, Felipe Sales. “A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico. de Nise da Silveira”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan.-mar. 2018, p. 80.

<sup>339</sup> ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: Edusc. 2001.

A recusa de Nise da Silveira de operar com a ótica da ciência moderna, nos chama atenção para a forma como o projeto científico – noção que adotamos de Magaldi – da médica foi se construindo a partir de um eixo de valorização da subjetividade humana. Entretanto, esse olhar para as complexidades do sujeito pautado principalmente na afetividade foi uma linha de continuidade nos discursos de Silveira, que estiveram presentes desde a sua tese médica.

Entretanto, foi sobretudo em seu trabalho na STOR que o discurso de Silveira foi-se vinculando a concepção de unicidade do humano em contraposição ao modelo médico psiquiátrico organicista que estava pautado pela filosofia cartesiana que opunha razão e emoção, objetividade e subjetividade, no qual o sujeito é visto como uma máquina em desajuste<sup>340</sup>.

Do final da década de quarenta até os anos sessenta, a médica construiu discursos relacionados à terapêutica ocupacional, à esquizofrenia, ao inconsciente e aos inumeráveis estados do ser e subjetividade apropriando-se principalmente das teorias de Carl Gustav Jung, que seguiam fluxos que se distanciavam dos métodos utilizados pela psiquiatria vigente, que eram pautados influência que a neurologia passou a desempenhar na psiquiatria, a partir de finais do século XIX:

A eclosão de intervenções médicas como a psicocirurgia, o eletrochoque e o coma insulínico são importantes no sentido de apontar para algumas transformações marcantes na história da psiquiatria na passagem do século (...) Seria só a partir das pesquisas somatológicas do século XIX que a psiquiatria se fundiria cada vez mais com a medicina, afastando-se da égide do dualismo alienista rumo a uma ambição fisicalista no estudo e no tratamento da loucura (Serpa Jr., 2004; Venancio, 1993). Lobotomia, leucotomia, eletrochoque e insulinoaterapia, criadas no entreguerras, seguramente foram expressões exemplares dessa direção assistencial no período em questão<sup>341</sup>.

Em meados do século XX, os tratamentos do eletrochoque, a leucotomia, lobotomia e a insulinoaterapia vigoravam nos hospícios ao redor do mundo e no Brasil. Em sua experiência clínica no CPN, Nise da Silveira buscou encontrar uma nova compreensão para a doença mental, construindo uma forma de tratamento terapêutico humanístico em relação à psiquiatria vigente em meados do século XX. Nise da Silveira foi mostrando-se contrária às práticas psiquiátricas organicistas aplicadas nos tratamentos dos pacientes com esquizofrenia,

---

<sup>340</sup> MELO, Walter. “Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações”. In: *Mnemosine* Vol.5, nº2, p. 30-52, 2009, p. 39.

<sup>341</sup> MAGALDI, Felipe Sales. “A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico. de Nise da Silveira”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan.-mar. 2018, p.73.

tais como: o choque elétrico, a convulsão provocada por doses de insulina e a lobotomia<sup>342</sup>. A psiquiatra assinalou essa questão em entrevista a Ferreira Gullar:

Durante esses anos todos que passei afastada, entrou em voga na psiquiatria uma série de tratamentos e medicamentos novos que não se usavam. (...) Egas Moniz, que ganhou o prêmio nobel, tinha inventado a lobotomia. Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina e o cardizol<sup>343</sup>.

Silveira assinalou a Ferreira Gullar seu distanciamento em relação ao uso do Cardizol, eletrochoque e coma insulínico. Em relação ao uso do eletrochoque no CPN, apontou: “Quando o novo paciente ficou pronto para aplicação do choque, o médico me disse: ‘aperte o botão’. E eu respondi: ‘Não aperte’”<sup>344</sup>. Criado na década de 1930 por Ugo Cerletti, a eletroconvulsoterapia buscava alterações nas atividades cerebrais do paciente esquizofrênicos a partir do choque elétrico. Conforme Melo,

Nesses anos, a premissa que sustentava o eletrochoque como método terapêutico baseava-se na pretensa incompatibilidade entre a esquizofrenia e a epilepsia. Desta forma, poder-se-ia tratar a esquizofrenia caso se conseguisse provocar uma convulsão. Mas como se faz para provocar uma espécie de crise epilética? O psiquiatra italiano Ugo Cerletti, ao visitar um matadouro de porcos, verificou que, antes de morrerem, os animais recebiam uma descarga elétrica e entravam numa crise convulsiva<sup>345</sup>.

Neste sentido, a psiquiatria utilizava o eletrochoque como um instrumento para provocar uma crise convulsiva no paciente a fim de obter um comportamento quase vegetativo interrompendo às agitações motoras do mesmo e os conflitos emocionais.

O coma insulínico também foi um dos métodos dos quais Nise da Silveira buscou afastar-se: “Um dia apliquei choque de insulina em uma paciente e a mulher depois não acordava. Aflita, apliquei-lhe soro glicosado na veia e nada da mulher acordar. Tentei de novo, até que consegui. Aí disse: ‘Nunca mais’”<sup>346</sup>. O coma insulínico foi desenvolvido também nos anos trinta, por Manfred Sakel como forma de tratamento da esquizofrenia, de acordo com Melo<sup>347</sup>. De acordo com Silveira, foi este episódio de dificuldade de a paciente

---

<sup>342</sup> MELLO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira. Caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2014.

<sup>343</sup> Entrevista de Nise da Silveira a Ferreira Gullar. GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p.46.

<sup>344</sup> Entrevista de Nise da Silveira a Ferreira Gullar. GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p.46.

<sup>345</sup> MELO, Walter. “Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações”. In: *Mnemosine* Vol.5, nº2, p. 30-52, 2009, p. 33.

<sup>346</sup> Entrevista de Nise da Silveira a Ferreira Gullar. GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p.72.

<sup>347</sup> MELO. *Idem*, p. 34. “Sakel divide seu método em quatro fases: reparatória; de choques hipoglicêmicos severos; de repouso; e terminal. Na fase preparatória são administradas de 10 a 15 unidades diárias de injeção

voltar do como insulínico que a levou a procurar o então diretor do CPN, Paulo Elejalde, a fim de conseguir outro local de trabalho no CPN<sup>348</sup>.

A leucotomia, entretanto, foi de fato o método psiquiátrico mais criticado por Silveira. O caso de Lúcio, um dos artistas da exposição ocorrida em São Paulo que sofreu a interferência deste método, foi importante para a crítica da médica. É importante destacar a diferença entre a lobotomia e a leucotomia, ambas constituem operações no cérebro a fim de ocasionar no paciente intervenções psicológicas. Entretanto, existem diferenças específicas na operação cerebral. Além disso, apesar de ambas terem sido empregadas pelos psiquiatras brasileiros, foi a leucotomia o método do neurologista António Egas Moniz (1874 – 1945) que teve mais utilização e destaque<sup>349</sup>. Segundo Magaldi:

A primeira ficou mais conhecida como lobotomia (do grego *lobos*, porção e *tomos*, corte) e a segunda como leucotomia (“leuco”, branco, denotando a substância branca cerebral). Os termos passaram a ser sinônimos a despeito das variações técnicas empregadas por cirurgiões de hospitais psiquiátricos dos continentes americano e europeu. (...) Enquanto a operação de Freeman e Watts se dava a partir do desligamento das fibras entre o lobo pré-frontal e o tálamo, a de Moniz encontrava no lobo frontal seu alvo de intervenção<sup>350</sup>.

Em 1955, a médica analisou em um artigo escrito para a *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, a questão da leucotomia. Trata-se de uma crítica em que expõe os danos ocasionados pelo tratamento: “Dar-se-iam perturbações das funções de síntese à abstração, mudanças na esfera dos sentimentos e da moral, queda da atividade criadora, incapacidade para imaginar e planejar o futuro”<sup>351</sup>.

Em 1948, Lúcio havia sido encaminhado para a STOR com um quadro diagnosticado pelos médicos de esquizofrenia e tratamento com Cardizol e eletrochoque. Na sessão de Terapêutica Ocupacional, o paciente desenvolveu trabalhos de modelagem no barro. Suas obras foram expostas na exposição do MAN em outubro de 1949. No mesmo mês e ano, Lúcio sofreu a leucotomia.

---

intramuscular de insulina, até aparecerem os primeiros sinais de hipoglicemia. A partir de então, as doses passam de 5 a 10 unidades diárias até se atingir o primeiro choque. A segunda fase, a mais prolongada do método, constitui-se pelo coma insulínico, no qual ocorre a perda da consciência, atingida após a aplicação de 100 a 150 unidades de insulina. Este estado de coma induzido não deve ultrapassar 15 minutos, senão “o coma pode tornar-se irreversível”.

<sup>348</sup> GULLAR. *Idem*, p. 72.

<sup>349</sup> Em 1949, Moniz recebeu o prêmio nobel de medicina pelo desenvolvimento de sua técnica de intervenção cerebral, a leucotomia.

<sup>350</sup> MAGALDI, Felipe Sales. “A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico. de Nise da Silveira”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan.-mar. 2018, p. 72.

<sup>351</sup> SILVEIRA, Nise da. “Contribuição aos estudos dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora”. In: *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, nº 225. Rio de Janeiro, janeiro/1955, p. 3.

De acordo com Nise da Silveira, as obras do paciente após a interferência médica, foram marcadas pela “inexpressividade e grosseiro acabamento”, ou seja, este sofreu uma perda atividades criativas. O prejuízo das funções ligadas à criatividade, ou seja, a expressão da subjetividade, é na visão da psiquiatra, uma das principais perdas apresentadas pela pessoa humana após sofrer a leucotomia, pois ocorrem após a intervenção cirúrgica nas funções orgânicas cerebrais, “pobreza imaginativa, puerilidade de concepção, inabilidade de execução” das atividades<sup>352</sup>.

E qual seria na opinião de Silveira o melhor tipo de atividade terapêutica que se contraporía ao choque, a insulino-terapia e principalmente a leucotomia? As artes plásticas. Em 1949, Nise da Silveira deu início a sua defesa das atividades plásticas como funções terapêuticas nos hospitais psiquiátricos brasileiros:

Compreende-se, pois a importância da instalação de estúdios de pintura e de escultura nos hospitais psiquiátricos, tanto para meio de estudo de obscuros mecanismos psicopatológicos que se tornaram patentes nas produções plásticas, quanto pela função terapêutica de que a própria atividade artística muitas vezes se reveste<sup>353</sup>.

Em seu discurso de 1956 no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, a médica apontou como as STOR propiciava aos internos do CPN, o uso da criatividade, a expressão das emoções, a ampliação das relações com o mundo exterior, já que a inadaptação ao meio social seria marca uma característica básica da esquizofrenia. Neste sentido, “a experiência nos demonstrou, no Engenho de Dentro, que a pintura é um dos melhores meios para conseguir que o psicótico, saia da inatividade”<sup>354</sup>. Portanto, nas palavras da psiquiatra:

Sem dúvida, ao lado da modelagem, o desenho e a pintura são as atividades mais propícias à expressão dos estados afetivos. Desenho e pinturas livres, espontâneos. Não pediremos ao nosso doente que reproduza com exatidão o mundo exterior (...), mas que se deixe conduzir pela mão e pelas emoções<sup>355</sup>.

Em 1949, criticou os hospitais brasileiros seguiam “raízes e concepções já superadas” e que era necessário reformá-los<sup>356</sup>. Silveira chamava a atenção às péssimas estruturas dos hospícios brasileiros que se pareciam, conforme a médica, prisões que deixavam os pacientes

---

<sup>352</sup> SILVEIRA. *Idem*, p. 46.

<sup>353</sup> SILVEIRA, Nise. “Nove artistas de Engenho de Dentro”. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p. 95.

<sup>354</sup> SILVEIRA, Nise da. “Análise das atividades manuais em desenho, pintura, gravação e pirogravura”. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, n° 5. Rio de Janeiro, 1956, p. 351.

<sup>355</sup> SILVEIRA. *Idem*, p. 345.

<sup>356</sup> SILVEIRA, Nise. “Nove artistas de Engenho de Dentro”. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p. 95.

à deriva, pois estavam “habilitando edifícios-prisões chamados hospitais, abrigados e alimentados. Mas que se procure saber como correm para seus habitantes as longas horas dos dias, durante meses e anos a fio”<sup>357</sup>.

Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu a circulação das ideias da antipsiquiatria a partir da década de 1940, assim, segundo William Vaz de Oliveira destacou que: “Em poucas palavras, a antipsiquiatria negava praticamente tudo o que a psiquiatria tradicional afirmava a respeito da doença mental”<sup>358</sup>. Entretanto, a antipsiquiatria não pode ser pensada como um movimento unívoco, mas homogêneo<sup>359</sup>.

Em finais da década de cinquenta, Nise da Silveira começou a utilizar um conceito de Antoin Artaud<sup>360</sup> para pensar a doença mental, o que chamou de “incontáveis estados, cada vez mais perigosos e que o homem desconhece” (A. Artaud)<sup>361</sup>. Em 1969, em um artigo publicado na *Revista Manchete*, a psiquiatra destacou o diagnóstico da esquizofrenia como um tipo de rótulo. Além disso, a compreendeu não mais como uma doença com características das doenças das patologias orgânicas, mas apenas como resultante de uma cisão com o mundo exterior:

Sempre me pareceu sem importância fazer um diagnóstico e por um rótulo numa pessoa... Esquizofrenia... esquizofrenia... esquizofrenia... (...) A certa altura, me pareceu que a esquizofrenia não é uma doença propriamente dita, com as características clássicas das doenças. A esquizofrenia resulta de cisões com o mundo exterior, causadas por situações extremas, demasiado fortes para certos indivíduos<sup>362</sup>.

O argumento de Silveira se aproximou, neste período, de pensadores contrários as concepções da psiquiatria Pineliana e Kraepeliana<sup>363</sup>, tais como Michel Foucault que apontou

---

<sup>357</sup> SILVEIRA, Nise. “Nove artistas de Engenho de Dentro”. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996, p. 95.

<sup>358</sup> OLIVEIRA, William Vaz de. “A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria”. In: *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos*. Vol.181. Rio de Janeiro – Março de 2011, p. 11. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18n1/09.pdf>. Data de acesso: 30.06.2021.

<sup>359</sup> “Não obstante, nunca houve verdadeira unidade nesse movimento. Embora tenha sido iniciada por David Cooper, psiquiatra sul-africano radicado na Inglaterra, as ideias e os itinerários de cada um de seus pensadores devem ser estudados em separado. Além do mais, foi justamente por constituir revolta e insurreição contra as práticas exercidas pela psiquiatria e psicanálise tradicionais que a antipsiquiatria teve, ao mesmo tempo, duração efêmera e impacto considerável no mundo todo”. In: OLIVEIRA, *Idem*, p. 11.

<sup>360</sup> Conforme Antoin Artaud: “Se não houvesse médicos, não haveria doentes, pois foi pelos médicos e não pelos doentes, que a sociedade começou”. QUÉTEL. *Idem*, p. 204.

<sup>361</sup> SILVEIRA, Nise da. “Artigo do II Congresso Internacional de Psiquiatria –Zurique – 1957. Nise da Silveira/ Pierre de Gallais”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e. *Memória do Saber: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cevantes, 2013, p. 316.

<sup>362</sup> SILVEIRA, Nise da. “Minha vida na casa da solidão”. In: FERREIRA, Marta Pires. *Senhora das Imagens Internas. Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da Biblioteca Nacional, 2008, p. 69.

<sup>363</sup> Sobre a antipsiquiatria: “A antipsiquiatria, embora considerada um movimento de duração breve, teve e, ainda tem, papel especialmente significativo no campo da saúde mental, pois nos trouxe importantes reflexões

como a medicina tentou decifrar a essência da doença mental, pautando-se em um modelo orgânico, ao elaborar uma “sintomatologia” e uma “nosografia” das patologias mentais<sup>364</sup>. Em *Doença Mental em Psicologia*, publicado em 1961, Foucault realizou um questionamento acerca da legitimidade da doença mental e de sua relação com as fronteiras entre o normal e o patológico, “nada mais falso, sem dúvida, que o mito da loucura, doença que se ignora”<sup>365</sup>.

Ligado a um contexto de questionamento das teorias da psiquiatria oitocentista, Foucault questionou a visão de que a doença mental não constituía um tipo de patologia como as de origem orgânica. De acordo com o filósofo, a “desorganização total da vida psicológica, chamada por Kraepelin de Demência Precoce” e depois como a esquizofrenia por Breuer, entendida “de uma maneira geral, por um distúrbio na coerência normal das associações”, exige métodos de análise diferentes das doenças orgânicas. Por conseguinte, utilizar parâmetros de domínio fisiológico no âmbito psicológico seria, pois, da “ordem do mito”. Assim sendo, o filósofo propões pensar a doença mental a partir dos processos históricos e da história do sujeito.

---

sobre o assunto e, através delas, nos convidou a manter a discussão epistemológica. Afirmamos, então, com Delacampagne (2004, p. 32), que suas teses ainda são válidas, pois *ela renovou o campo da reflexão sobre a 'loucura', sobre a oposição entre 'doença' e 'saúde' mental, entre 'normalidade' e 'patologia'*”. In: SPOHR, Bianca & SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Bases epistemológicas da antipsiquiatria: a influência do Existencialismo de Sartre. In: *Revista da Abordagem Gestáltica – XV(2)*: 115-125, jul-dez, 2009. Confira ainda: COOPER, David. *Psiquiatria e Antipsiquiatria*. São Paulo, Editora Perspectiva, s.d; BASAGLIA, Franco. *A Instituição Negada*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

<sup>364</sup> FOUCAULT, Michel. *Doença Mental e Psicologia*. Lisboa. Edições Texto & Grafia, 2008, p. 57.

<sup>365</sup> FOUCAULT, Michel. *Doença Mental e Psicologia*. Lisboa. Edições Texto & Grafia, 2008, p. 57.

### 3.3. A terapêutica ocupacional como projeto de expansão

Na primeira metade do século XX, havia no país poucos hospícios que contavam com setores de terapêutica ocupacional, dentre os quais o CPN e o Hospital de Juqueri, São Paulo, sob a direção de Osório César e Ulisses Pernambucano, no hospital da Tamarineira, Recife<sup>366</sup>.

As três primeiras décadas do século XX, foram marcadas pela introdução das ideias psicanalíticas chegaram ao país tanto no meio psiquiátrico quanto no intelectual e artístico. Apesar de introduzida no país por vários médicos<sup>367</sup>, a psicanálise era um método de tratamento que ficava em segundo plano em relação as técnicas de tratamento de orientações biológicas<sup>368</sup>.

Conforme Rosa Carvalho, Osório Cesar publicou um livro que contribuiu para a expansão da psicanálise no Brasil, intitulado *Expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos símbolos na arte* (1929), que serviu para a compreensão dos símbolos nas manifestações artísticas através da noção de inconsciente<sup>369</sup>.

Vinculado ao modernismo, Osório César ao contrário de médicos como Henrique Roxo e Júlio P. Carrero, apropriou-se da psicanálise como instrumento de análise nos anos vinte fora do eixo eugenista, sem vincular o seu método às teorias organicistas. O trabalho de

---

<sup>366</sup> Os primeiros médicos brasileiros a pensarem a questão da arte do alienado no Brasil foi Ulisses Pernambucano e Silvio Moura. Esse último, destacou a questão em seu trabalho de conclusão de curso, *Manifestações Artísticas nos Alienados*, apresentado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1923, mas não chegou a trabalhar clinicamente com essa problemática. Ulisses Pernambucano, por sua vez, é considerado o primeiro médico interessado de fato nas atividades artísticas desenvolvidas em um hospital psiquiátrico. Esse realizou uma série de palestras em relação a produção plásticas dos doentes mentais do Hospital da Tamarineira. CARVALHO, Rosa Cristina Maria de. *A formação do pensamento estético de Osório Cesar: estudo dos textos sobre arte e cultura escritos no período de 1920 a 1960*. Tese Apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas, 2016, p. 17. ANDRIOLO, Arley. *Tracos primitivos: histórias do outro lado da arte no século XX*. 2004. Tese de doutorado em Psicologia Social – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

<sup>367</sup> “Seguindo a trilha aberta por Perestrello (1992) e Mokrejs (1993), podemos identificar como precursores do movimento psicanalítico no (...) Rio de Janeiro os nomes de: Arthur Ramos (1903-1949), Antônio Austregésio (1876-1961), Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Henrique de Brito Belfort Roxo (1877-1969), Maurício de Medeiros (1885-1966), Carneiro Ayrosa, Deodato de Moraes, Gastão Pereira da Silva (1897-1987), Neves-Manta (1903-?) e Júlio Pires Porto-Carrero (1887-1957). Estes autores durante as primeiras décadas do século XX, ou mais especificamente durante os anos de 1920 e 1930, destacaram em seus textos o valor da teoria psicanalítica para a compreensão do ser humano e dos fenômenos sociais, bem como seu efeito terapêutico para o tratamento da doença mental.” In: ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. “As contribuições de Júlio Pires Porto-carrero à difusão da psicanálise de crianças no Brasil nas décadas de 1920 e 1930”. In: *Memorandum*, 20, 2011, p. 123-134.

<sup>368</sup> Segundo Facchinetti, Franco da Rocha foi acusado de louco pelos colegas apenas pelo fato de ter publicado um livro intitulado *O pansexualismo na doutrina de Freud*, renomeado em 1930, como *A doutrina de Freud*. FACCHINETTI. *Ibid*, p. 135.

<sup>369</sup> CARVALHO, Rosa Cristina Maria de. *A formação do pensamento estético de Osório Cesar: estudo dos textos sobre arte e cultura escritos no período de 1920 a 1960*. Tese Apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas, 2016, p. 43.

César em Juqueri buscou analisar e expor os trabalhos artísticos produzidos pelos internos. Dessa forma, pode-se dizer que Osório César foi o médico precursor em acompanhar, analisar, catalogar e expor as produções materiais de internos de um hospital psiquiátrico do país, utilizando-se ferramentas de análise psicanalíticas dos anos vinte aos anos cinquenta<sup>370</sup>.

Nise da Silveira também foi uma das expoentes do modernismo no país. Como apontamos anteriormente, a médica atuou no CCM como intelectual divulgando as ideias do comunismo. Ainda na década de vinte, na Bahia, Silveira apropriou-se das ideias psicanalíticas de Freud para analisar a questão da criminalidade feminina. Ao trabalhar no CPN, como vimos, o principal método teórico da médica, além da psicanálise freudiana, foi aquele baseado nas ideias de Jung, que permitiu pensar uma forma de psicose – que é a esquizofrenia – a partir de investigações psicológicas.

Se Osório César manteve em Juqueri a preocupação de pensar a arte dos alienados, ou seja, a produção dos internos como artísticas, extraindo delas, questões como: a arte primitiva dos alienados; Nise da Silveira, apresentou a preocupação de pensar os trabalhos dos internos do CPN a partir da finalidade terapêutica/criativas que as atividades desenvolvidas na STOR representavam em si<sup>371</sup>. Entretanto, ambos desenvolveram interpretações com base em suas escolhas teóricas dos trabalhos dos internos de Juqueri e do CPN. César fincou-se nas teorias de Freud, sobre o inconsciente e a sexualidade, Silveira apoiou-se nas ideias de Jung sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo.

Ao realizar considerações teóricas em um artigo publicado em 1952 para a *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia* sobre a terapêutica ocupacional, Silveira atribuiu a chegada de Kraepelin à psiquiatria, a concepção da tese das origens orgânicas das doenças mentais, conforme a psiquiatra foi somente a partir das reflexões de Bleuer sobre a esquizofrenia que as portas foram abertas às investigações psicológicas acerca da doença mental<sup>372</sup>.

A abordagem de Silveira foi sendo construída a partir das contribuições de Bleuer sobre a esquizofrenia e de Freud a respeito do inconsciente humano. No entanto, foram as

---

<sup>370</sup> A trajetória de Osório César (1895 – 1979), em relação a arte dos alienados no Hospício de Juqueri, iniciou-se nos anos vinte. Em 1925, César publicou seu primeiro artigo “A arte primitiva dos alienados”. Em 1933, apresentou a palestra no clube dos artistas modernos (SP), “Estudo Comparativo Entre a Arte de Vanguarda e a Arte dos Alienados”. Em 1948, organizou a primeira exposição com a arte dos internos de um hospital psiquiátrico realizada no Museu de Arte de São Paulo. Em 1950, no I Congresso Internacional de Psiquiatria expôs as obras dos internos de Juqueri e apresentou o texto “Contribuição ao Estudo da Arte entre os Alienados”. ADRIOLLO, Arley. “A ‘Psicologia da Arte’ no Olhar de Osório Cesar: Leituras e Escritos”. In: *Psicologia ciência e profissão*, 2003, 23 (4), p. 74-81.

<sup>371</sup> “Para César, muito das manifestações artísticas nos alienados é fruto de atavismo, ou seja, regressão a épocas arcaicas. Trata-se da tese da filogenética, observada em Freud, para quem os conflitos sexuais recalcados são ecos de comportamentos primitivos”. In: ADRIOLLO. *Idem*, p. 79.

<sup>372</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 2.

considerações Junguianas sobre a esquizofrenia, os arquétipos, os símbolos e o inconsciente coletivo que se tornaram a ferramenta de análise de Silveira. O método de Silveira era um projeto científico e terapêutico que agregava a psicologia analítica às atividades oferecidas pela STOR, em especial, às artes plásticas. A produção de pinturas e esculturas realizadas pelos sujeitos que frequentavam a STOR, eram vistas por Silveira como formas de linguagem, de expressão e reorganização da psiquê.

Ao contrário, por exemplo, do trabalho de Osório César em Juqueri, Silveira não manteve uma preocupação em entender o valor artístico dos trabalhos produzidos na STOR. A discussão no âmbito da arte, não era a preocupação primordial da psiquiatra, mas sim o desenvolvimento de um método de tratamento para “psicóticos agudos”<sup>373</sup>.

Nise da Silveira, além de apontar o caminho da produção das atividades plásticas no CPN como um instrumento de luta, deu início a um pensamento de crítica e reforma dos hospícios brasileiros, buscando uma expansão para terapêutica ocupacional. Nesse sentido, na visão da psiquiatra, as ocupações terapêuticas, como por exemplo, as proporcionadas pela STOR, eram apenas amostras, pois não conseguiam contemplar a maioria dos internos desses locais:

Pois a verdade é que as tentativas de psicoterapias e ocupação terapêutica feitas nos nossos hospitais têm apenas o valor de amostras do que se poderá ser realizado, não chegando ainda a adquirir significação dado o reduzido número de beneficiados em face da imensa maioria desatendida<sup>374</sup>.

Em seu artigo de 1952, Nise da Silveira fortaleceu seu argumento de que a terapêutica ocupacional não estava sendo expandida, devido a estrutura social brasileira, que não permitia que “fosse utilizada, em benefício do homem, todas as aquisições da ciência, nem foi até agora possível dar a todos os doentes aquilo que se revelou eficiente quando aplicado a pequenos grupos”<sup>375</sup>.

Dialogando com o campo médico, Nise da Silveira buscava a expansão da terapêutica ocupacional, deixando para a figura do psiquiatra a função de organizar o tratamento do paciente e supervisionar a função do terapeuta. Dessa forma, conforme Silveira:

---

<sup>373</sup> SILVEIRA, Nise da. Consideração teórica sobre ocupação terapêutica. *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n.º. 225. Rio de Janeiro, janeiro de 1952, p. 8-9.

<sup>374</sup> SILVEIRA. *Idem*, p.91-98.

<sup>375</sup> SILVEIRA, Nise da. Consideração teórica sobre ocupação terapêutica. *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n.º. 225. Rio de Janeiro, janeiro de 1952, p. 8-9.

Todo hospital psiquiátrico deve ter o seu serviço de ocupação terapêutica organizado como uma unidade que funcione estreitamente articulada às demais unidades que entram no plano geral de tratamento dos doentes aí internados. Nenhum paciente será encaminhado a este serviço sem a sua folha de receituário planejada pelo psiquiatra. (...) Desde que as ocupações são prescritas na qualidade de agentes terapêuticos ativos, faz necessária a supervisão constante do psiquiatra e sua colaboração com o terapeuta<sup>376</sup>.

Em 1948, Silveira promoveu com o apoio do Instituto de Psiquiatria um curso de formação para terapeuta – enfermeiros e monitores – que auxiliavam Silveira na STOR, o que para a médica seria um passo importante para o desenvolvimento da terapêutica ocupacional nos hospitais psiquiátricos<sup>377</sup>.

No que diz respeito às atividades oferecidas na STOR, na década de cinquenta eram desenvolvidas, segundo Silveira, “oficinas de cesta, marcenaria, sapataria, encadernação, trabalhos manuais femininos, escola mista para alfabetização e aperfeiçoamento de conhecimentos”, além do “estúdio de pintura que possui a valiosa documentação de cerca de mil desenhos e pinturas” que comporiam, posteriormente, o acervo do MII no CPN.

A criação do Museu de Imagens do Inconsciente, foi um espaço de organização dos trabalhos produzidos na STOR com fins de estudo científico acerca das psicoses e como forma de avaliação das condições psicológicas que envolviam os homens e mulheres que frequentavam a STOR. Assim, a construção do museu dentro do espaço do hospital psiquiátrico, ainda que geograficamente fosse um lugar afastado da área do hospital, constituiu dos elementos do projeto de expansão que Silveira tinha acerca da terapêutica ocupacional que na visão dela, cada hospital psiquiátrico deveria ter uma STOR.

Em 1956, Nise da Silveira fundou fora dos muros do CPN, a Casa das Palmeiras, uma clínica de aberta que funcionava na Tijuca. A médica apontou para necessidade de um espaço que realizasse o papel de ponte entre o hospício e a vida social do sujeito que sai do asilo. Em 1967, a psiquiatra apontou o que em na visão seria este local:

No me trabalho do Engenho de Dentro, muito me impressionou o número de reinternações. Doentes que saem e voltam para o hospital. (...) É um ciclo infinito que se estabelece. O doente que sai do hospital, com seus sintomas clínicos superados não está de modo nenhum em condições de enfrentar a vida tal como ela se apresenta. Ele precisa de uma ponte entre o hospital e a vida social. A casa das Palmeiras é, precisamente, uma experiência de ponte<sup>378</sup>.

---

<sup>376</sup> SILVEIRA, Nise da. Consideração teórica sobre ocupação terapêutica. *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n.º. 225. Rio de Janeiro, janeiro de 1952, p. 6.

<sup>377</sup> SILVEIRA, Nise da. Consideração teórica sobre ocupação terapêutica. *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n.º. 225. Rio de Janeiro, janeiro de 1952, p.9.

<sup>378</sup> SILVEIRA, Nise da. “Minha vida na casa da solidão”. In: FERREIRA, Marta Pires. *Senhora das Imagens Internas. Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da Biblioteca Nacional, 2008, p, 81.

A criação do MII e fundação da Casa das Palmeiras, assim como a ênfase na terapêutica ocupacional, fazem parte da crítica de Nise da Silveira ao modelo psiquiátrico vigente de internamento. Entretanto, a médica não propôs o fim do hospício, mas uma reforma dessa instituição. Uma reforma que passava por um projeto de humanização e reorganização do espaço que os hospitais brasileiros apresentavam. Silveira não pensava em como acabar com a estrutura vigente de hospício. Ela se preocupava enfrentar o problema das internações em seu âmbito microssocial de atuação.

As concepções de modernização do país presentes nos discursos dos intelectuais brasileiros nas décadas de cinquenta e sessenta, estavam presentes no trabalho de Nise da Silveira. Foi neste período, portanto, que médica conseguiu construir uma abordagem alternativa à questão da saúde mental. De acordo com Jorge Ferreira:

Não seria exagero afirmar que, na década de 1950, surgiu na sociedade brasileira uma, geração de homens e mulheres que, partilhando de ideias, crenças e representações, acreditou que no nacionalismo, na defesa da soberania nacional, nas reformas das estruturas sócio-econômicas do país, na ampliação dos direitos sociais dos trabalhadores do campo e da cidade, entre outras demandas materiais e simbólicas, encontrariam os meios necessários para alcançar o real desenvolvimento do país e o efetivo bem-estar da sociedade.<sup>379</sup>

Nise da Silveira, discordou em seus discursos das teses da psiquiatria que também eram consideradas modernas de que os esquizofrênicos não possuíam capacidades afetivas. Ou seja, os questionamentos da psiquiatria ocorreram dentro do eixo das ideias modernas – que em sua maioria eram ligadas as concepções eugênicas – da psiquiatria brasileira. Pautada, sobretudo, nas análises de Jung e dos resultados práticos do ateliê de pintura e modelagem da STOR.

Nise da Silveira, assim como o círculo de pensadores dos anos trinta a sessenta buscou dar a sua contribuição para a construção de um projeto coletivo para o país<sup>380</sup>. Conforme destacou, a Lúcia de Almeida Neves:

A história brasileira dos anos quarenta e, mais especificamente, dos anos 50 tem, dentre outras, uma marca muito especial, a da crença na transformação do presente com o objetivo de construção de um futuro alternativo ao próprio presente. Nesse sentido, as ações humanas projetavam-se, deliberadamente, para a construção do amanhã. Havia um forte sentido de esperança, caracterizado por um mar cante consciência da capacidade de intervenção

---

<sup>379</sup> *Apud* NEVES, Lucília de Almeida. “Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964)”. In: FERREIRA, Jorge. O populismo e sua história. Debate e crítica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, p. 171.

<sup>380</sup> GOMES, Ângela de Castro. “As marcas de um período”. In: GOMES, Ângela de Castro (Cord.). *Olhando para dentro*. 1930-1964, p. 26-28. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Volume 4. Coleção História do Brasil nação: 1808-2010.

humana sobre a dinâmica da História, buscando-se implementar um projeto de nação comprometido principalmente com o desenvolvimento social.<sup>381</sup>

Silveira, portanto, através de seus discursos sobre seu trabalho no CPN contribuiu para a construção de um posicionamento ímpar sobre a questão da doença mental no Brasil. Em 1961, com base em sua experiência da STOR no CPN Silveira foi convidada pelo então presidente Jânio Quadros para elaborar um plano para a regulamentação e expansão do serviço de terapêutica ocupacional no país<sup>382</sup>. Assim, em agosto do mesmo ano, foi instituído o decreto nº 51.169 que visava a instituição da “seção de terapêutica ocupacional e de reabilitação no serviço de doenças mentais”, com base nos resultados experimentais ocorridos no Centro Psiquiátrico Nacional vinculado ao Serviço Nacional de Doenças mentais. Este decreto buscou a regulamentação da STOR (Seção de Terapêutica Ocupacional e reabilitação), e a manutenção deste serviço de reabilitação que deveriam ser estendidos aos hospitais psiquiátricos do país.

Conforme o decreto, ao encargo da STOR ficaria o fornecimento de planos de trabalhos, de supervisão e de reabilitação pelos hospitais e demais conveniados com o SNDM, além da organização de cursos, seminários e palestras com o objetivo de formação e aperfeiçoamento de especialistas em terapêutica ocupacional. A STOR também ficou responsável pela manutenção de um museu de obras plásticas como centro de estudo e de pesquisa. Lembrando que o Museu de Imagens do Inconsciente foi criado por Silveira na década de cinquenta e estava vinculado a STOR do CPN.

A Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação ficou incumbida de realizar estudos e proposições de planos a respeito da terapêutica ocupacional e também da reabilitação dentro do orçamento oferecido pelo Ministério da Saúde; a aprovação dos funcionários destinados a trabalhar no setor através dos cursos. Entretanto, o decreto deixou claro que somente o médico especialista em psiquiatria poderia dirigir uma STOR, com a aprovação do Diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde e do Diretor do S.N.D.M.

O decreto também apontou sobre os convênios entre entidades privadas e o Estado, no qual as primeiras deveriam receber do segundo financeiro para o serviço de terapêutica

---

<sup>381</sup> NEVES, Lucília de Almeida. “Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964)”. In: FERREIRA, Jorge. O populismo e sua história. Debate e crítica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, p. 170-173.

<sup>382</sup> Este decreto foi baseado no plano de saúde mental entregue por Nise da Silveira a Jânio Quadros no mesmo ano. Cf.: MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira. *Caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2014. Decreto nº 51.169, de 9 de Agosto de 1961. Publicação Original Portal Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-51169-9-agosto-1961-390856-publicacaooriginal-1-pe.html>.

ocupacional. Este ponto aparenta ter relação com a experiência da Casa das Palmeiras, uma instituição de ordem privada que até então sobrevivia de doações e que pleiteava a possibilidade do auxílio do Estado<sup>383</sup>.

### 3.4. O feminino na compreensão de Nise da Silveira através da análise psicológica

Em meados da década de quarenta, Nise da Silveira, como vimos, foi trabalhar no CPN, no setor de Terapêutica Ocupacional. No período em que esteve na função de psiquiatra na STOR, Silveira analisou em seus discursos sobre a saúde mental, os casos de duas mulheres: Ana e Maria<sup>384</sup>, ambas pacientes do CPN, diagnosticadas com esquizofrenia pelos psiquiatras vigentes no hospital. O caso da primeira foi alvo de reflexão por Silveira, em meados da década de cinquenta, enquanto o da segunda, em finais dos anos sessenta.

Silveira não era a responsável pelo diagnóstico e tratamento dos pacientes do CPN, pois suas escolhas terapêuticas em relação aos internos, se restringiam apenas ao espaço da STOR. Assim, as intervenções psiquiátricas em relação a essas mulheres, como a leucotomia realizada em Ana não era de alçada de Silveira.

Foi justamente nesse contexto de intervenção cirúrgica sobre Ana e outros pacientes do CPN frequentadores da STOR, que Silveira produziu um artigo para a *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, em 1955 afim de apontar críticas ao procedimento da leucotomia<sup>385</sup>. Diagnosticada com esquizofrenia, Ana frequentou a STOR a partir de 1949, realizando trabalhos manuais.

Ao refletir sobre o adoecimento psíquico de Ana, Silveira compreendeu que esse foi ocasionado por um casamento ruim e por conflitos emocionais. Conforme as informações coletadas pela psiquiatra no prontuário de Ana, essa teria adoecido após descobrir que seu marido pretendia matá-la. O esposo, por sua vez, não estaria cumprindo o seu papel social de bom cônjuge, “o marido pretende envenená-la e roubar-lhe o terreno que possui no interior”<sup>386</sup>. Segundo Silveira, Ana tinha, “Personalidade emocionalmente instável, sujeita a súbitas

---

<sup>383</sup> Decreto nº 51.169, de 9 de Agosto de 1961. Publicação Original Portal Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-51169-9-agosto-1961-390856-publicacaooriginal-1-pe.html>.

<sup>384</sup> Esses nomes são fictícios, com intuito de preservação dos reais nomes das mulheres analisadas.

<sup>385</sup> SILVEIRA, Nise da. “Contribuição aos estudos dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora”. In: *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, nº 225. Rio de Janeiro, janeiro/1955.

<sup>386</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 46.

explosões de irritabilidade”<sup>387</sup>. Assim, por conta de das excitações motoras, Ana foi internada pelo marido com sintomas entendidos como esquizofrenia<sup>388</sup>.

Ana desenvolveu na STOR principalmente pinturas de flores. As atividades artísticas assumiram, conforme destacou Silveira, o papel de expressão dos seus conflitos emocionais. Seus trabalhos revelaram, nas palavras da psiquiatra, uma “intensa tensão emocional”<sup>389</sup>. Podemos notar, assim, no discurso de Silveira sobre Ana, a concepção de uma natureza feminina patológica relacionada a ideia das emoções instáveis. Observamos ainda o espanto da médica por Ana não mencionar na STOR que fora do hospício era esposa e mãe: “Nunca se refere, porém ao marido ou aos filhos”<sup>390</sup>.

Aproximadamente doze anos após, escrever sobre Ana, Silveira analisou o caso de Maria em 1967, em um artigo publicado pela revista *Manchete*. Nesse texto, a psiquiatra partiu do método psicológico junguiano buscando entender as simbologias presentes na história de interna do CPN, abordando a partir da questão da mitologia, a médica também traçou ideias sobre a construção do feminino e da feminilidade<sup>391</sup>.

A cisão de Maria com mundo exterior, para Silveira, que teria precipitado o quadro de esquizofrenia, ocorreu pelo não cumprimento de seu destino de mulher. De acordo com a psiquiatra, Maria teria vivido em sua história pessoal, o mito grego de Dafne,<sup>392</sup> tirar o que representa na visão da médica uma identificação da filha para com a mãe. Essa identificação, levou Maria a não desenvolver sua condição feminina e os atributos considerados por Silveira como femininos, tais como, a maternidade. Conforme Silveira:

O mito de Dafne exemplifica a condição da filha que tão estreitamente se identifica com a sua mãe, a ponto de os próprios instintos não lograrem desenvolver-se. As relações filha-mãe, quando se fazem defeituosamente, poderão conduzir tanto a hipertrofia do instinto materno como o super desenvolvimento dos impulsos eróticos ou à atrofia das mais específicas componentes femininas<sup>393</sup>.

Além disso, a partir das atividades criadoras, Maria poderia na ótica de Silveira, confrontar-se com as forças que regem o inconsciente coletivo da humanidade, tais como, as

---

<sup>387</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 46.

<sup>388</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 46.

<sup>389</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 46.

<sup>390</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 46.

<sup>391</sup> SILVEIRA, Nise da. “Minha vida na casa da solidão”. In: FERREIRA, Marta Pires. *Senhora das Imagens Internas. Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da Biblioteca Nacional, 2008, p. 81.

<sup>392</sup> Segundo a mitologia grega, Dafne era uma ninfa, filha do rio deus Peneu. Apolo se apaixonou pela mesma. Dafne mudou de forma sendo transformada em um loureiro para afastar-se das investidas de Apolo, deus sol. Esse em contrapartida, passou a carregar folhas de louro em sua cabeça para levar seu amor consigo. Confira: <https://www.mitologiaearte.com/mitologia-grega/dafne/>

<sup>393</sup> SILVEIRA, *Idem*, p. 73.

das deusas antigas. Foram essas etapas que puderam trazer ao quadro de Maria momentos de estabilidade psíquica e afetiva. Neste período, Nise da Silveira não apresentava em seu discurso a pretensão de pensar na cura de Maria, mas apenas em apontar como os caminhos das atividades criativas eram em si terapêuticas e poderiam levar uma melhora no quadro da interna.

Na visão de Silveira, portanto, o relacionamento de Maria com sua mãe a impediu de cumprir essa função, pois não permitiu que essa vivesse o encontro do homem amado. Dessa forma, conforme Silveira, ao ser impossibilitada por sua família de viver um romance, Maria estrangulou a gata de estimação da família e acabou sendo internada no CPN com um diagnóstico de esquizofrenia<sup>394</sup>..

Em 1946, Maria começou a frequentar a STOR e, apesar de sua inicial recusa, acabou começando a pintar. As suas primeiras pinturas representavam figuras felinas, as gatas, o que na visão de Nise da Silveira compõe a não vivência por Maria de seus “instintos femininos”. Para a psiquiatra, a interna identificou-se com a gata, pois seria um “representante simbólico dos instintos femininos”<sup>395</sup>. Conforme a médica, a gata “reúne em si a graça sedutora, a lascívia e o desenvolvimento materno, ao lado de um núcleo de irredutível selvageria, atributos esses essenciais ao feminino”<sup>396</sup>.

Sedução, desenvolvimento materno e lascívia são atributos e instintos considerados por Nise da Silveira como da condição feminina. Silveira entendeu o desequilíbrio de Maria como uma questão ligada ao inconsciente de um sujeito que além de ser individual, como propôs Freud, também é coletivo, conforme Jung. Assim, os aspectos que compõe o feminino estariam para além de apenas uma natureza individual patológica, mas também de um fenômeno mais profundo que está no inconsciente da humanidade. As características do feminino seriam entendidas por Silveira a nível universal?

Através das atividades oferecidas pela STOR, a interna pôde ir ao encontro de seus instintos. Maria entrou em contato com os arquétipos das deusas mães da antiguidade enfrentando assim os dilemas de seu inconsciente. Lá teria esbarrado com as forças ameaçadoras e de possessividade, bem como com aspecto compassivo e amoroso das mães antigas: “dessa maneira, através do demorado trabalho de modelagem, ela travou contato com a dupla natureza das mães. O aspecto amoroso e o aspecto devorador”<sup>397</sup>.

Assim, para Silveira, o amor e a ira faziam parte dos atributos femininos. Essa ideia

---

<sup>394</sup> SILVEIRA. *Idem*, p. 75.

<sup>395</sup> SILVEIRA. *Idem*, p. 75.

<sup>396</sup> SILVEIRA. *Idem*, p. 75.

<sup>397</sup> SILVEIRA. *Idem*, p. 78.

também foi construída ao longo do século XIX, de que ao feminino pertencem as ideias de amor, da passividade, da maternidade que apresentam o paradoxo da raiva, do ciúme, ou seja, do descontrole emocional e sexual (lascívia)<sup>398</sup>.

No caso de Maria, Silveira identificou por meio de informações coletadas sobre a história da paciente, a causa de seu adoecimento que estaria no não encontro de Maria com seu amante e no não cumprimento de seu destino de mulher: a maternidade. Quando pensou sobre Maria, Nise da Silveira se debruçou sobre a fuga dessa para o reino das mães, ou seja, para um outro estado do ser, para um estado mais perigoso, no qual Maria precisou se confrontar com as forças devoradoras do feminino – com as grandes deusas.

Ao conseguir encarar essas forças, a mesma conseguiu descobrir o aspecto amoroso das mães antigas: “Lidando com elas, aquilo que antes era apavorante tornou-se inofensivo. (...) As melhoras clínicas de Maria são surpreendentes. Comunica-se conosco e com vários auxiliares da seção, participa de diversas atividades do hospital”<sup>399</sup>.

Assim, foi através do eixo da expressão criativa – a pintura e a modelagem envolvendo as figuras femininas – que, possibilitaram na visão de Silveira, o confronto de Maria com a situação dolorosa do meio familiar que ocasionou na mesma o quadro de adoecimento psíquico. Assim, ao olhar para algumas informações da história de vida dessas internas, especialmente de Maria, a psiquiatra buscava encontrar nas produções materiais formas de tratamento para a esquizofrenia: “Esse caso ilustra e evidencia de maneira claríssima a opinião de C.G Jung sobre o papel possível das atividades plásticas no tratamento da esquizofrenia”<sup>400</sup>.

Em um artigo publicado em 1965, na revista *Quartenio*, Silveira dissertou sobre a o psiquismo humano<sup>401</sup>. Assim como na análise posterior realizada sobre Maria, neste artigo Silveira relacionou o simbolismo do gato aos instintos femininos, “tão estreitamente próximo da natureza feminina”, assim o animal seria, “o representante principal, figurando como emissário do mundo arquetípico feminino, ao mesmo tempo a imagem simbólica e instinto”<sup>402</sup>. O gato, representaria, portanto, na ótica da psiquiatra, os instintos femininos e a feminilidade<sup>403</sup>. Analisando o simbolismo do animal especialmente entre a religião egípcia

---

<sup>398</sup> ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

<sup>399</sup> SILVEIRA, Nise da. “Minha vida na casa da solidão”. In: FERREIRA, Marta Pires. *Senhora das Imagens Internas. Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da Biblioteca Nacional, 2008, p, 80.

<sup>400</sup> SILVEIRA. *Idem*, p. 81.

<sup>401</sup>

<sup>402</sup> SILVEIRA, Nise da. “Minha vida na casa da solidão”. In: FERREIRA, Marta Pires. *Senhora das Imagens Internas. Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da Biblioteca Nacional, 2008, p, 80.

<sup>403</sup> SILVEIRA, Nise. “O simbolismo do gato”. In: *Quartenio. Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*. Rio

da antiguidade, a psiquiatra apontou a respeito da construção de representações femininas em algumas sociedades, chegando à conclusão de que existe um arquétipo e um instinto feminino universal. Assim, conforme Silveira:

Nessas metamorfoses de deusas, os egípcios exprimiam em imagens a verdade psicológica do eterno jogo de antagonismos, da luta de opostos, do predomínio momentâneo de um ou de outros polos contrários inerentes à alma humana e talvez ainda mais peculiares à alma da mulher<sup>404</sup>

Na década de sessenta, na visão da psiquiatra, a figura feminina assumiu em várias mitologias arquétipos triplos, divididos entre a representação da jovem, da mãe e senhora noturna, que foram refletidas em uma ideia de unidade da mãe/filha: “A unidade mãe-filha apresenta-se nos mitos sob o tríplice aspecto de Jovem Divina, de Mãe Divina e de Deusa Lunar, feminilidade esquiva juvenil, modelo de ciumenta dedicação materna e caráter noturno”<sup>405</sup>.

Assim, os aspectos representados nas deusas felinas egípcias, tais como: a amorosidade de Bastet e a ira de Sekmet, conforme Silveira, seriam características femininas. A noção de unidade e de “equilíbrio entre natureza e espírito” foram construídas por Silveira também a partir das contribuições do filósofo Baruch Spinoza (1632 – 1637), uma crítica a visão da psiquiatria brasileira que estava envolvida neste período com um modelo teórico mecanicista<sup>406</sup>. Segundo Silveira:

A resultante no momento atual, pelo menos no Ocidente, é uma escarpada separação entre natureza e espírito. De outra parte, porém, nunca cessaram ao longo dos séculos as tentativas de aproximação desses opostos, pois isso a tendência da complementação da personalidade humana<sup>407</sup>.

Segundo a médica, a união entre natureza e espírito e a aproximação dos opostos, manifestados pelo princípio feminino e masculino seriam essenciais para a compreensão da personalidade humana, “condição necessária à realização da síntese psíquica em torno do centro ordenador do inconsciente coletivo (self)”<sup>408</sup>. Como vimos, em seu trabalho na STOR,

---

de Janeiro: 1965, nº 1.

<sup>404</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p.38.

<sup>405</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p.41.

<sup>406</sup> “O homem esclarecido de nossa época costuma julgar os mitos, as histórias de fadas, os contos folclóricos, ingênuas fabulações inteiramente ultrapassadas. Entretanto, as produções do inconsciente de nossos contemporâneos, seus sonhos, apresentam ainda e sempre as mesmas imagens, os mesmos temas velhos de milênios. É nossas produções se plasmas dentro dos moldes eternos dos arquétipos, fatores estruturais do psiquismo profundo”. SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p.39.

<sup>407</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 44

<sup>408</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 44.

Silveira procurou afastar-se dos parâmetros teóricos da psiquiatria moderna de viés fiscalista, mecanicista e cartesiano. A escolha por Jung e por sua noção de inconsciente, fez sentido, na medida em que as teorias da psicologia analítica eram pautadas por uma cosmologia romântica e monista que se afastavam do cartesianismo.

Outro ponto encontrado nos discursos médicos de Silveira, nos anos quarenta a sessenta, foi a valorização da afetividade e da personalidade humana. Contudo, quando se tratou de pensar o psiquismo feminino, a psiquiatra universalizou a compreensão de personalidade feminina, através das ideias de instinto, entendido como natureza “uma realidade inerente à nossa condição biológica”, não significando “deixar que a consciência caia no domínio da esfera instintiva”<sup>409</sup>.

De acordo com Silveira, para se entender a integração da personalidade humana se faz necessário confrontar os “instintos e arquétipos”, sendo o primeiro no âmbito da natureza, enquanto o segundo nas representações sociais. Assim, no caso da mulher, o instinto foi compreendido pela psiquiatra, como algo inerente a condição biológica feminina, firmado em seu papel social de mulher e esposa: “Já se admite, portanto, que o princípio feminino, representado pela gata, precisa de atendimento e cuidado para evoluir a nível mais alto (animal que se transforma em mulher) e finalmente ser integrado (casamento)”<sup>410</sup>.

Nesse sentido, Silveira fez uso do método de análise dos sonhos, “produções do inconsciente, pelo método Junguiano” concluindo que os instintos e arquétipos femininos seriam “elementos arcaicos” que “permanecem vivos e atuantes, (...) num contínuo processo de elaboração através do tempo”<sup>411</sup>. refletindo na “situação psíquica da mulher contemporânea ainda em caminho para a complementação e integração de sua personalidade”. E que situação psíquica seria essa na compreensão da psiquiatra?

Seria a condição de supressão dos instintos femininos e da feminilidade que se expressariam na visão de Silveira através da maternidade:

A sonhadora tem um complexo de mãe negativo, donde repressão, desvalorização e atrofia dos instintos femininos. (...) o inconsciente vem fazer insistente pressão para que esses instintos sejam enfim reconhecidos e aceitos, condição preliminar indispensável para a totalização da personalidade (...) <sup>412</sup>

<sup>409</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 53.

<sup>410</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 53.

<sup>411</sup> SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 53.

<sup>412</sup> “Nos sonhos de nossos contemporâneos revela-se o prosseguimento do processo e aproximação dos opostos. Parece ter chegado o momento de a psicologia intervir. Se o animal reclama seus direitos, o encontro do espírito com a natureza terá de realizar-se agora, conscientemente num nível mais alto, acimada luta inconsciente e feroz entre os dois polos contrários”. SILVEIRA, Nise da. *Idem*, p. 44-45.

O artigo de Silveira sobre os aspectos simbólicos do gato, apontou em vários momentos o arquétipo da mãe divina representado nas deusas da antiguidade, assim como as qualidades que essa carrega: a passividade, a feminilidade, o amor, a docilidade versus o seu oposto ctónico a ira, o ciúme e a destruição. Sob a ótica da psiquiatra, a integração dos instintos femininos positivos e negativos, luz e sombra, yin e yang presentes no inconsciente, levaria a integração da sua personalidade feminina.

## CONCLUSÃO

Nise da Silveira, esse “personagem monumento”, sacralizado na história da saúde mental do país, a partir de uma imagem de rebeldia, relacionou-se com inúmeros discursos. Da teoria da Degenerescência às ideias de prevenção social, Silveira aproximou-se das ordens médicas eugênicas dos anos vinte. Nos anos trinta, transitou por espaços socialistas e antifascistas, afastando-se dessas ideias. Nos anos seguintes, começou a construção de um projeto médico científico que questionou o status da loucura criticando as teorias e práticas da psiquiatria biomédica.

Nesse sentido, Silveira em sua tese médica de 1926, fez uso dos discursos organicistas e deterministas acerca da natureza feminina, ora aproximava-se da antropologia criminal de Lombroso – em relação a ideia de crueldade feminina – ora afastava-se, principalmente no que diz respeito à visão da prostituição como um delito. Já em seu artigo à *Revista Criminal* (1928), Silveira pensou sobre a questão do trabalho feminino, tendo como exemplo a Rússia Soviética, chegando à conclusão de que esse seria a melhor forma de emancipação das mulheres. O trabalho feminino seria, na visão da médica, uma solução social para o problema da prostituição.

Assim, se entre finais dos anos vinte até os anos sessenta, Nise da Silveira teve diferentes compreensões sobre o feminino. A médica-psiquiatra construiu, portanto, vários discursos sobre as concepções do feminino. Em sua tese médica de 1926, etendeu que a mulher era psicologicamente e fisicamente mais fraca que o homem, sendo portadora de uma natureza patológica feminina. Em 1928, em sua entrevista a *Revista Criminal*, Silveira passou a ter um olhar que ligava a condição feminina e a mulher aos problemas sociais. Já nos anos cinquenta e sessenta, procurou vincular sua visão de feminino as contribuições junguianas sobre o inconsciente da mulher.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes:

### Manuscritos:

Processo de Nise da Silveira no Tribunal de Segurança Nacional. In: *Arquivo Nacional*.  
BR\_RJANRIO\_C8\_0\_APL\_0014\_V\_01\_d000.

\_\_\_\_\_. In: *Arquivo Nacional*.  
BR\_RJANRIO\_C8\_0\_APL\_0014\_V\_02\_d000.

\_\_\_\_\_. In: *Arquivo Nacional*.  
BR\_RJANRIO\_C8\_0\_APL\_0014\_V\_03\_d000.

### Impressos:

AUSTREGÉSILO, Antônio. *Perfil da mulher brasileira: esboço acerca do feminismo no Brasil*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1938.

BEZERRA, Elvira. *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Top books, 1995.

Clube de Cultura Moderna. *Revista Movimento do Clube de Cultura Moderna*. Rio de Janeiro, ano 1, n, 1, mai. 1935.

\_\_\_\_\_. “Estatutos do Clube de Cultura Moderna, fundado em 26 de novembro de 1934”. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 1935.

CASTRO, Tito Lívio de. *A mulher e a sociogenia*. Rio de Janeiro: Imprensa da Casa da Moeda, 1894.

Decreto Federal de extinção da União Feminina do Brasil, 13.06.1935.

Decreto Federal de instituição do Tribunal de Segurança Nacional. 11.09.1936, Lei nº 144.

Decreto Federal, lei nº 38, de combate a crimes contra a ordem política e social, 04.04.1935.

Decreto nº 51.169, de 9 de agosto de 1961. Publicação Original Portal Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-51169-9-agosto-1961-390856-publicacaooriginal-1-pe.html>.

Entrevista de Nise da Silveira ao Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1969. Caderno B, página 4.

Entrevista de Nise da Silveira a Ferreira Gullar. GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996

Jornal *A Manhã*, 25.05.1935.

KEHL, Renato. *Como escolher uma boa esposa*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1925.

Manifesto dos trabalhadores intelectuais ao povo brasileiro. s/d. Folha 362. Processo nº 191. Apelação nº 15 – *Nise da Silveira, Tribunal de Segurança Nacional*. Arquivo Nacional, Prontuário, nº 1945 (1933-1940).

MAROF, Tristan. *Radiografia de Bolívia*. La paz: s. ed., 1997.

MOREIRA, Juliano. “Querelantes e Pseudo-querelantes”. In: *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, IV, 1908.

Movimento. *Revista do Clube de Cultura Moderna*. Rio de Janeiro, ano 1, n, 1, mai. 1935.

RODRIGUES, Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre, 1938.

SALAS, Horácio. *Conversaciones com Raul González Tuñón*, Buenos Aires, Ediciones La Bastilla.

ROXO, Henrique. “Sexualidade e Demência Precoce”. *Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria*, Rio de Janeiro, ano I, p. 337-49, 1o trimestre 1919.

SILVA, João Otávio Motta Pompeu. “Dossiê Dops Nise da Silveira”. In: *Memória do Saber. Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

SILVEIRA, Nise da. “Análise das atividades manuais em desenho, pintura, gravação e pirogravura”. In: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, nº 5. Rio de Janeiro, 1956.

\_\_\_\_\_. Artigo do II Congresso Internacional de Psiquiatria –Zurique – 1957.

Nise da Silveira/ Pierre de Gallais”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e. *Memória do Saber: Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cevantes.

\_\_\_\_\_. “C.G. Jung e a psiquiatria”. *Revista Brasileira de Saúde Mental*. V.7. Rio de Janeiro, 1962-63.

\_\_\_\_\_. “Consideração teórica sobre ocupação terapêutica”. *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, nº. 225. Rio de Janeiro, janeiro de 1952.

- \_\_\_\_\_. “Contribuição aos estudos dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora”. In: *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, nº 225. Rio de Janeiro, janeiro/1955.
- \_\_\_\_\_. “Estado Mental dos Afásicos”. In: *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, RJ, nº. 101, setembro de 1944.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil*. Faculdade de Medicina da Bahia. Imprensa Oficial do Estado, 1926 (Tese original).
- \_\_\_\_\_. *Entrevista a Dulce Pandolfi*. FGV, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1992.
- \_\_\_\_\_. Entrevista concedida a David Bocai, Joel Bueno e José Paulo. In: *Revista de Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Ground Informação, n. 3, 1976
- \_\_\_\_\_. “Filosofia e Realidade Social”. In: FERREIRA, Marta Pires (Org). *Senhora das imagens internas: escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da BN, 2008.
- \_\_\_\_\_. “Minha vida na casa da solidão”. In: FERREIRA, Marta Pires. *Senhora das Imagens Internas. Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro, Cadernos da Biblioteca Nacional, 2008.
- \_\_\_\_\_. “O simbolismo do gato”. In: *Quartenio. Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*. Rio de Janeiro: 1965, nº 1.
- \_\_\_\_\_. “Nove artistas de Engenho de Dentro”. In: GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Psiconeuroses: conceito clínico segundo Austregésilo”. In: *Trabalhos neurológicos comemorativos do jubileu de magistério do professor Antônio Austregésilo*. Rio de Janeiro, 1954, Irmãos Pongetti.
- \_\_\_\_\_. “Psychologia das mulheres criminosas no Brasil: uma criminalista emite, a respeito, originaes e suggestivos conceitos”. In: *Revista Criminal*. Ano I, 1928, n. 12.
- \_\_\_\_\_. “Tese de doutoramento – 1926”. In: SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013.
- PORTO-CARRERO, Júlio. O exame pré-nupcial como fator eugênico. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VI, n. 2, 1933.
- \_\_\_\_\_. *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara; Waissman, Koogan, 1933.
- PORTO-CARRERO, Julio P. O caráter do escolar segundo a psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, 1(1): 63-69,1927-8.

## **Bibliografia:**

- ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. “As contribuições de Júlio Pires Porto-carrero à difusão da psicanálise de crianças no Brasil nas décadas de 1920 e 1930”. In: *Memorandum*, 20, 2011.
- ANDRIOLO, Arley. *Tracos primitivos: histórias do outro lado da arte no século XX*. 2004. Tese de doutorado em Psicologia Social – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. “As contribuições de Júlio Pires Porto-carrero à difusão da psicanálise de crianças no Brasil nas décadas de 1920 e 1930”. In: *Memorandum*, 20, 2011.
- AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996.
- ANTUNES, Eleonora Haddad. Raça de Gigantes: a higiene mental e a imigração no Brasil. In: ANTUNES, Eleonora Haddad; BARBOSA, Lúcia Helena Siqueira; PEREIRA, Lygia Maria de França. (Org.). *Psiquiatria, loucura e arte: fragmentos da história brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo, 2002.
- BERCHERIE, Paul. *Os fundamentos da Clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1980.
- BIRMAN, Joel. *A psiquiatria como discurso de moralidade*. Rio de Janeiro, editora Graal, 1978.
- \_\_\_\_\_. “Retomando a História”. In: *Percursos na História da Psicanálise*. Rio de Janeiro. Coleção Anánkê, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- CALIXTO, Carolina Fernandes. “Nise da Silveira e a República do Curvelo”. In: *Intelectuais comunistas do cone sul sob a mira do TSN acervo*. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 206-223, jul./dez. 2017.
- CARDOSO, Rafael Cardoso. *Modernismo e contexto político: a recepção da arte moderna no Correio da Manhã (1924-1937)*. In: São Paulo, *Rev. Hist.*, n. 172, p. 335-365, jan.-jun., 2015.

CARRARA, Sérgio. *Tributo à Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro. Fiocruz, 1996.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Pierre Bourdieu sobre Gênero e Educação. *Revista Ártemis*. N.1, João Pessoa, S/D.

CARVALHO, Rosa Cristina Maria de. *A formação do pensamento estético de Osório Cesar: estudo dos textos sobre arte e cultura escritos no período de 1920 a 1960*. Tese Apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas, 2016.

CASTEL, Robert. *A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

GOMES, Ângela de Castro. “As marcas de um período”. In: GOMES, Ângela de Castro (Cord.). *Olhando para dentro. 1930-1964*, p. 26-28. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Volume 4. Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010.

CASTRO, Ricardo de Figueiredo. *Contra a Guerra ou contra o Fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935*. Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História da UFF. Área de Concentração, História Social das Ideais. Niterói, 1999, f. 207-220.

CERQUEIRA, Bispo da Conceição Eder. *A sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina legal: debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, História das Ciências, Fiocruz, 2014.

COSTA, J. Freire. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976.

CUPELLO, Priscila Céspedes. *A mulher (a)normal: representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do rio de janeiro (1925-1933)*. Rio de Janeiro: 2013, p. 59. Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

DIAS, Paula de Barros. “Arte e ciência no Brasil (1946 – 1952): O apoio de artistas e críticos de arte nas origens do Museu de Imagens do Inconsciente”. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org>.

\_\_\_\_\_. *Arte, Loucura e Ciência no Brasil: as origens do Museu de Imagens do Inconsciente*. Dissertação Fiocruz. Mestrado em História das Ciências da Saúde, Rio de Janeiro: 2003.

ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios*. Rio de Janeiro: 1830 –1930. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

\_\_\_\_\_. “Psiquiatria e feminilidade”. In: Priore, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

FACHINETTI, Cristiana & CARVALHO, Carolina. “Loucas ou modernas? Mulheres em revista (1920 – 1940)”. In: *Cadernos Pagu* (57), São Paulo: 2019.

\_\_\_\_\_. & PONTE, Carlos. “De Barulhos e Silêncios: contribuições para a História da Psicanálise no Brasil”. In: *Psychê*, vol. VII, núm. 11, junho, 2003.

\_\_\_\_\_. & VENANCIO, Ana T. A. “Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil”. In: *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 2006, IX.

FERNANDES, Sandra Michelle Bessa de Andrade. *Nise da Silveira e a saúde mental no Brasil: um itinerário de resistência*. RN: Natal, 2015. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FERREIRA, Marta Pires (Org). *Senhora das imagens internas. Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Cadernos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira., 2001.

\_\_\_\_\_. *O imaginário trabalhista. Getulismo, PTB e cultura política popular*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira., 2005.

\_\_\_\_\_. & GOMES, Angela de Castro. 1964. *O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014.

FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008.

FOUCAULT, Michel. “A Governamentalidade”. In: *A Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Doença Mental e Psicologia (1951)*. Lisboa. Edições Texto & Grafia, 2008.

GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira. Perfis do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Damará, 1996.

JORGE, Marco Aurélio Soares. *Engenho Dentro de Casa. Sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental*. Dissertação para a obtenção de Título de Mestre em Ciências na Área de Saúde Pública. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1997.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

- \_\_\_\_\_. Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinquente*. São Paulo, Ícone, 2013.
- MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- MAGALDI, Felipe Sales. *A Unidade das Coisas Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, Brasil*. Rio de Janeiro: 2018. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ.
- \_\_\_\_\_. “A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico. de Nise da Silveira”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan.-mar. 2018.
- MELO, Walter. *Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações”. In: *Mnemosine* Vol.5, nº2, p. 30-52, 2009
- MELLO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira. Caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2014.
- NEVES, Lucília de Almeida. “Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964)”. In: FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.
- ODA, Ana Maria G. R. 2001. “A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira”. In: *Psiquiatria on line Brasil*, v. 6, n. 12.
- OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. “Intelectuais antifascistas no cone sul: Experiências associativas no cruzamento entre a cultura e a política (1933-1939)”. In: *Projeto História São Paulo*. São Paulo: PUC-SP, n. 47, 2013.
- OLIVEIRA, Edmar de Sousa Coelho. *Engenho de Dentro do lado de fora: o Território como Engenho Novo*. Monografia apresentada ao Curso MBA em saúde. Fundação João Goulart, 2008.
- OLIVEIRA, William Vaz de. “A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria”. In: *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos*. Vol.181. Rio de Janeiro, março de 2011.

PALAMARTCHUK, Paula. “Assimetria das transformações: Nise da Silveira (notas de pesquisa). In: AVELAR, Alexandre de Sá (Org.). *Contribuições da história intelectual do Brasil Republicano*. Ouro Preto: EDUFOP, 2012.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 1995.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. “Morel e a questão da degenerescência”. In: *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 490–496, setembro 2008.

PORTER, Roy. *Uma história social da loucura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

QUÉTEL, Claude. *História da Loucura: da antiguidade à invenção da Psiquiatria*. Volume I e II. Lisboa. Edições Texto & Grafia, 2012.

REIS, José R. Franco. *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, 1994

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social.” In: REVEL, Jacques (Org.) *Jogos de escala: a experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RINALDI, Alessandra. *A Sexualização do Crime no Brasil: um estudo sobre a criminalidade feminina no contexto de relações amorosas (1890-1940)*. Rio de Janeiro, Mauad, FAPERJ, 2015.

ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: Edusc. 2001.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Os comunistas e a questão da cultura contemporânea*. In: XII Encontro Anual da ANPOCS, São Paulo, 1988.

SANTOS, Bruna Rodrigues. “Promovendo Encontros: as contribuições de Promovendo encontros: contribuições de Michel Foucault e de Gilles Deleuze à produção do conhecimento histórico”. *Revista Ars Historica*, ISSN 2178-244X, nº 9, p. 19-35. [www.historia.ufrj.br/~ars/30.09.14](http://www.historia.ufrj.br/~ars/30.09.14) .

SANTOS, Elaine Maria Geraldo dos. “Antropologia Criminal nos primeiros anos da República”. In: *ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História – João Pessoa*, 2003.

SILVA, José Otávio Motta Pompeu e Silva. *Memória do Saber*. Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

SILVEIRA, Mário Magalhães da. *A Margem dos Meios Punitivos*. Tese inaugural apresentada a Faculdade de Medicina da Bahia. Cadeira de Medicina Legal. Outubro de 1926.

SIRINELLI, Jean François. “Os Intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª edição, 2003, p. 231-270.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila “*Gender: a useful category of historical analyses*”. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott)

SOIHET, Raquel. “História das Mulheres”. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro, Editora: Campus, 1997.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. “Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos de 1910 e 1920”. In: *Revista Brasileira de História e Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul/dez 2008.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Coleção História e Saúde, 2005.

SZASZ, Thomas *A fabricação da Loucura um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento de saúde mental*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1984.

VENANCIO, Ana T. A. “A Construção Social da Pessoa e a Psiquiatria: Do Alienismo à ‘Nova Psiquiatria’, p.124. In: *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva*. Vol. 3. Número 2. 1993.

\_\_\_\_\_. Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010.

\_\_\_\_\_ & CASSILIA, Janis A. “História da política assistencial à doença mental (1941-1956): O caso da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro”. In: *Simpósio Nacional de História – Anpuh*. São Leopoldo Unisinos, 2007.

\_\_\_\_\_. “Doença Mental, Raça e Sexualidade nas Teorias Psiquiátricas de Juliano Moreira”. In: *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14(2):283–305, 2004.

**ESCRITOS IMPRESSOS DE NISE DA SILVEIRA (1926 – 1967)**

<b>Ano</b>	<b>Local</b>	<b>Título do escrito</b>	<b>Temáticas</b>
1926	Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia	Ensaio sobre a criminalização da mulher no Brasil	Psiquiatria e medicina legal
1935	Revista Movimento	Filosofia e realidade social A luz do marxismo	Materialismo histórico
1944	Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia, RJ	Estado Mental dos Afásicos	Psicologia e neurologia
1945	Revista Cultura Psiquiatra. RJ	Conceito clínico da série Wilsoniana	Neurologia e psicologia
1949	Exposição no MAM. SP	Nove artistas de Engenho de Dentro	Psiquiatria saúde mental
1952	Revista Medicina, Cirurgia e Farmácia. RJ	Considerações Teóricas e práticas sobre Ocupação Terapêutica	Psiquiatria saúde mental
1954	Congresso Latino Americano de Saúde Mental.  Trabalhos neurológicos comemorativos do jubileu de magistério do professor Antônio	Contribuição ao estudo dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora  Psiconeuroses: conceito clínico segundo Austregésilo	Psiquiatria, medicina, neurologia.

	Austregésilo.		
1956	Jornal Brasileiro de Psiquiatria. RJ	Análise das atividades manuais em desenho, pintura, gravação e pirogravura	Psiquiatria, psicologia analítica e saúde mental.
1957	Artigo para o II Congresso Internacional de Psiquiatria – Zurique	Experiência de arte espontânea com esquizofrênicos num serviço de terapia ocupacional	Psiquiatria, terapêutica ocupacional, psicologia analítica e saúde mental
1962	Revista Brasileira de Saúde Mental	C.G Jung e a psiquiatria	Psiquiatria, psicologia analítica e saúde mental
1965	Quartenio. Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung.	O simbolismo do gato	Psiquiatria, psicologia analítica e saúde mental
1967	Revista Manchete	Minha vida na casa da solidão	Psiquiatria, psicologia analítica e saúde mental.

## CRONOLOGIA

- 1905 – Nascimento de Nise da Silveira em Maceió, Alagoas.
- 1921 – Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia.
- 1926 – Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia e apresentou o trabalho de conclusão, que era chamado de tese no período, “Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil”.
- 1927 – Chegou na então Capital Federal, o Rio de Janeiro. Iniciou o estágio na Clínica Neurológica do professor Antônio Austregésilo na Universidade do Brasil.
- 1928 – Publicou o artigo para revista de Criminologia.
- 1930 – Foi morar no Morro do Curvelo
- 1932 – Ingressou no Partido Comunista e foi nomeada auxiliar da Clínica Neurológica do professor Antônio Austregésilo.
- 1933 – Foi desfilhada do PCB e aprovada no concurso público de médica psiquiatra da Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental do HNA.
- 1936 – Foi presa e levada ao presídio Frei Caneca.
- 1937 – Saída da prisão.
- 1940 – Casou-se com Mario Magalhães da Silveira
- 1944 – Readmissão ao serviço público no Centro Psiquiátrico Nacional.
- 1946 – Criação do ateliê de pintura e modelagem na Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação em parceria com Almir Mavignier.
- 1947 – Exposição no Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro.
- 1949 – Exposição “9 Artistas de Engenho de Dentro”, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em parceria com Mario Pedrosa e Leon Degand.
- 1950 – Exposição no Salão Nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Enviou através do médico Maurício Medeiros uma coleção de desenhos, pinturas e esculturas para a Exposição Brasileira de Arte Psicopatológica no I Congresso Internacional de Psiquiatria, em Paris.
- 1952 – Fundação do Museu de Imagens do Inconsciente.
- 1954 – Estabeleceu contato com Jung Enviando ao psiquiatra suíço uma carta contendo fotografias dos trabalhos desenvolvidos na STOR.
- 1955 – Fundação do Grupo de Estudos C. G. Jung.
- 1956 – Fundação da Casa das Palmeiras com a médica Maria Stela Braga, a assistente social Lígia Loureiro, a artista Bela Pasleine e Alzira Lafayette Cortes.

1957 – Com o auxílio da bolsa do CNPq, participou do II Congresso Internacional de Psiquiatria em Zurique com a exposição “Esquizofrenia em imagens” – mostra dos internos da STOR – em parceria de Almir Mavignier. A inauguração da exposição contou com a presença de C. G. Jung.

1960 – Tornou-se membro da Sociedade Internacional de Psicopatologia com sede em Paris.

1961/1962 – Estudou no Instituto C. G. Jung, Zurique.

1961 – Entregou ao presidente Jânio Quadros um projeto de saúde mental e expansão da Terapêutica Ocupacional no país.

1963 – Deu continuidade ao seu trabalho na STOR onde se aposentou em 1975.